



A. M. McAndrew

AMO-TE MAIS DO QUE TE POSSO DIZER

TOP
SEL
LER

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



A. M. McAndrew

AMO-TE MAIS DO QUE TE POSSO DIZER

TOP
SEL
LER

AMO-TE MAIS DO QUE TE POSSO DIZER

A. M. McAndrew



os livros em primeiro lugar



Edição em formato digital: outubro de 2023

AMO-TE MAIS DO QUE TE POSSO DIZER

Título original: *Meet Me at the Lake*

Texto © 2023, A. M. MacAndrew

Todos os direitos reservados

© desta edição:

2023, Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda.

Topseller é uma chancela de

Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda.

Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa, Portugal

correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial Portugal apoia a proteção do *copyright*. Sem a prévia autorização por escrito do editor, esta obra não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, por meio de gravação ou por qualquer processo mecânico, fotográfico ou eletrónico, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas.

Edição: Diana Garrido

Revisão: Alda Couto

Ilustração da capa: Sara Costa

Design de capa © Helena Soares e Sara Costa

ISBN: 978-989-787-497-0

Composição digital: M.I. Maquetación, S. L.

Composição digital PRHGE: Luís Gomes

Site: penguinlivros.pt

Twitter: [@PenguinLivrosPT](https://twitter.com/PenguinLivrosPT)

Facebook: [topseller.editora](https://facebook.com/topseller.editora)

Instagram: [topseller.suma](https://instagram.com/topseller.suma)

Índice

Amo-te mais do que te posso dizer

Créditos

Prólogo

Parte 1

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Parte 2

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Parte 3

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Epílogo

Sobre este livro

Sobre A. M. McAndrew

PRÓLOGO

13 de dezembro — Controlo

Charlotte

A vida tem muito de aleatório, bastante de imprevisível e uma pequena dose daquilo que podemos controlar.

Sentada na borda da cama, sinto as lágrimas escorrerem até caírem no vazio. Agarro o telemóvel com uma força exagerada que traduz o meu desespero, mas isso em nada altera o facto de o ecrã se manter teimosamente negro, nada, nem um som. A raiva contida ao longo das últimas horas transformou-se primeiro em medo, depois em tristeza e agora em pânico.

As luzes do jardim, acesas no escuro da noite, brilham através da janela, refletindo-se sobre a água da piscina numa dança de cores ao som de uma música inexistente. O relógio da mesa de cabeceira marca oito e cinquenta. Temos um jantar e ela nunca se atrasa.

Aconteceu alguma coisa. Eu sei. Eu sinto.

Um acidente. Estava atrasada, acelerou, olhou para o lado, o camião que seguia à frente travou de repente, o carro vinha demasiado rápido, o piso estava molhado, derrapou, saiu da estrada e embateu com violência no muro de cimento. Foi tudo tão rápido! Um instante e acabou!

O meu coração bate descompassado, tenho a sensação de que vou vomitar a qualquer momento.

Será que me telefonavam se houvesse um acidente? Acho que não. Claro que não!

Tento evitar estes pensamentos. De certeza que não houve nenhum acidente.

Há meses que ela anda estranha, distante, como se escondesse alguma coisa. Será outra pessoa?

À hora do almoço, quando lhe liguei, não atendeu, não devolveu a chamada, nada. Mesmo quando está no consultório, vê o telemóvel e, no mínimo, envia uma mensagem.

Quem será? Uma colega? Pode ser a Pilar. Afinal estiveram juntas durante quase dez anos. Ela diz que se afastaram. Só pode ser isso, estão juntas, a rir, a beber um copo de *Pinot Noir*...

Ligo pela centésima vez. Não atende. Tento o número fixo. O consultório já fechou há mais de uma hora e a chamada vai parar ao gravador.

Entro na casa de banho e fixo o meu reflexo no espelho. Cabelo despenteado, a camisa branca manchada pelas lágrimas, com os botões desapertados, revelando a alça do sutiã.

E se não for apenas um atraso?

Volto a sentar-me na cama. Na janela nada mudou, como se o tempo não tivesse passado.

Subitamente, ouço passos na escada. Olho para a porta do quarto que, com o cair da noite, ficou imerso na escuridão, e reparo que as luzes do andar de baixo estão acesas.

A voz dela rasga o silêncio:

«Charlotte! Charlotte? Onde estás? Desculpa o atraso, amor. Estás pronta? Vamos sair? Já são quase nove. Nem sabes o que é que me aconteceu hoje...»

Chegou. Não está morta. Não está no hospital. A voz é normal e o tom o habitual.

O medo dá lugar à raiva, a tristeza vira fúria. Como se atreve a fazer-me sentir assim?

Elena

Entro em casa a correr, com a pulsação disparada e a respiração ofegante. Habitualmente chego antes das oito, mas hoje, logo hoje que vamos jantar a casa do António, estou atrasada.

Foi um dia difícil, daqueles em que o universo parece conspirar contra nós.

Que estranho, quando a porta do elevador se abre no *hall*, as luzes estão todas apagadas. A casa está escura e parece vazia. Mas o *Cayenne* estava estacionado lá em baixo na garagem.

Acendo as luzes e atravesso a sala, no sofá repousa o casaco comprido com que ela saiu esta manhã. Lá fora, consigo ver a relva cuidadosamente aparada, as sebes cortadas na perfeição e um canto da piscina sob o reflexo da Lua. Apesar da pressa, paro por um momento e sorrio. Recordo o calor do verão, o som da água, o repouso merecido de um livro numa toalha esticada na relva.

Subo a escada, saltando os degraus dois a dois e gritando o nome dela.

Estará no duche? Mas porque é que as luzes estão todas apagadas? E música? Porque é que não há música? Todos os dias, assim que entra em casa, liga o som. Muitas vezes, mesmo antes de pousar as coisas. Hoje só se ouve o silêncio e só se vê a escuridão, mas tenho a certeza de que ela está em casa.

Entro no quarto.

A Charlotte está sentada na borda da cama, imóvel. Ao seu lado, umas calças de veludo azul-escuro e uma camisa de seda branca. No chão, caído, o casaco prateado lembra-me de que esta noite há um jantar.

Ajoelho-me junto dela, mas, antes de conseguir encostar os lábios aos seus, ela desvia-se. Olha-me friamente com os olhos cobertos de lágrimas: «Como é que foste capaz? Como é que me pudeste fazer isto? Não queres mesmo saber, pois não?»

«Estás a falar de quê? De que é que eu não quero saber? Podes parar, podes falar comigo... Por favor!» Ela parece incapaz de ouvir, continua sentada na cama, a olhar para o chão. «Deixa-me explicar, Charlotte. Para um momento e ouve-me!»

Conheço-a há tempo suficiente para antecipar o que se passa. Sei que está zangada, deve ter ficado aterrorizada por não saber onde é que eu estava, ainda por cima atrasada e sem telemóvel desde a hora do almoço.

Será que vale a pena tentar explicar? Podia deitar-me ao seu lado, esquecíamos o jantar e ficávamos aqui abraçadas, juntas, até ela acalmar. Talvez este fosse mesmo o melhor plano. Talvez não. De certeza! Mas não sou capaz... tenho de lhe explicar. Quero

abraçá-la, confortá-la, e dar-lhe a certeza de que está tudo bem. Não faço nenhuma destas coisas. Começo a falar, mantendo-me sentada no chão mais ou menos na mesma posição.

«Eu sei..., eu sei que deves ter ficado preocupada, e tens toda razão, desculpa! Devia ter arranjado forma de ligar. Nem imaginas..., foi uma coisa atrás da outra..., no meio da confusão, acabei por não conseguir. Desculpa!», digo isto mantendo o tom de voz baixo e tranquilo, como se essa tranquilidade a pudesse acalmar, não só a ela como a mim própria. Suspiro profundamente e continuo: «Para de chorar, por favor! Hoje de manhã, quando saí do ginásio, tinha mais de duas horas antes da primeira consulta. Fui ao café da Lola, queria aproveitar para rever umas notas de sexta-feira. Fiquei na esplanada, bebi dois *cappuccinos*, fartei-me de trabalhar e falei com a minha mãe. Ela ligou para saber se vamos lá almoçar no dia 25. Parece parvo, mas, quando dei por mim, já estava atrasada. Saí a correr. Ia ligar-te quando cheguei ao consultório, mas vi que não tinha o telemóvel. Já não dava tempo para voltar atrás. Sabes quantos doentes tinha hoje? Sete. Está tudo muito agitado. As pessoas andam menos tolerantes..., como se não bastasse, tinha dois doentes novos. Um deles demorou mais de uma hora. A semana passada disse-te que me tinham ligado a pedir para ver um rapaz novo que tem umas queixas de cansaço e insónias, há meses, e ninguém lhe encontra nada que justifique isso. Quando acabei, saí a correr, voltei ao café, e, felizmente, o telemóvel tinha ficado lá, em cima da mesa. Não sei porquê, mas ficou sem bateria.»

Paro, sem fôlego, levanto a cabeça e olho diretamente para ela. Acho que parou de chorar. Inspiro profundamente e mudo a posição das pernas que me doem.

Falei tão depressa quanto fui capaz e sei que isso não tornou o meu discurso nem claro, nem harmonioso. Preciso de lhe dizer tudo, de lhe mostrar que não aconteceu nada, apenas uma série de circunstâncias infelizes.

O telefone toca e faz-nos estremecer a ambas. O som ecoa alto pelo quarto cortando o silêncio provocado pela minha pausa.

O relógio marca nove e quinze. Só passaram vinte minutos desde que cheguei e, no entanto, parecem-me horas. Deve ser o António. Continua à nossa espera para jantar.

A Charlotte não se mexe, permanece sentada, rígida, cruzando e descruzando os dedos de forma metódica.

Decido ignorar o telefone, que toca mais quatro ou cinco vezes acabando por se silenciar.

Ganho coragem e levanto-me, ficando de pé ao lado dela. Agora posso ver-lhe o rosto iluminado pela luz da janela. As lágrimas caem em silêncio. A camisa, com os botões de cima desapertados, expõe a sua pele. Por momentos, esqueço o que se está a passar e volto a sentir uma vontade imensa de a tomar nos braços, de a beijar.

«Podes não acreditar, mas, no meio da confusão, quando fui ao café procurar o telemóvel, deixei a carteira no consultório e ainda tive de lá voltar. Quando finalmente saí, o trânsito estava completamente parado. Fartei-me de buzinar, ao ponto de abrir a janela e insultar o homem do carro da frente. Não adiantou nada, claro! Tinha havido um acidente no túnel.», digo com sarcasmo. «Querida, peço-te mil vezes desculpa. Mas agora estou aqui... podes olhar para mim? Por favor! Diz alguma coisa.»

Charlotte

Mantenho-me imóvel, não por escolha, mas porque é impossível mexer-me. Logo depois de eles terem morrido, acontecia-me muitas vezes. Havia momentos em que via a minha vida do lado de fora, como uma espectadora que contempla os dias através de uma janela.

Aos poucos, deixo de sentir o sangue a latejar no pescoço e a sensação de vômito vai diminuindo.

Ela está de pé, à minha frente, à espera de uma resposta, à espera de um beijo, talvez mais, mas permaneço em silêncio, imóvel. Quero abraçá-la, segurá-la contra mim, para que não mais se separe, mas o corpo não me obedece.

Ela está viva. Não sofreu um acidente. Não está na cama da Pilar. Está aqui, à minha frente, desdobrando-se em esforços para me explicar o seu dia confuso, mas igual a tantos outros. Um dia «normal».

Adoro-a e isso apavora-me.

Perdida em pensamentos, com pena de mim mesma, não a vejo aproximar. Sinto os seus lábios tocarem levemente na minha bochecha. É um beijo suave, a explorar a segurança do caminho. Viro a cara e permito que os lábios se encostem. O meu coração dispara numa mistura insensata de desejo e paixão.

Com a ponta dos dedos, acaricia-me delicadamente o pescoço. Com a outra mão, agarra-me o cabelo junto à nuca e puxa, fazendo com que incline a cabeça para trás. No escuro, fecho os olhos e deixo-me ir, para onde quer que me leve. Empurra-me, fazendo com que fique deitada de costas sobre a cama. Sem dizer uma palavra, intensifica a pressão das suas mãos sobre o meu corpo. Os dedos deslizam do pescoço para os ombros, e daí para o rebordo da camisa entreaberta. Brinca e toca-me, sem ultrapassar o limite imposto pelo tecido. Pouco a pouco, a brincadeira torna-se mais séria, o desejo cresce, a sua mão sabe exatamente para onde quer ir, iludindo os sentidos e sondando zonas proibidas. O meu corpo reage como sempre acontece desde o primeiro dia, desde o primeiro beijo. Fico arrepiada, entregue, à espera do próximo movimento.

Ela concentra-se num beijo. Toca com a língua na minha, morde-me o lábio inferior, depositando em cada gesto toda a sua paixão. É um beijo que procura apagar as últimas horas. Um beijo que pede desculpa e que, ao mesmo tempo, impõe a intimidade que só os anos são capazes de construir. Neste beijo está uma declaração de amor. Correspondo.

Sem dar explicações levanta-se e entra na casa de banho, que fica ao fundo, deixando a luz acesa, o que dá ao quarto uma luminosidade indireta. Ativou a música, e faz-se ouvir um *jazz* suave, de um disco antigo.

Quando volta, tem vestidas apenas umas cuecas pretas. Caminha devagar, sabendo o quanto me excita. Senta-se ao meu lado e, com uma lentidão premeditada e exasperante, começa a desapertar os poucos botões da minha camisa que ainda permaneciam fechados. A camisa fica finalmente aberta deixando ver o sutiã branco que contrasta com o castanho da pele.

As suas mãos debatem-se com o fecho das minhas calças de ganga. As calças são justas, o que não facilita o trabalho. Mas, com gestos precisos e alguma força, consegue abrir caminho.

Já não consigo manter-me quieta, afasto as pernas e balanço a anca procurando o seu contacto. Quero-a!

Volta a passar os dedos pela minha barriga, apoia a palma da mão firmemente dentro das minhas calças, contra o tecido das minhas cuecas. Sei exatamente onde isto me leva e quero prolongar o momento. Tento não ceder à tentação de me roçar contra aquela mão. Mas é exatamente isso que acontece, e masturbo-me em silêncio. É perfeito. O tempo para. O espaço desaparece.

«É bom?», pergunta num murmúrio. «Vamos ver até onde é que consegues continuar a brincar...» Enquanto fala, usa a outra mão para afastar as cuecas para o lado e penetra profundamente dentro de mim. Quase não consigo respirar. Em êxtase, prendo o ar dentro do peito, tentando recuperar algum controlo e segurar um espasmo que se aproxima. Os dedos deslizam, primeiro suavemente, pedindo aprovação, mas aos poucos ganham confiança, e os movimentos tornam-se mais rápidos, mais fortes.

«Deixa-me despir, deixa-me sentir-te», murmuro.

Ela faz o que lhe peço. Livra-me finalmente da camisa e das calças, deixando-as cair para o chão, chega o edredão para trás e deito-me, de roupa interior, sobre o lençol de cetim imaculado.

Elena

Afasto-me silenciosamente enquanto ela se despe. O barulho da gaveta a fechar fá-la olhar para mim. Estou nua, no meio do quarto, com um lenço de seda rosa na mão. Sei que ela sabe exatamente o que pretendo, e não tenho dúvidas do quanto isso a excita. A imagem dela é quase suficiente para me provocar um orgasmo.

Em poucos segundos deito-me ao seu lado. Ela olha-me com um sorriso que não esconde a urgência. «Braços para cima!», ordeno.

«Não, por favor, não! Deixa-me tocar-te, deixa-me sentir-te», pede, fingindo implorar. Ao mesmo tempo e, porque ambas conhecemos bem este jogo, coloca os braços esticados sobre a cabeça. Uso o lenço e prendo-lhe os punhos com nós falsamente apertados. Ela, sempre tão dominadora, está aqui, vulnerável, entregue. Tenho dificuldade em controlar-me, encosto o meu corpo

nu contra o dela, na tentativa de acalmar. Como seria de esperar, tem o efeito oposto.

Passo os dedos sobre o sutiã e sinto os mamilos rígidos reagirem sob a pressão do toque. Ela contorce-se, mas não mexe os braços, deixando-os na posição em que os coloquei, como se o lenço os prendesse, de facto, a alguma coisa.

Arranco-lhe o sutiã e deixo os seios expostos. Beijo um e depois o outro, segurando os mamilos entre os dentes. Ela não contém um grito. Sei que não vamos aguentar por muito tempo. Avanço mais depressa. Levo os lábios junto ao elástico das cuecas, deposito um sem-número de beijos, e forço-as a descerem, atirando-as para longe. Finalmente, também ela está nua.

Volto a tocá-la com a língua, está ainda mais excitada do que antes, se continuar, vamos ambas perder-nos em segundos. Quero um prazer simultâneo, corpos unidos e gritos uníssonos.

Liberto o lenço que ainda lhe atava as mãos, e ela envolve-me imediatamente num abraço. Deixo-a tocar-me, enquanto ouço a sua voz junto ao meu ouvido repetir a frase que há muito aprendi a traduzir: «*Chérie, je t'aime plus que je ne peux te dire!*»

«Agora! Tem de ser agora!»

PARTE 1

CAPÍTULO 1

31 de dezembro — Ano Novo

Charlotte

A casa está cheia. Adoro festas! Quase esqueci esta sensação nos últimos meses. Não foi só a pandemia que nos afastou uns dos outros, a situação aqui em casa tem andado tão tensa que nunca parece ser o momento adequado nem para um jantar, quanto mais para uma festa.

Olho para as portas de vidro semiabertas que marcam a transição entre a sala e o terraço. Lá fora, as luzes douradas lembram-nos de que é Natal.

Num lapso de tempo esqueço a sala, o terraço, a festa de passagem de ano, e sou transportada para Paris. Recordo os jantares deslumbrantes da minha mãe, as ementas de *chef*, muitos deles amigos de casa, e os recitais de piano com que nos brindava no final da noite. Volto à passagem de ano do milénio. Nenhum de nós podia imaginar o que aconteceria. Os gémeos eram pequenos, tinham 6 ou 7 anos, corriam por entre os convidados, ignorando os avisos da minha mãe e obrigando a Anne, a nossa governanta de toda a vida, a persegui-los, emitindo à passagem breves pedidos de desculpa.

Naquela noite, nos meus 18 anos, sentia que o céu era o limite para aquilo que poderia fazer. Não seguiria advocacia como o meu pai, nem música como a minha mãe. Acabava de entrar numa das mais prestigiadas universidades de Paris e tinha uma certeza inabalável, daquelas que só nessa idade se podem ter, de que tornaria o mundo um lugar melhor, de que faria a diferença.

As minhas divagações são interrompidas pela voz da Elena junto

ao meu ouvido. «Um beijo pelos teus pensamentos», sussurra. Rodo a cabeça e beijo-a nos lábios. Um beijo doce, com sabor a champanhe. O aroma do seu perfume, intenso e sensual, faz-me sorrir.

«Em que pensas?»

«Estava longe, *chérie*... Numa festa de passagem de ano, com o meu pai e com o Leo, no apartamento de Paris.» Os meus olhos enchem-se de lágrimas.

Ela pousa a taça numa das mesas e coloca os braços em redor da minha cintura.

«É uma recordação boa, não é? Segundo sei, as festas da tua mãe eram épicas.»

«Tens razão. A minha mãe é única.»

«Eloise Hubert é uma lutadora, uma vencedora. Chegou onde chegou depois de superar coisas que a maioria de nós não conseguiria.»

Limpo os olhos com as costas da mão, fito-a, e dou-lhe um beijo. Sorri, e, como sempre acontece, faz aparecer duas covinhas nas bochechas. «Anda, temos de voltar para a festa», declaro.

«Ah..., quase me esquecia porque é que vim interromper os teus pensamentos. A Mari Cármen e a Lola pedem, por favor, e disseram para eu sublinhar o “por favor”, para tocares qualquer coisa.»

«Não posso, não consigo!»

«Vá lá... Há quanto tempo não tocas? Toca só uma ou duas músicas para lhes fazeres a vontade.»

Tudo o que não me apetece é sentar-me ao piano. Olho para ele, do outro lado da sala, majestoso. Um piano que demorei anos a escolher e que acabou por vir da Áustria, agora serve de peça de decoração da sala.

Sem força para continuar a argumentar, encaminho-me até lá. Os nossos amigos seguem-me de imediato, sentando-se nos sofás e no tapete. Num momento faz-se silêncio absoluto. As luzes da árvore de Natal, que quase toca o teto, mantêm o seu ritmo constante, dando à sala um brilho ora azul, ora dourado.

O que me ocorre primeiro é tocar uma música de Preisner, talvez por ser uma obra inacabada, talvez pelo contexto da perda. Pouso suavemente as mãos sobre as teclas. Há muito que não as sentia por

baixo dos dedos. É uma textura inconfundível. Sem me aperceber, estou a tocar e a sala enche-se com o som de *Song for the Unification of Europe*.

Quando o som do piano se extingue, segue-se um instante de silêncio, para logo ecoar um aplauso emocionado, de uma plateia fiel. As notas misturam desgosto com alegria, grandiosidade com humanidade e, no fim, deixam-me mais leve. Sem esperar que alguém peça, volto a colocar os dedos sobre as teclas, abano a cabeça e inundo a sala com o som alegre da *Garota de Ipanema*.

Depois do meu pequeno concerto improvisado, todos voltam às suas conversas distribuindo-se em pequenos grupos, no interior e no exterior da sala. Movimento-me entre os convidados, ouço planos para o novo ano e queixas sobre o que agora termina. Rio-me com as histórias da Lola e as situações hilariantes que acontecem diariamente no seu café.

Onde está a Elena? Olho em volta, não a vejo. É sempre igual, o coração acelera, as mãos suam, a respiração torna-se presente e o ar parece mais pesado.

Vou até ao terraço que, protegido por um acrílico transparente, permite uma visão ampla sobre o jardim, três pisos abaixo.

A Elena está sentada numa cadeira, lá em baixo, ao lado da piscina.

Consigo ver fumo no frio da noite. Será que voltou a fumar? Porque é que não me disse nada? É isso que anda a esconder? Está alguém ao seu lado, parece a Mari Cármen, a sua colega de consultório e amiga de longa data. Estão muito próximas, parecem tocar-se. Será que se passa alguma coisa entre elas? Claro que não, que pensamento estúpido!

As minhas mãos tremem, voltou aquela sensação de náusea que surge quando o meu pensamento voa para lugares negros e obscuros. Volto a olhar lá para baixo, o jardim está vazio.

A Elena surge à porta do terraço e, com um gesto, convida-me a entrar. Segura nas mãos duas taças, ainda vazias, que esperam para brindar ao novo ano.

Um vestido preto justo, colado ao corpo, alterna veludo com um

tecido semitransparente, e chega-lhe quase aos pés, dando margem para a imaginação. As mangas cobrem os braços até ao punho. As costas abertas deixam ver a pele e fazem adivinhar que não tem nada por baixo. No braço esquerdo, o relógio que lhe ofereci no Natal. Distraída a olhar para ela, quase que me desequilibro com o susto provocado pelo barulho de uma rolha de champanhe que salta, exatamente ao mesmo tempo que, lá fora, milhares de estrelinhas de fogo de artifício ribombam na noite.

Desejos para o próximo ano: Quero amar como nunca. Paixão, desejo... e viajar. Quero a Elena ao meu lado, sem medo de a perder. Os meus desejos confusos são interrompidos por um beijo. A sua língua invade a minha boca, entrelaça-se na minha, e brinca. Afasta-se um pouco, apenas o suficiente para poder olhar-me nos olhos, e murmura «Feliz Ano Novo, *chérie!*».

Elena

O novo ano quer chegar transparente, o céu está límpido, sem uma única nuvem, como se tivesse de ser escrito numa página em branco. Preciso desta transparência na minha vida.

Ouvi-la ao piano é demasiado para mim. Assim que soam as primeiras notas vêm-me as lágrimas aos olhos. Discretamente, abandono a sala e desço até ao jardim. Tenho urgência em sair daqui, preciso de respirar. Paro junto à piscina e detenho-me nos reflexos na água. Choro, sozinha no escuro, na última noite do ano.

Tenho tentado fechar os meus sentimentos numa caixa e manter uma paz fabricada, que me permita continuar o dia a dia da forma mais funcional possível. Levanto-me, vou ao ginásio, sigo para o café da Lola, bebo um *cappuccino*, ponho o trabalho em dia e sigo para a clínica. É uma rotina rígida que me permite manter a sanidade.

Sinto uma mão pousar firmemente no meu ombro, é a Mari Cármen. «O que é que se passa, miúda? O que é que aconteceu?», pergunta com um olhar que tem tanto de espanto como de preocupação.

«Tens um cigarro?», interrogo, ignorando as suas perguntas. Sem

mais, ela estende-me um maço e, logo em seguida, segura um isqueiro aceso à minha frente. Acendo o cigarro e inalo profundamente. Há precisamente um ano que não fumava.

A Mari Cármen concede-me uns minutos de silêncio e depois, direta como sempre, insiste: «Como é que está isso da gravidez? Tu, nos últimos tempos, quase não falas! Tenho respeitado. Não quis ser intrusiva, mas agora... bom, agora quero saber.»

«Não há muito para contar... Fizemos três tentativas. Eu estava superentusiasmada. Acho que ela nem tanto. Na verdade, se queres que seja sincera, acho que ela só aceitou isto tudo porque tem medo de que eu me vá embora.» Apago o cigarro e passo a mão pelo cabelo, esquecendo-me que tem gel. «A nossa relação está cada vez mais complicada, não sei até onde é que vou conseguir resistir.»

Paro de falar e olho para a Mari Cármen que se sentou na cadeira ao meu lado.

Ela não diz nada, e eu continuo: «Contei-te que, depois da primeira tentativa, os médicos pediram mais exames e descobriram que os meus ovários têm pouco potencial. “Pouco potencial”, um eufemismo para dizer que são velhos, ou seja, uma porcaria. Vê como o destino pode ser irónico, com ela, que nunca quis ter filhos, estava tudo normal. Pode ser a doadora dos óvulos. Parecia a solução perfeita. Correu bem, conseguimos os embriões, só que, depois disso, já fizemos três tentativas, e nada.»

Volto a ficar com os olhos enevoados.

«Sentes-te culpada?»

«Não, não me sinto culpada. Só triste. Acho que nunca vou conseguir. Tenho pensado em adotar, mas...»

«Mas o quê?», questiona a Mari Cármen, ela própria mãe de dois gémeos adotados.

«Tu sabes... É tão difícil. Sinto-me cansada, sem opções. Não sei... acho que o problema já não é só a gravidez.»

Tenho noção de que falei mais sobre mim nestes minutos do que durante o ano inteiro.

A Mari Cármen estende-me o maço e oferece-me outro cigarro. Aceito.

«Ouve, miúda, tu não és assim, estás pálida..., estás com um ar miserável, se queres que te diga. Tens de fazer alguma coisa, mudar

alguma coisa. É Ano Novo, talvez venha aí a solução. Tens obrigação de tentar ser feliz.»

Quando reentro na sala, vejo a Charlotte no terraço. Aproximo-me da porta e, com um gesto, convido-a a entrar. Ela avança na minha direção, olhando-me de alto abaixo, como se quisesse memorizar cada parte do meu corpo.

Estendo-lhe uma das duas taças vazias que tenho na mão. Por pouco o fogo de artifício não abafa a primeira rolha de champanhe que salta. Enquanto o céu explode numa coreografia de luzes e som, concentro-me nos meus desejos. Beijo-a, olho-a nos olhos e murmuro «Feliz Ano Novo, *chérie*!».

CAPÍTULO 2

10 de janeiro — Alícia Souza

Charlotte

Acordo e olho para a janela. O céu parece ainda não querer despertar. São sete horas e está completamente escuro. A Elena dorme profundamente ao meu lado. Mantém-se na mesma posição em que adormeceu ontem à noite, virada de costas para mim, com a cara escondida na almofada e o cabelo espalhado. Uma das pernas espreita fora do edredão, revelando a ponta das calças que, de tão enroladas, parecem calções. Mesmo a dormir, no seu pijama de flanela de quadrados azuis e brancos, tem uma beleza clássica e de certa forma intimidante. O rosto perfeitamente simétrico e o brilho dos seus olhos verdes anunciam alguém capaz de «fazer acontecer».

Devagar para não a acordar, encosto o corpo contra as suas costas num abraço. Ela vira-se e, sem abrir os olhos, dá-me um beijo. «Bom dia», diz baixinho quase num queixume.

Permaneço imóvel, já completamente desperta. Adoro esta mulher, faria qualquer coisa por ela, e, ao mesmo tempo, sei que não consigo fazer o necessário para ela ser feliz. Revejo mentalmente os últimos meses, as guerras, as palavras duras, os gritos e as lágrimas, os orgasmos e as juras de amor.

Não me vai levar a nada ficar aqui a martirizar-me, penso, decidindo por fim levantar-me. Ela muda de posição, volta a virar-se e fecha os olhos. «Só mais cinco minutos», diz entre dentes.

São duas e meia da tarde, o anfiteatro está quase cheio. Um ano inteiro com aulas à distância teve este efeito. Agora os alunos

querem estar presentes, desfrutam da companhia dos colegas e até mesmo da dos professores, como se fosse algo raro e precioso.

Eu gosto de salas assim, cheias. Cheias de vontade de saber, cheias de ilusões e de esperança, mas também de dúvidas e incertezas.

«Boa tarde, espero que as férias tenham sido revigorantes e que estejam motivados para o resto do semestre», começo. «O tema de hoje é a percepção que temos sobre igualdade de gênero.» Imediatamente ouve-se um burburinho na sala. «Sem barulho, por favor. É uma aula de debate mas temos de conseguir fazê-lo de forma organizada.» Quando os ânimos acalmam, reinício: «Vamos assumir, como ponto de partida para a discussão, que não há igualdade de gênero, pelo menos não no que toca a questões económicas, laborais, sociais ou familiares», ou seja, em nada, penso, fazendo um sorriso irónico que espero passe despercebido.

Enquanto falo vou mostrando *slides* com dados que dão conta desta realidade, usando o poder dos números para cativar a assistência. Durante algum tempo sinto que me ouvem com atenção, relativamente sossegados, mas aos poucos a tensão parece acumular-se dentro da sala.

Estou a apresentar um gráfico que mostra as disparidades salariais entre mulheres e homens, quando uma das alunas interrompe: «Professora, isso nunca vai mudar! Mesmo em profissões onde há muito mais mulheres do que homens, são eles que mandam. São sempre eles que ficam com os cargos de poder. Veja, por exemplo, na enfermagem, há muito mais mulheres, mas as chefias são sobretudo homens. E, se querem saber, não é diferente com os médicos ou com os professores...»

«A situação é transversal. Olhem no futebol. Tantos anúncios, tantas campanhas, mas na hora H, eles ganham milhões de vezes mais do que nós, e os treinadores..., os treinadores são quase todos homens. E já agora, porque não dizer, brancos e héteros.» Quem fala é a Samantha, uma jovem catalã, de pele negra, capitã da equipa feminina de futebol aqui da Universidade.

«Isso não é verdade! Vocês estão sempre com esses argumentos... Os homens ganham mais porque jogam melhor, não é por serem homens. Têm mais público. Têm mais patrocínios. É uma questão de

mercado e não de discriminação», intervém um rapaz, que se levantou na parte superior do anfiteatro.

A Samantha continua a argumentar, com emoção e muita raiva contida: «Diz lá..., sim, diz lá, quantas equipas masculinas têm treinadoras? Já se virmos as equipas femininas... E têm menos patrocínios? Não achas que são as televisões que mandam nisso? Dizem-nos o que temos de ver e já está! Claro, são homens que decidem... Ao fim de um tempo, até achamos que a escolha foi nossa.»

Na sala, o barulho é agora ensurdecedor. Trocam-se acusações e esgrimem-se razões, nem sempre da melhor maneira, nem sempre da forma mais educada.

«Por favor, vamos acalmar! Por favor, temos de nos conseguir ouvir uns aos outros», peço, sem grande sucesso.

O rapaz que falou continua de pé, a tentar defender o seu ponto de vista perante um grupo de colegas incrédulos. «Não se deixem ir atrás desses argumentos falsos, vocês não veem, são as pessoas que constroem as suas próprias oportunidades!» Notando que estou a olhar para ele e a ouvir o que diz, dirige-se diretamente a mim: «Não acha, professora?»

Sem me dar tempo para responder, a Samantha grita: «Cala-te! Não sabes o que dizes. É fácil ser filhinho do papá, não é?! Na empresa do teu pai, pagam o mesmo aos homens e às mulheres?»

A discussão está longe de terminar, «Claro que pagam. Se elas forem capazes de fazer o mesmo que eles... Isso das mulheres serem discriminadas é só um discurso fácil para não ver as verdadeiras diferenças.»

«Tu não vês, ou não queres ver?», pergunta, aos gritos, um dos colegas, que também se levantou. «Quantas pessoas tem o conselho de administração dessa empresa, sabes?»

«Sete...»

«E quantas mulheres?»

«Nenhuma. Mas isso não quer dizer nada. Os lugares são por mérito, não por ser homem ou mulher..., vocês não querem perceber...» Faz uma pausa e volta a olhar para mim. «A professora é mulher, é...», gagueja, recompõe-se e prossegue, «... e conseguiu ser uma investigadora respeitada, com um lugar na direção.»

«Queres dizer que sou mulher, negra, lésbica, e que, “mesmo assim”, consegui um lugar? Era isso que querias dizer, não era?» A frieza da minha voz corta o ar como uma lâmina e faz silenciar a sala. «Sim, sou isso tudo, e nenhum desses atributos deveria interessar para me avaliar enquanto profissional.»

«Não..., não era isso que eu queria dizer... »

«Claro que era!», grita a Samantha.

«Claro que era!», repito, já mais calma.

A confusão desapareceu e deu lugar a um silêncio pesado. Ninguém parece ser capaz de dizer mais nada. Lá em cima, ele arruma as coisas e sai, deixando a porta bater com estrondo.

Olho para o relógio, já passam dez minutos das quatro. A aula já devia ter terminado. Respiro profundamente: «Estas discussões são importantes. Obrigam-nos a pensar e a ouvir a opinião dos outros, o que é habitualmente a parte mais difícil. Defendemos a liberdade de expressão, mas não deixo de pensar que nem tudo deveria poder ser dito.» Caminho para junto da secretária e despeço-me: «Boa semana, na próxima aula continuamos.»

Pouso a pasta de pele preta sobre a cadeira e arrumo-a metodicamente, aos poucos a sala vai-se esvaziando. Levanto a cabeça, e vejo o Paco descer a escada na minha direção, acompanhado de alguém que não reconheço.

«Alícia. Alícia Souza», apresenta-se, como se o nome devesse ter algum significado. Permaneço calada e ajeito os últimos papeis dentro da pasta.

O Paco, ao lado dela, intervém, procurando esclarecer a situação: «Charlotte, a Alícia chegou hoje de São Paulo. Ela foi ao gabinete à tua procura, e eu convidei-a para vir até aqui... Não sabia que íamos ter a oportunidade de assistir a este verdadeiro duelo.»

Na minha cabeça tudo se encaixa num instante. Há dois anos, em colaboração com uma das maiores universidades do Brasil, lançámos o Prémio Bertha Lutz para distinguir, anualmente, o melhor trabalho em Estudos do Género. A Alícia Souza foi a vencedora da edição do ano passado.

«Claro! Alícia, boa tarde, muito prazer. Charlotte Grimaux», apresento-me, embora desconfie que esta é uma apresentação totalmente desnecessária. «As minhas mais sinceras desculpas, não

esperava ver-te aqui. E tenho de confessar que toda esta discussão me deixou um pouco perturbada. Como é que é possível que se continue a mitigar as situações e a argumentar como se elas fossem apenas fruto da retórica...», digo, estendendo-lhe a mão.

A Alícia ignora a minha mão estendida e cumprimenta-me com dois beijos. Nem sei se retribuo devidamente, tamanha a minha estupefação.

«Desculpa», digo mais uma vez, «com a pandemia, acho que deixámos de saber até mesmo como nos cumprimentar.»

«Por favor, Professora, não peça desculpas. Estou tão feliz por estar aqui. E ainda mais por poder conhecê-la pessoalmente. Trabalhar consigo é uma honra.» A Alícia fala com uma mistura de sotaques que dá à sua voz uma melodia estranhamente agradável.

«Infelizmente, tenho de vos deixar, vou ter aula agora.» O Paco olha para o telemóvel e pega na mochila. Já quase me tinha esquecido que ele estava aqui.

«Claro que sim, vai. Obrigada por teres trazido a Alícia.»

Saímos para o corredor, o Paco afasta-se, e nós encaminhamo-nos para o meu gabinete, poucos metros adiante. Deixo a pasta no chão e num impulso digo: «Alícia, queres vir tomar um café? Podemos conversar um pouco e ficas a conhecer o bar. É um sítio muito útil», gracejo.

Que convite despropositado. Vou levá-la ao bar? Eu nunca vou ao bar.

Entramos e sentamo-nos, lado a lado, numa pequena mesa de canto, uma das únicas vazias a esta hora. Peço um café com leite, e ela um chá. Olho finalmente para a mulher que está sentada à minha frente. Estamos tão próximas que volto a sentir o seu perfume e a ter a mesma sensação de há pouco.

Para tentar dar alguma normalidade à situação, começo a falar: «Alícia, desculpa a confusão de há pouco. Não é sempre assim!», digo com uma gargalhada nervosa. «Agora de uma forma mais tranquila, queria reforçar que temos mesmo o maior prazer em receber-te. Espero que estes dois anos sejam suficientes para desenvolvermos o projeto. Gostava de publicar pelo menos um artigo em cada ano.» Interrompo o que estou a dizer porque, inesperadamente, ela ergue a chávena, esperando a minha para um

brinde.

«Bebo às suas palavras», declara, rindo abertamente, fazendo balouçar os caracóis castanho-dourados.

«Fala um pouco sobre ti, tudo o que sei é que estudaste Sociologia e fizeste um mestrado em Estudos do Género. O teu trabalho sobre as comunidades da Amazónia é soberbo, um justo vencedor do Prémio.» Apesar de fazer várias perguntas, não lhe dou espaço para responder. «Já conhecias Barcelona?»

«Não, é a minha primeira vez. Sou de São Paulo, vivi lá sempre e, sem surpresa, estudei na USP. Acho que não podia trabalhar noutra coisa, toda a minha vida foi passada a ouvir falar sobre discriminação. Os meus pais são advogados. O meu pai é especialista em casos de violência doméstica e a minha mãe trabalha para uma organização não governamental de direitos LGBTQ+. Não sei se foi por causa disso, ou se era de mim, mas desde criança que penso nestas coisas.» Ela volta a sorrir e olha para mim, conferindo que estou a prestar atenção.

Faço um gesto com a cabeça e devolvo o sorriso.

«Não há muito mais para contar... Como eu estava a dizer, crescemos em São Paulo, eu e o meu irmão. Ele é três anos mais velho que eu, estudou Direito, e agora vive nos Estados Unidos. Teve um bebé o ano passado. Com tudo o que tem acontecido, não conseguimos ir ao casamento, e eu ainda nem vi o meu sobrinho.» Por uma fração de segundos, o seu olhar fica triste. «Antes de saber que tinha ganho o Prémio, estava a pensar seriamente em mudar-me para Nova Iorque. Até me candidatei a um estágio. Infelizmente, não fui aceite.»

Ainda bem que não foi aceite, penso, senão não estaria aqui. A conversa prossegue sem dificuldade, a Alícia fala dos amigos, da casa dos pais no Bairro de Pinheiros, e da experiência na Amazónia.

«Sabe Professora, a Amazónia tem um fascínio que é difícil de explicar. Sempre teve... pelo menos para mim. Quando eu era pequena, sonhava em ser bióloga, queria explorar as florestas, conhecer as pessoas que lá viviam. Era como se fosse uma espécie de mundo mágico. Quando iniciei o mestrado, estavam a começar um projeto sobre a aprendizagem das crianças que vivem em comunidades indígenas. Eles tinham montado uma pequena equipa,

e iam passar três meses junto de uma dessas comunidades. Decidi aproveitar a coincidência e pedi ao professor responsável para ir também. Embora a minha ideia inicial fosse estudar as desigualdades de gênero numa favela em São Paulo, de um dia para o outro, mudei de tema. Seis semanas depois, partimos. Mudou a minha vida... e ganhei o Prémio. Quando me telefonaram, primeiro pensei que era um engano, depois julguei que era um dos meus amigos a gozar..., ainda me custa a acreditar.»

Continuamos a conversar por mais algum tempo, deixando já agendada uma reunião para a próxima semana. Quando nos despedimos é como se fôssemos velhas conhecidas.

Saio da Universidade, entro no carro, mas não ligo logo o motor. Olho para o relógio, são seis e meia. Penso em telefonar à Elena, mas, em vez disso, ponho a música a tocar e o carro é inundado pela voz da Elis Regina.

Sigo a estrada que me leva até à praia. Quero ver o mar. É um desafio quase impossível, pois a esta hora já está noite cerrada.

Volto a pensar na Alícia. Recordo os seus caracóis e os olhos cor de avelã, marcados por olheiras profundas de quem atravessou o Atlântico e ainda não dormiu.

A praia está deserta. Outra coisa não seria de esperar num fim de tarde do início de janeiro. Mesmo assim estaciono, aperto o casaco até ao pescoço e saio. Sem me importar com as botas de camurça, caminho na areia húmida até chegar perto da água. O mar quase não se distingue na escuridão, mas faz-se ouvir claramente. Fico ali parada, em pé, não sei durante quanto tempo.

Tenho de voltar. Retiro o telemóvel do bolso, três chamadas não atendidas e uma mensagem da Elena, avisando-me de que já está em casa. Ligo-lhe.

CAPÍTULO 3

12 de janeiro — Mercedes Ferrà

Elena

Cento e trinta, cento e trinta e cinco, cento e quarenta... Olho para o meu relógio novo, uma das muitas prendas de Natal que recebi da Charlotte. Até nisso ela consegue ser exagerada. Forço os joelhos a subir e a descer, concentrando a força na parte de trás das pernas. O movimento oscilante da elíptica faz-me recordar a neve e as férias de quando era pequena. Aprendi a esqui aos 8 anos, numa estância nos Pirenéus. Ficávamos todos os anos no mesmo hotel, um edifício gigantesco, ou pelo menos é assim que o recordo. Durante aqueles dias os meus pais não pensavam em trabalho. Com a alegria de uma criança que quer ir brincar, o meu pai levantava-se cedo, e acordava-me a mim e à minha mãe. Ainda consigo sentir o cheiro do chocolate quente e o sabor das panquecas com manteiga derretida. Depois do pequeno-almoço, ela seguia para o terraço com um livro debaixo do braço, e nós vestíamos os fatos, pegávamos nos casacos e partíamos para as pistas.

Hoje, a sala do ginásio está inexplicavelmente vazia. Apenas um jovem, presença habitual desta hora da manhã, corre na passadeira do canto, ao mesmo tempo que se concentra no filme que passa na televisão pendurada na parede.

Desde que comecei a trabalhar na clínica e deixei o hospital que venho aqui todos os dias de manhã, chego bem cedo e treino durante duas horas. Acabo por conhecer a maioria das outras pessoas, embora as nossas conversas não passem de um «olá» ou, no máximo, de uma reflexão sobre o tempo ou sobre uma máquina avariada.

Olho outra vez para o espelho à minha frente e já não é só o rapaz que corre, duas passadeiras à sua esquerda, está agora uma mulher. Podia jurar que nunca a vi por aqui mas, ao mesmo tempo, parece-me conhecida. Quem será?

Mergulho numa fantasia sobre a vida desta mulher que observo através do espelho. É alta, bem constituída, um pouco fora de forma. Vai mexendo no painel de controlo e alternando entre um passo de corrida lento e um caminhar acelerado. Parece cansada, franze a sobancelha como quem se debate com algum problema enquanto faz o seu exercício.

Vejo-a desligar a passadeira, voltar a beber água e limpar a cara, que nem por isso parece estar suada. Devagar, dirige-se para a sala de musculação, mesmo aqui ao lado, dobra cuidadosamente a toalha, e senta-se num dos aparelhos.

Mantenho os olhos no espelho, alheia ao ritmo da elíptica, e, de repente, os nossos olhares cruzam-se. Num *flash*, faz-se luz na minha mente: a mulher à minha frente é Mercedes Ferrà.

Mercedes Ferrà fora do seu fato cinzento e sem um lenço de seda, não parece a mesma pessoa. Como é que não a reconheci de imediato?

Sinto um frio na barriga, uma pressão no peito, e sou invadida por vários sentimentos em simultâneo. Houve um momento da minha vida em que tive uma paixão por esta mulher ou, pelo menos, era o que sentia naquela altura.

Antes de entrar na faculdade, acompanhava muitas vezes o meu pai quando ele ia assistir a conferências e congressos. Ele é economista, nessa altura dava aulas na Universidade de Barcelona e trabalhava no Departamento de Economia y Hacienda, como especialista na avaliação de cenários económicos para uma Catalunha independente. É verdade que acabei por seguir Medicina, mas não é menos verdade que sempre tive um enorme fascínio pelas questões económico-financeiras.

Um dia, estava com ele na plateia de uma dessas conferências e subiu ao palco uma mulher que emanava confiança e conhecimento. Os organizadores apresentaram-na pomposamente como a nova associada de uma das grandes consultoras financeiras. Recordo que

descreveram que tinha estudado Gestão aqui em Barcelona, e depois em Harvard, mencionando que tinha vivido fora do país durante vários anos, e acabava de voltar.

No final da apresentação, o meu pai foi ter com ela. Acho que não se conheciam, mas ficaram a conversar durante muito tempo. A certa altura a conversa incluiu-me, ela dirigiu-me algumas perguntas e pareceu apreciar as minhas respostas.

Fiquei deslumbrada, pela primeira vez percebi o que era atração, o que era desejo.

Li tudo o que havia disponível sobre Mercedes Ferrà, dezenas de artigos de opinião e algumas entrevistas. Era óbvia a sua influência, o seu poder na esfera financeira, mas do ponto de vista pessoal, permanecia envolta em mistério. Não se sabia praticamente nada. Era conhecida por ser uma pessoa discreta, rígida e impenetrável, sempre de fato cinzento e lenço de seda. Poucos adereços e nenhuma maquilhagem.

Pensei nela, sonhei com ela, até assisti a mais uma conferência sua, mas nunca mais voltámos a falar.

Na altura, a minha mãe foi a minha confidente, ouviu os meus devaneios, planos, e todas as cartas que nunca enviei.

Como a maioria das paixões da juventude, durou pouco.

Ver a Mercedes Ferrà, mais de vinte anos depois, de calções e camisola do Barça, transforma-a numa outra pessoa, mas traz de volta muitas das mesmas emoções.

Os seus olhos escuros encontram-se outra vez com os meus através do espelho. Fita-me diretamente, por mais tempo do que seria de esperar para um olhar casual entre desconhecidas. Será que me reconheceu? Não. Impossível.

A atração que aquele olhar exerce sobre mim está muito para lá do que consigo explicar. Sinto-me estranha, quase culpada, como se estivesse a fazer alguma coisa desadequada. Paro a máquina vinte minutos antes do planeado, tenho de sair daqui. Espero que ela não passe a frequentar este ginásio, pelo menos não à minha hora.

Quando avanço em direção à porta, o impulso é mais forte, rodo a cabeça e olho discretamente por cima do ombro. Encontro os seus olhos nas minhas costas. Não sorri, limita-se a olhar fixamente,

acompanhando o meu movimento em direção à saída.

Ainda é cedo, pelo que decido ir até à piscina, do outro lado do edifício. Está vazia, e tenho a pista junto à parede só para mim. Entro devagar, deixando o corpo adaptar-se à temperatura da água. Mergulho e nado lentamente.

O que é que se está a passar? Curiosidade? Desejo? Solidão?

A imagem da Charlotte invade os meus pensamentos subaquáticos. Culpa? Apaixonei-me perdidamente por ela quando nos conhecemos. Os anos foram passando e eu nunca mais questioneei essa paixão.

As braçadas regulares agitam a água e produzem um som rítmico que faz perder a noção de tempo e de espaço. Saio da água cansada e com a firme decisão de nunca mais voltar a pensar em Mercedes Ferrà.

Depois de uma passagem rápida pelo duche, tiro da prateleira uma toalha branca, que enrolo à minha volta passando-a por baixo dos braços. Olho para o espelho e sacudo o cabelo, espalhando gotas de água em todas as direções.

Entro numa das cabines de madeira. São saunas de quatro lugares com dois bancos compridos laterais e dois em frente à porta, um em baixo e outro mais em cima. Não está ninguém nos bancos da frente, mas também não espero encontrar ninguém aqui a esta hora. Sem pensar muito, solto a toalha, estico-a no banco do lado direito e deito-me. Aqui dentro, a luz é fraca, e o ar muito seco e quente. A sensação de bem-estar é imediata. Relaxo, fecho os olhos e tento não pensar em nada. Ouço a minha respiração e sinto o ritmo diminuir até entrar num estado de torpor.

Quando finalmente volto a abrir os olhos, já não estou sozinha. A Mercedes está deitada no banco do lado esquerdo, no mais profundo silêncio, imersa numa quase escuridão, completamente nua.

CAPÍTULO 4

19 de janeiro — Courchevel

Charlotte

O avião pousa suavemente as rodas na pista. É a melhor das sensações. Agarro com força o braço da Elena, que sorri e me abraça, apesar da dificuldade do movimento imposta pelos cintos de segurança. A viagem de Barcelona até Genève não é longa. Saímos do aeroporto de El Prat pouco antes das três da tarde, e são agora quatro e cinquenta.

Depois da morte deles, e durante muito tempo, recusei-me a entrar em qualquer tipo de avião.

No verão de 2002, o meu pai foi numa das suas muitas viagens de trabalho. O meu irmão, o Leonardo, tinha terminado o curso de Direito poucos meses antes e acompanhou-o como parte do estágio que estava a fazer no escritório. Estariam dez dias em São Paulo e daí seguiriam para Buenos Aires.

Uma noite, cerca das três da manhã, tocou o telefone. Lembro-me de acordar sobressaltada pelo som estridente e inesperado. Levantei-me, atravesssei o corredor escuro e, quando cheguei ao pé da porta do quarto dos meus pais, ouvi a minha mãe dizer: «Como?! O quê?! Pode repetir, por favor?» Depois, durante intermináveis segundos, silêncio. «Não pode ser. Deve haver um engano!» A voz estava entrecortada e soava alto no silêncio da noite. A Anne aproximou-se num passo apressado e parou junto à porta, que permanecia fechada. Perguntou-me o que tinha acontecido. Eu não sabia. Sentia o peito apertado e doía-me a garganta. Não sei explicar porquê, mas, no meu íntimo, tinha a certeza de que tinha acontecido alguma

coisa. Nunca poderia ter imaginado a gravidade do que se tinha passado.

Os gémeos continuavam a dormir. A mãe devia ter desligado o telefone, pois não se ouvia nenhum som vindo do quarto. Uns momentos depois, não me recordo se segundos ou largos minutos, a porta abriu-se. A mãe saiu de pijama, olhou para mim e, em seguida, para a Anne. Abraçou-me, sem proferir uma única palavra. Foi o abraço mais forte e mais longo que alguma vez recebi. Era um abraço que a segurava à vida. Então, largou-me, segurou a porta e pediu-nos para entrar.

A noite de 10 de julho de 2002 mudou a minha vida. Eu tinha 20 anos e percebi que tudo podia mudar num piscar de olhos.

«Charlotte... Charlotte, querida, vamos sair. Desaperta o cinto. As portas estão abertas. Já se sente o cheiro da neve.» A Elena interrompe as minhas recordações e empurra-me para fora do apertado banco do avião.

Vamos ficar em Courchevel até domingo. Uma vez por ano, combinamos um encontro com o Jean-Luc e o Pierre para pôr a conversa e o *ski* em dia. O Jean-Luc era o melhor amigo do Leo, e depois da morte dele tornou-se um dos meus melhores amigos. Conheceram-se numa festa em La Villette, o Jean-Luc estava a acompanhar uma comitiva diplomática e o Pierre era um dos bailarinos convidados para a gala. Filho único, de uma família conservadora do Norte de França, o Pierre foi sozinho para Paris tirar o curso, e dá aulas de dança no Centre National de la Danse. Apesar da fama e da sua vida pública, são um casal discreto.

O dia ainda está a amanhecer e o branco da neve contrasta com as cores que pintam o céu de um rosa-pálido. A Elena vai sentada ao meu lado com a máquina fotográfica em punho. Quando nos conhecemos, tinha o hábito de passear pelas ruas de Barcelona, armada com a sua máquina, procurando captar rostos e corpos que traduzissem a alma de cada pessoa, dizia que a fotografia revela aquilo que a voz não diz.

Desvia os olhos da janela e comenta: «Está uma manhã fabulosa. Lembras-te do ano passado? Estava a chover tanto, mas tanto, que

nem sabíamos se devíamos avançar ou voltar para trás.»

«Sabes, na altura não te disse nada, mas ia com medo. Depois de tantas indecisões sobre se podíamos ou não viajar, quando finalmente conseguimos voo e chegámos aqui demos de caras com aquele temporal... O ano passado foi mesmo um ano bizarro», digo, rindo.

Ela ri comigo. Olhando a paisagem dos Alpes, com o dia a amanhecer, resplandecente, a música a soar bem alto e a Elena a rir e a cantar, sinto que nada pode correr mal.

Parámos em frente ao Hotel Annapurna às onze e meia em ponto. Largo o volante e respiro fundo. Inclino-me para a Elena e beijo-a. Ela corresponde, entreabre os lábios, permitindo-me tocar o interior da sua boca com a língua. Sinto o sabor a chocolate. Durante a viagem entreteve-se a comer quadradinhos de uma enorme tablete da qual já só sobra o papel. O sabor a chocolate é indissociável da Elena.

O ar corta a respiração, de tão frio. O céu mantém-se azul, agora já com o sol a brilhar a pique. Estamos rodeadas de montanhas cobertas de neve e salpicadas por árvores pintadas de branco. O edifício do hotel, todo em madeira, não poderia ser mais acolhedor e convida-nos a entrar com a promessa de uma temperatura mais amena.

Abro a porta da nossa suíte. Tiro as botas, mesmo sem as desapertar completamente, e atiro-me para cima da cama. Que maravilha!

Deitadas, sinto o seu corpo junto ao meu e ela envolve-me num abraço. As mãos percorrem o caminho ao longo das minhas costas, até pararem sobre os bolsos de trás das minhas calças. Apalpa-me, enfia as mãos dentro dos bolsos e pressiona o meu corpo contra o seu, mostrando-me o que pretende. Beijo-a e dou início a uma massagem. Começo nos ombros, pressiono os músculos fazendo força com o polegar, passo para as costas, não parando nem mesmo quando ela murmura breves queixumes. De forma provocadora, passo os dedos entre as suas coxas. Fazemos amor, como só a intimidade dos anos o permite.

Ela dorme profundamente ao meu lado. Sou inundada por uma

tranquilidade deliciosa. Penso nela, no Jean-Luc, na minha mãe, no Leo, nas aulas, e... na Alícia. Fico com a boca seca e a pulsação acelerada. O que é que se passa comigo?

Elena

A tarde passa num ápice. Há muito tempo que não me lembro de estar assim, deitada na cama com a Charlotte ao meu lado, a ler um livro e a ouvir uma música.

«Horas de vestir para jantar. Eles devem estar mesmo a chegar.»

Ela levanta-se preguiçosamente, sorri e pergunta: «Achas que posso ir jantar assim? Não tenho força para me despir e, menos ainda, para me voltar a vestir.» Antes de acabar a frase, já está só de cuecas.

Passo, de pé, por cima da cama, de modo a conseguir chegar até ela antes que se comece a vestir. Abraço-a pelas costas: «Vais assim, vestida de mim», exclamo, e ela dá uma gargalhada.

Quando entramos no restaurante, o Pierre, que já estava sentado, levanta-se de imediato. «*Comment allez-vous? Merveilleux!*», cumprimenta-nos efusivamente, em francês. «Desculpem, o Jean-Luc está ao telefone, como sempre, mais um assunto urgente. Foi lá fora atender, mas deve voltar num minuto», diz encolhendo os ombros e abanando a cabeça num gesto de desagrado.

«Que tal a viagem? Tínhamos tantas saudades vossas! E ouve lá, conta-me tudo, que história é essa do Jean-Luc ser candidato às presidenciais? É mesmo verdade?» A Charlotte inunda o Pierre de perguntas, sem lhe dar tempo a responder. Entretanto, o Jean-Luc atravessa o bar, e entra na sala, ainda com o telemóvel na mão.

Não precisamos de ver a ementa, cumprindo a tradição, o primeiro jantar aqui, é *fondue Savoyard*. Estamos todos com fome e não demora até que os garfos choquem no ar, em movimentos de ida e volta, entre o pão, pequenos pedaços de couve-flor e o delicioso queijo fundido.

O Jean-Luc vai mesmo concorrer às próximas eleições e não perde tempo até começar a explicar as dificuldades que enfrenta dentro do seu próprio partido. «Vocês não imaginam como é, até eu

que achava que conhecia a política, não estava preparado para isto. Ser casado com um homem tanto é usado como uma arma para me atacar como é apontado como a maior das minhas virtudes. Deixa-me furioso! Isso não define quem eu sou, nem as minhas ideias para o país...» Fala durante largos minutos, sem ninguém o interromper. Quando se cala, viramo-nos para o Pierre.

«E tu, como é que estás?», pergunta a Charlotte.

«Nem sei o que te dizer. Não é nada agradável. As pessoas olham para mim e não me veem, apenas comentam “aquele é o marido do candidato”. Outro dia cheguei ao carro e tinha um pneu furado e um papel colado no vidro com uma ameaça. Não é fácil!»

«Já te disse, se achares que não vale a pena, eu desisto», intervém o Jean-Luc de forma algo inesperada.

«Vá lá, vê as coisas pelo lado bom, Pierre. Pelo menos não tens de te preocupar se os jornalistas discutem o estilista das calças que levaste ao último jantar», digo, provocando uma gargalhada.

A Charlotte dorme profundamente deitada ao meu lado. Ontem, a noite já ia longa quando viemos para cima. Desde há vários anos que temos um acordo: eu e o Pierre levantamo-nos cedo e seguimos para as pistas. O Jean-Luc e ela ficam a dormir até mais tarde e, depois, encontramos-nos todos para almoçar.

«*Bonjour! Tu es magnifique comme toujours.*» O Pierre espera por mim na mesa de pequeno-almoço.

«Bom dia, dormiram bem?», indago.

«Não sei se ele dormiu bem. Agora de manhã, quando saí, estava a dormir. Ontem à noite ficou a falar ao telefone mais de uma hora. Ainda esperei, mas estava tão cansado. Confesso que nem sei a que horas é que ele foi para a cama.» O Pierre tem um ar melancólico, perdeu o seu habitual sorriso e a sua voz soa quase como um murmúrio.

«Está tudo bem entre vocês?», pergunto, segurando a mão dele entre as minhas.

«Sim, acho que sim... É muita pressão dentro e fora do partido. Acho que não estava preparado para ver a nossa relação discutida nas mesas de café, nos jornais, ou para ver ameaças e mentiras espalhadas pelas redes sociais.» Faz uma pausa, como se precisasse

de refletir no que tinha acabado de dizer.

«Nem imagino. E a dança?»

O Pierre sorri e estica os braços por cima da cabeça: «Quase não temos falado e nem te cheguei a dizer, tive um convite para fazer uma residência de seis meses em Nova Iorque. Consegues imaginar, eu em Nova Iorque? Viram uns vídeos que pus *online*, e uma das diretoras da Martha Graham School of Contemporary Dance escreveu-me.»

«Tens de ir», interrompo, entusiasmada, vendo os seus olhos brilhar a cada palavra.

«Noutra altura. Agora não posso deixar o Jean-Luc sozinho.»

Depois de duas horas e meia a esquiar, estamos a precisar de descanso. Paramos num dos cafés de montanha para um chocolate quente.

«Esta manhã só falámos sobre mim, e tu? Está tudo bem contigo?», pergunta-me o Pierre. «Ontem, parecias distante. Nem mesmo quando a Charlotte se embrenhou a descrever as suas guerras universitárias entraste na conversa.»

A verdade é que não sei o que responder. Posso dizer que está tudo bem. Ou posso aproveitar para desabafar, e talvez ele me ajude a ver a questão por outro prisma.

As únicas pessoas com quem tenho falado são a Mari Cármen e a Pilar. Nem uma nem outra tem opiniões imparciais. A Mari Cármen nunca gostou da Charlotte, acha que é uma menina rica e mimada, habituada a fazer tudo o que quer. E fica muito irritada, e com razão, com o facto de ela tentar controlar todos os meus movimentos.

A questão com a Pilar é ainda mais sensível. Nós vivíamos juntas quando conheci a Charlotte e me apaixonei por ela. Separámo-nos e tentei preservar a amizade, mas foi impossível. Sempre que a Charlotte sabia que eu tinha estado com a Pilar fazia uma cena. Acabei por me afastar, e não falámos durante mais de três anos. Um dia, encontrámo-nos, por acaso, bebemos um café, conversámos e eu percebi o quanto a amizade dela é importante para mim. Aos poucos, restabelecemos uma rotina de conversas telefónicas e um café de vez em quando. Por isso, percebo que a Pilar só possa ter

uma opinião sobre a Charlotte: a pior.

Fito o Pierre, que bebe o seu chocolate enquanto espera a minha resposta. «Sim, tens razão, as coisas com a Charlotte não estão bem. Todo o processo, todas as tentativas falhadas, é complicado... Nenhuma de nós soube lidar com a situação. Ela culpa-me por querer ter um filho. E eu... bom, eu culpo-a porque acho que ela não quer o suficiente.» Paro para respirar, levo a caneca à boca, e continuo. Agora que comecei, preciso de ir até ao fim: «Tu conheces bem a tua amiga, as crises de ciúmes são cada vez mais frequentes e cada vez mais imprevisíveis. Sempre que me atraso, que não respondo a um telefonema, imagina que morri, que tive um acidente ou, o pior de tudo, que a estou a trair. O medo de me perder transformou-se numa obsessão de me controlar...»

«Tens de fazer alguma coisa. Se não encontrares uma forma de te protegeres, vais acabar por a odiar.»

És a segunda pessoa a dizer-me que tenho de fazer alguma coisa. «Eu amo-a.»

«Fala com ela, diz-lhe o que estás a sentir. Caso contrário, vais omitindo coisas, vais contando pequenas mentiras com o argumento de evitar uma discussão, e, aos poucos, as mentiras tornam-se grandes, e as omissões importantes. Quando dás por isso, seguiste um caminho diferente.»

«Quando é que te tornaste tão maduro?», pergunto, sorrindo.

Estamos a acabar de nos vestir para o nosso último jantar na neve, mas a Charlotte não parece ter grande pressa. Ainda só meio vestida, encosta a boca ao meu ouvido e diz: «E se não fôssemos jantar, e se ficássemos aqui? Pedíamos uma garrafa de vinho e aproveitávamos a nossa cama. Trouxe algumas coisas que acho que te vão interessar e ainda nem as tirei da mala...»

«Uhh, estou a ver... Podes deixar essa proposta válida para logo à noite?», pergunto num tom solene.

Durante o jantar, bebemos duas garrafas de vinho e a conversa recaiu inevitavelmente sobre os objetivos políticos do Jean-Luc, as redes sociais, e as dificuldades que se adivinham. Passamos para a sala do lado para beber o café, e o Pierre e a Charlotte vão pedindo

irish coffees e bebendo como quem bebe refrescos num dia de verão. Quando chegamos ao quarto, ela está praticamente a dormir. Não só não tem condições para cumprir qualquer proposta, como nem sequer se lembra de ter feito uma. Ajudo-a a despir-se e meto-a na cama. Deito-me ao seu lado, ainda vestida. Olho a luz da lua que entra pela janela e tento guardar para sempre esta imagem.

A minha cabeça voa, a Pilar, a mulher que eu deixei, o perfume da Charlotte, o toque da sua pele... O cheiro adocicado da madeira no ar quente, a Mercedes Ferrà, nua na sauna...

CAPÍTULO 5

25 de janeiro — Park Güell

Charlotte

«Está tudo bem, Charlotte?», pergunta o Paco que me apanha a sair da reunião de direção.

«Não, não está tudo bem!», respondo numa voz que traduz a minha irritação. «Foi uma reunião longa, demasiado longa. Sempre os mesmos e conseguem destabilizar uma sala inteira. Infelizmente, estou habituada, são quase quinze anos.»

«Bem, se calhar não é oportuno agora...», diz, atrapalhado. «Vim à tua procura porque gostávamos de te apresentar o que pensámos para o projeto. Eu, o Gui e a Alícia temos estado a trabalhar nisto há alguns dias, e finalmente temos um plano. Mas só podemos avançar depois de dares a tua opinião.»

«Claro que é oportuno! Até me faz bem pensar noutras coisas, melhores e muito mais importantes. Anda», respondo, tentando absorver um pouco da sua energia positiva.

«Ela é incrível», continua o Paco. «É inteligente, quer trabalhar, e tem uma determinação que parece nunca acabar.»

Ele está encantado pelo charme da Alícia. «As descrições que ela faz da Amazónia são estonteantes. Só de a ouvir falar já só penso em poder ir lá...»

Entramos na sala e descubro a Alícia sentada na mesa do fundo. Como habitualmente, tem o cabelo solto sobre os ombros. Veste umas calças de ganga brancas e uma camisola de gola alta preta. Não sei se é da roupa ou do seu olhar, mas poderia facilmente ser confundida com uma jovem do primeiro ano. Assim que entramos na sala, levanta-se e caminha na nossa direção. «Bom dia, Professora

Charlotte! O Paco já lhe contou que definimos a metodologia para a primeira fase do estudo? Tem de ver.» Fala depressa, numa mistura de samba e salsa.

«Bom dia! Se me derem um minuto, podemos ver isso agora mesmo», digo a rir. O Paco já tem o computador ligado e projeta o esquema do trabalho. Durante cerca de uma hora, explicam-me pormenorizadamente as suas ideias e a forma como tencionam aplicá-las.

«Está bom, está mesmo muito bom. O projeto está bem definido, está simples e tem algumas ideias criativas que lhe dão brilho. Por mim, podem avançar. Parabéns!» Os jovens sorriem ante as minhas palavras e batem com as palmas das mãos no ar, uns nos outros, numa saudação de vitória.

Apressados para uma aula, o Paco e o Guillermo saem da sala, deixando-me sozinha com a Alícia. Abstraio-me e concentro-me no ecrã do telemóvel. Tenho quatro mensagens e uma chamada perdida. A chamada e duas das mensagens são da Elena, confirmando o jantar que tínhamos combinado, para hoje, com a Mari Cármen. As outras da direção do departamento.

«Professora Charlotte. Charlotte!»

Repentinamente, torno-me consciente da voz da Alícia chamando o meu nome.

«Desculpa, Alícia, estava distraída», respondo.

«Quer ir almoçar? Já são duas horas e estou com muita fome. Podíamos aproveitar a hora de almoço e falar sobre a minha colaboração. Ouvi o Paco comentar que este ano há vários monitores contratados, e pensei que talvez pudesse ajudar em algumas aulas ou seminários.»

Vou recusar o convite. Não só não tenho o menor apetite, como não estou com cabeça para pensar sobre aulas ou projetos. Tudo o que me apetece é sair rapidamente daqui. E, no entanto, em vez de dar uma desculpa e sair, dou por mim a dizer «Ok».

Combinamos encontrar-nos quinze minutos depois, junto ao estacionamento. Já no carro, acelero rumo a um restaurante que conheço mesmo ao lado do Parque Güell. Embora a zona tenha muitos turistas, este sítio é muito discreto, e quase só frequentado pelas pessoas do bairro.

Enquanto esperamos pela comida, a Alícia volta à conversa anterior: «Tenho-me perguntado se seria possível dar algumas aulas...»

Interrompo-a: «Não sei... A tua prioridade tem de ser o projeto. Se começares a dispersar-te com aulas e com outras coisas, tenho medo que acabes por prejudicar o teu trabalho.»

«Por favor, Professora Charlotte, eu queria muito! Falei com o Paco e com o Gui, e sei que eles têm horários a meio tempo como monitores, e são perfeitamente capazes de conciliar isso com os projetos.»

Entretanto chegam os nossos pratos, a fumar e com um aspeto delicioso.

Ela parece pronta para continuar a insistir. Pergunto-me porque será que tem tanto interesse em dar aulas. Claro! Deve precisar do dinheiro, ocorre-me subitamente.

«O Paco e o Gui comentaram que recebem algum dinheiro por me ajudarem com as aulas práticas?»

A Alícia cora. «Sim. Na verdade, o Gui disse isso e eu fiquei a pensar... eu tenho o dinheiro do Prémio, mas com as despesas de viagem, não chega para eu me manter. A minha tia dá-me alojamento e diz que não quer que eu pague nada lá em casa, mas eu gostava de poder contribuir. Por outro lado, não quero pedir dinheiro aos meus pais.»

«Muito bem. Percebo a situação e respeito a tua vontade de ajudar com as despesas. Não acho que dar aulas seja a solução. Até porque neste momento não se justifica, o Gui e o Paco dão conta do recado.»

«Não se preocupe, eu encontro outra maneira.»

Parece desapontada, faz um esforço por sorrir e mudar o tema da conversa.

«Tenho uma proposta... estou a fazer um projeto, de uma outra linha de investigação, sobre a expressão de género em crianças e adolescentes. O ano passado fiz muitas entrevistas e não tenho tempo para transcrever as gravações. Se quiseres, podemos combinar e pago-te um valor à hora.» A única coisa que não lhe explico é que este projeto não tem qualquer tipo de financiamento, ou seja, serei eu pessoalmente a pagar as suas horas.

Ela fica a olhar para mim, com um ar incrédulo. «A sério? Obrigada!»

Acabamos de comer e saímos. A Alícia contempla o parque do outro lado da rua. «Temos tempo para entrar? Parece saído de um conto de fadas. Vamos! Não demoramos muito... Por favor!»

O pedido é tão veemente e ao mesmo tempo tão entusiástico que acabo por aceder. Caminhamos lado a lado, a maior parte do tempo em silêncio, só cortado pelos seus comentários de espanto e assombro ante algumas das maravilhas do Gaudi.

Não olho para o relógio, mas sei que estamos a andar há mais de uma hora. Depois de subirmos mil degraus, sentamo-nos no «banco serpentina». As nossas pernas ficam tão juntas que quase se tocam. O aroma do seu perfume invade-me e volta a despertar o sentimento estranho que tive da primeira vez que nos encontrámos. Sem aviso, pousa a mão no meu joelho.

Ali sentadas, conta-me mais um pouco da sua vida. Volta a mencionar os pais e o irmão, mas depois das primeiras frases, a conversa recai sobre a sua companheira dos últimos anos, a forma como se encontraram, as expetativas e sonhos, e o modo como se separaram.

Enquanto fala nunca retira a mão da minha perna. A mão não se mexe, está apenas pousada sobre o meu joelho como se tivesse ficado ali esquecida. Será por acaso? Terá alguma intenção? Mas qual?

Saímos do parque. Já passa das cinco. A Alícia recusa a minha oferta de boleia e despede-se de mim, junto à porta do carro, num abraço que une os nossos corpos, que se tocam através das várias camadas de roupa. Põe as mãos nas minhas costas e deixa-as escorregar até à cintura. Sufocada pela intensidade do gesto dou um passo atrás e entro no carro.

CAPÍTULO 6

31 de janeiro — «Sou médica!»

Elena

O suor escorre-me pelo pescoço, encharcando a camisola e deixando húmida a parte de trás do cabelo. Limpo a testa com a ponta da toalha e bebo um pouco de água, desacelerando o passo. Ao ritmo da voz de Lady Gaga, organizo a agenda do dia. São pouco mais de oito da manhã, e, como habitualmente, corro com os auscultadores postos e a música quase no máximo.

O fim de semana não correu bem. Todos os assuntos, por mais insignificantes que sejam, tornam-se pretexto para começar uma discussão. A Charlotte anda com muitos problemas na Universidade e isso faz com que esteja sempre irritada. Se não é uma coisa é outra. A Isabella, o Arturo, a direção do departamento, sucedem-se os motivos, mas o resultado é sempre o mesmo.

A música não é o suficiente para abafar o forte estrondo que ressoa na sala. «Cuidado! Cuidado!», «Está tudo bem?», «Magoou-se?», ouve-se gritar. Com a surpresa, dou um salto que quase me faz cair. Olho à volta, à procura da razão para tanto alarido. Na fila da frente, cinco ou seis máquinas à minha direita, alguém caiu. À sua volta as pessoas formam um círculo e as vozes a dar palpites são já mais do que muitas. «É melhor chamar o 112», «Não, não deve ser mais do que um pé torcido», «Quer tentar levantar-se?» Num ápice, os monitores da sala correm para o local, e eu faço o mesmo.

A mulher que está no chão mostra-se combalida, tem um ar assustado, quase de pânico. Olho e não quero acreditar, é ela, é a Mercedes.

Num impulso, falo alto: «Eu sou médica! Afastem-se, por favor.

Vamos, vamos até ao balneário, eu vejo o pé, e depois logo decidimos o que fazer», afirmo. Estendo-lhe a mão para a ajudar a levantar.

«Por favor, usem a sala do posto médico», diz um dos monitores, estendendo também a mão para ajudar.

«Obrigada. Agora, se me permitem, vou examiná-la e depois logo vemos se é necessário ir ao hospital», afirmo num tom assertivo, que não dá margem para outra alternativa.

Quando a porta se fecha, dou conta da situação em que nos encontramos. O que é que estou aqui a fazer?

«Obrigada! Muito obrigada por me ajudar a sair dali! Acho que está tudo bem. Não tenho muito jeito para estas coisas de desporto e, quando ia a sair da passadeira, desequilibrei-me. Creio que torci o pé quando o apoiei. Depois, caí e fiz imenso barulho... desculpe...» A Mercedes ri-se da sua própria situação.

«Tem a certeza de que está bem? Não bateu com a cabeça? Talvez seja mesmo melhor ir ao hospital.»

«Não, não vai ser preciso, eu estou bem. Só me dói o pé quando faço força. Disse que era médica. Qual é a sua especialidade?»

Dou uma gargalhada e, ainda a rir, respondo, «Sou psiquiatra!» Ela olha-me com surpresa e junta-se a mim num coro de gargalhadas que nos levam às lágrimas. O riso tem o condão de nos acalmar e, aos poucos, vamos recuperando o fôlego e a compostura.

«Nesse caso, agradeço ainda mais. Deve ser muitíssimo competente, pois num instante conseguiu perceber que mais do que qualquer dor no pé, eu só queria sair dali. Já agora, ainda nem me apresentei, Mercedes. Mercedes Ferrà.»

«Eu sei», respondo sem me conter. «Elena. Elena Roig. Nós conhecemo-nos há muitos anos. Eu assisti a uma conferência sua. Embora não seja a minha área, interessei-me por alguns temas financeiros.»

Das duas, uma: ou a Mercedes não me reconhece do nosso encontro de há alguns dias na sauna, ou é uma ótima atriz. Eu que tinha decidido não voltar a pensar nesta mulher, agora estou aqui sentada com ela, sozinha, neste minúsculo posto médico.

«Se acha que não é necessário ir ao hospital, então deixe-me convidá-la para um café, aproveitamos para deixar passar algum

tempo e ver se está mesmo tudo bem.» Não sei onde arranjo coragem para fazer o convite nem porque é que quero ir beber café com ela.

Olho diretamente para a Mercedes esperando uma resposta. De repente, beber um café parece-me a coisa mais importante do mundo.

«Obrigada, mas acho que não. Tenho uma reunião no escritório agora. Estou bem, acredite. Obrigada por tudo, mas agora o melhor é tomar um duche, vestir-me e ir trabalhar.» Quando se tenta pôr de pé, faz um esgar de dor.

«O que é que se passa? Dói?», pergunto.

«Estou um pouco tonta.» A Mercedes, volta a sentar-se na cadeira de plástico e põe a cabeça entre as mãos, inclinando-se para a frente.

«É natural que ainda não esteja completamente bem. Além do pé, que vai doer uns dias, o susto também não ajudou. Devia ligar para o escritório, tenho a certeza de que compreenderão que se trata de uma situação de força maior.»

Fica um momento em silêncio parecendo refletir nas minhas palavras. Estende a mão para o telemóvel, que está pousado sobre a mesa, e faz uma chamada. «Não, não me estou a sentir muito bem... Sim... Não, não posso estar na reunião. O Pep conduz os trabalhos, ele conhece o cliente. Obrigada, não preciso de nada, só de descansar. À tarde estou aí. Até já.»

«Pronto, já está! Podemos ir ao café.», diz, quando desliga.

«Certo. Só para garantir que as tonturas passaram e que está tudo bem. É minha obrigação médica não a deixar sair assim», termino, rindo.

«Doutora», inicia com um sorriso nos lábios e uma marcada ironia nas palavras, «acredito que deva ser uma excelente médica, mas, de uma coisa tenho a certeza, é uma pessoa muito persistente.»

Vamos até ao café de Lola e sentamo-nos na esplanada. A esta hora tem muito movimento no interior, mas cá fora há muitas mesas livres.

Durante o curtíssimo trajeto entre a garagem e o café nem eu nem a Mercedes dissemos nada. Quando nos sentamos, ela pede um café e uma água com gás e eu um *cappuccino*.

«Bem, acho que se estamos aqui a tomar um café, sem trabalhar, numa segunda-feira de manhã, isto deve fazer de nós amigas. Podemos começar por nos tratar por tu, não?», pergunta de forma retórica.

«Claro! Ao início de uma amizade!», exclamo.

«Porque é que vieste em meu socorro? És psiquiatra!»

«Acho que todos os médicos, até os psiquiatras, ficam com o reflexo de reagir a tudo o que possa cheirar a emergência. Quando vi que eras tu, o que me chamou à atenção não foi a expressão de dor, mas de pânico.»

«Só queria sair dali. Espero que ninguém me tenha reconhecido. Sabes, estas coisas não têm importância nenhuma, mas de repente viram manchete, nos dias de hoje vale tudo: “Mercedes Ferrà, agora nos seus cinquenta, frequenta ginásio à procura de ficar em forma” ou “Consultora financeira cai enquanto faz exercício, espera-se que os seus negócios não tenham o mesmo fim.”» Ela solta uma gargalhada e quase em simultâneo um suspiro de alívio. «Há bocado deixaste-me curiosa, assististe a uma conferência minha? Quando? Porque é que uma psiquiatra se interessa por finanças?»

«Cresci a sonhar com uma Catalunha independente, mas também imersa nos problemas económicos e financeiros de Espanha e do mundo em geral...»

«Claro, Roig!», interrompe-me. «Quando me disseste o teu nome não associei, apesar de tudo é um apelido comum. És filha de Juan Carlos Roig!», abana a cabeça como que a integrar a informação.

«É verdade. O meu pai tem uma grande admiração por ti. Fui com ele a uma conferência tua há muito tempo, deve ter sido há quase vinte anos..., eu tinha 17, estás a ver...»

«O Roig..., conversámos algumas vezes, não tantas quando eu gostaria. Deixa-me pensar, nessa altura eu tinha acabado de voltar para Barcelona...»

«Era exatamente isso que diziam as notícias.»

«Porquê tanto interesse?»

Não posso responder e, tentando não dar nas vistas, mudo o rumo da conversa: «O meu pai está quase com oitenta anos, agora tem um discurso mais moderado, mais conciliador. Numa conversa, antes do Natal, dizia-me que a independência da Catalunha é

inevitável, a questão não é se, mas como e quando será independente.»

A Mercedes interrompe-me, «Estou de acordo, mas... fico sempre a pensar onde é que irá jogar o Barça?» Ambas rimos com aquelas palavras, ditas num tom tão formal quanto sarcástico.

«Já é quase uma», murmura mais para si própria, olhando para o relógio. «Elena, mais uma vez obrigada por tudo. Por tudo mesmo. Pela ajuda, pelo café e pela conversa. Gostava de poder ficar, mas tenho mesmo de ir. Quem sabe combinamos outro dia.»

Quero prolongar o momento, mas acabo por responder simplesmente «Sim, eu também tenho de ir para a clínica.»

Ela levanta-se, dá-me um beijo na face e sai sem olhar para trás. Eu fico sentada, imóvel.

CAPÍTULO 7

6 de fevereiro — Amor à «primeira vista»

Charlotte

«Nem te passa pela cabeça como estou esfomeada. Viste aquela salada de gambas? Hoje só tive tempo para uma sopa e uma sanduíche no bar. Apetecia-me pedir um de cada. E tu, o que é que vais comer?» Ela olha para mim, sorri e pouisa a mão sobre a minha, entrelaçando os dedos nos meus, numa carícia.

Hoje fazemos oito anos de casadas. Desde o primeiro aniversário, voltamos sempre a este restaurante. Foi aqui que tivemos o nosso primeiro jantar «a sério». Quase se poderia dizer que foi aqui que começámos a namorar.

«Não sei. Acho que vou pedir *patatas bravas*, *pincho de gambas*, *tortilha*, *anchovas*, *pan com tomate*, *um montadito de ternera* e *sipiones*. Depois logo se vê, se me apetece mais alguma coisa.» A Elena enfatiza o «depois» e dá uma gargalhada quando termina de enumerar a sua enorme lista de pedidos.

«También não almoçaste?», questiono a rir.

«Não, eu até comi! E, por acaso, hoje tive companhia para almoçar. Estava no café, como de costume, e apareceu a Mercedes. Acho que não sabes quem é», diz, sabendo de antemão a resposta à sua pergunta. «Não, claro que não sabes. Vai ao ginásio e conhecemo-nos num dia em que ela torceu o pé. Dei-lhe uma ajuda e acabámos por ir beber um café à Lola. Hoje apareceu lá. Estivemos a falar sobre o meu pai, ela é da área.»

Não dou grande importância, desde que não decida almoçar com a Pilar já acho ótimo. Outro dia estava com o telefone dela na mão e, nem de propósito, chegou uma mensagem, a Pilar dizia qualquer

coisa sobre combinar um lanche. Porque é que ela vai lanchar com a sua ex-companheira? Fiquei desconfortável, mas não disse nem uma palavra. As coisas entre nós andam tão tensas que estou a tentar amenizar e não fazer nada que piore ainda mais o ambiente.

«Bom, vou comer metade do que vais pedir. Por isso podes pedir mais coisas. *Llom ibéric* e *ous cabreados*? Bebemos um *Pinot noir*?» A Elena acena com a cabeça de forma convincente, concordando com as escolhas.

«Lembras-te? Estivemos sentadas naquela mesa ali encostada à parede há mais ou menos dez anos..., 25 de setembro?» É a minha vez de procurar a mão dela que está pousada sobre a mesa. Toco-lhe suavemente com a ponta dos dedos e ela coloca a outra mão sobre a minha. Tem as mãos geladas. Embora vá mantendo a conversa num tom leve e divertido, não deixo de notar que está tensa.

«Claro. Vínhamos do cinema. Daquele ali, na Rambla da Calatunya. Fomos ver *A Roma con Amor*.»

«É verdade! Pedimos montes de comida e deixámos quase tudo na mesa.»

Recordo aquele jantar em cada pormenor. Lembro-me da ansiedade e do desejo. Queria sair dali, queria estar a sós com ela. Beijá-la, tê-la nos meus braços, na minha cama.

«Pois foi, quase não tocámos na comida. Que desperdício! E olha que me lembro que até tinha fome. Já tu, não paravas de dar indiretas, e algumas até muito diretas...», diz, ironizando. «Tinhas muita pressa!»

«Até parece que era só eu. Tu não querias nada, pois não?»

Ela olha-me nos olhos e baixa a cabeça. Fita as nossas mãos que continuam entrelaçadas, em cima da mesa. «Nem sei como chegámos ao quarto. Eu andava há dias a planear o que fazer e como fazer. Sentia-me a pessoa mais feliz do mundo, um amor à primeira vista, e, ao mesmo tempo, a mais infeliz, não conseguia deixar de pensar como ia contar o que se estava a passar à Pilar.»

«Como podes dizer que foi “à primeira vista”? Do meu lado foi uma “primeira vista” muito demorada! Na festa de anos do António, olhei para a porta e tu entraste na sala como uma diva. O único senão era que a Pilar vinha contigo. Não tinhas dúvidas de que todos olhavam para ti. Nunca vou esquecer essa primeira imagem.

Tinhas o cabelo preso com gel e um vestido comprido azul, com a saia aberta de um dos lados, que deixava ver a perna quase até à coxa. Nessa noite nunca olhaste para mim. Falámos um pouco durante o jantar, lembraste-me? Perguntaste-me o que é que eu fazia e onde é que tinha estudado. Mas depois, começaste a conversar sobre a Catalunha e perdeste-te numa retórica interminável com o irmão do António.» Enquanto falo, ela sorri, mostrando que se lembra tão bem como eu daquela noite.

«Quando a festa acabou, saíste com a Pilar e eu aproveitei para perguntar ao António quem tu eras. Disse-me que eras colega da Mari Cármen. Eu estava fascinada. Queria saber tudo. E tudo o que consegui foi que me dissesse que eras comprometida. Não imaginas o esforço que foi preciso para o convencer a convidar-nos a ambas para o jogo do Barça, sem levantar suspeitas. Nunca te contei esta história. Foi um segredo bem guardado durante todos estes anos», digo, bebendo um pouco de água. «O António não queria. Insisti tanto, mas tanto, que o convenci. O grande jogo Barça-Real Madrid, e o Real saiu com a vitória e quase campeão. Não é que eu tenha prestado grande atenção ao jogo...»

«A sério, Charlotte? Foste tu que pediste ao António para nos convidar? De facto, eu sempre achei estranho tu estares no jogo. Nem gostas de futebol! Agora percebo! Fico lisonjeada de ter sido o motivo para ires a um estádio.»

«Achei que tinha tido muita sorte, foste sozinha e ficámos sentadas lado a lado. Lembro-me que passei o jogo a encher-me de coragem para te convidar para ir beber um copo. Mas, antes de ter tempo, tu despediste-te e disste que tinhas de voltar para casa, que a Pilar estava doente.»

Interrompem-nos com a chegada da comida. São tantos pratos e pratinhos que quase não se consegue dispor tudo sobre a mesa. A Elena ataca de imediato as *patatas bravas*. Come com prazer, duas de cada vez, ficando com os lábios sujos de molho. Limpa a boca com o guardanapo e faz-me um sorriso rasgado, com direito a covinhas nas bochechas, recordando-me porque é que me apaixonei por ela.

Vou seguindo as recordações da Charlotte sobre o dia em que nos conhecemos e relembro a festa do António. Nesse dia eu estava muito cansada, tinha trabalhado até tarde e não queria ir. A Pilar insistiu. Nem tinha reparado na Charlotte até termos ficado juntas na mesa de jantar. O seu sotaque foi a primeira coisa que me chamou à atenção. Quando olhei melhor para ela vi o que até aí me tinha passado despercebido. Era uma mulher sensual, de uma beleza singular. Não pude deixar de sentir atração. Procurei disfarçar, pensar noutra coisa e centrar a minha atenção na conversa com o irmão do António. Eu e ela não falámos quase nada.

Quando o António me telefonou a convidar para o jogo do Barça fiquei superentusiasmada. Não fazia ideia de que ela também ia. Quando dei por mim, estava sentada ao seu lado. As nossas pernas tocavam-se. Podia sentir o cheiro do seu perfume. Toda aquela emoção e mistura de sentimentos deixou-me confusa. A Pilar tinha ficado em casa adoentada. Quando o jogo terminou, despedi-me rapidamente e voltei para casa tão depressa quanto pude. Lá estava a minha segurança, a minha vida. Conhecer a Charlotte fez balançar a minha estabilidade. A vontade imperativa de saber mais sobre ela sobrepunha-se ao mais básico bom senso, e soube, quase de imediato, que alguma coisa poderia acontecer entre nós.

Meses depois do jogo, reencontrei-a na festa de anos da Mari Cármen. A Pilar estava entretida com um grupo de psiquiatras nossos amigos. Falavam animadamente e bebiam bastante. Eu fiquei na varanda a fumar. Quando dei conta, ao meu lado, em silêncio, estava a Charlotte. Ofereci-lhe um cigarro. Recusou. Porém, foi a deixa para começar uma conversa que durou até altas horas. Trocámos telefones. Nessa madrugada recebi uma mensagem que dizia: «Que tal cinema e jantar na próxima terça-feira? Ceverceria Catalana e novo filme do Woody Allen? Eu convindo!»

«Querida, quase não comeste nada. Eu já devorei mais de metade das tapas. Estás bem?», interrogo entre garfadas.

«Sim! Estava a olhar para ti a comer e a sorrir e a pensar que foi por momentos como este que me apaixonei.», dizendo isto, inclina o

corpo na minha direção e dá-me um beijo, fazendo a sua língua tocar na minha.

«Isso é um convite?», pergunto com malícia. Logo a seguir, e sem tempo para que possa responder, continuo a conversa, voltando atrás. «Porque é que dizes que não foi “à primeira vista”? O meu coração balançou no momento em que olhei verdadeiramente para ti.» A Charlotte come devagar e vai bebendo pequenos goles do seu copo de *Pinot noir*, já quase vazio. «Não imaginas como foi difícil decidir ir ter contigo naquela noite. Sabia que não teria volta. Quando acontecesse, eu não seria capaz de não contar à Pilar. Por isso, na minha cabeça, ceder ao desejo de estar contigo era abdicar da minha relação com ela. Vês? Ganhaste! E ganhaste sempre, a partir daí!»

«Como está a Pilar? Tens falado com ela?», pergunta, de forma aparentemente inocente.

«Não sei. Não falo com ela há algum tempo.» A Charlotte não faz mais perguntas. Mas olha para mim como se soubesse alguma coisa que eu não sei.

Eu estive com a Pilar há duas semanas. Continuamos a entender-nos bem. Foram muito anos a falar a mesma língua. Se, por um lado, nunca foi uma relação muito intensa, por outro, houve sempre uma enorme cumplicidade. Talvez tenha sido mais uma amizade colorida do que um grande amor.

«Não vamos falar sobre a Pilar. Esta noite é sobre nós. Gosto de olhar à volta e ver que por aqui quase nada mudou», digo, rodando a cabeça de um lado para o outro. «Gosto quando tu contas histórias dos tempos em que suspiravas por mim. Há pouco ias tão bem lançada a relembrar o nosso jantar, mas paraste antes de tempo...»

Estou só a provocá-la. Ao ouvir as minhas palavras finge estar zangada e faz uma careta. «Ah, não te esqueceste, portanto!», continuo. «Lembras-te de sair daqui quase a correr? Fomos abraçadas na rua como se não nos pudéssemos separar por nada deste mundo. Quando abriste a porta deixaste cair o casaco e tudo o que trazias na mão, empurraste-me contra a parede e colocaste-te à minha frente. Ficámos tão próximas que jurava poder sentir o teu coração a bater.»

Paro para avaliar o efeito das minhas palavras. Ela olha

fixamente para mim. Tem o cotovelo apoiado na mesa e a mão encostada ao queixo. A boca está entreaberta deixando que um dos dedos toque nos lábios. Quando pouse o copo intervém: «Continua! Por favor, não pares. Quero saber do que é que te lembras dessa noite...»

A voz dela traduz urgência. Eu sei como este tipo de conversas a excita e isso excita-me a mim. Continuo: «Sentia a parede nas minhas costas. Quase não me podia mexer com a força do teu corpo contra o meu. Lembro-me que o desejo aumentava e os joelhos fraquejavam. Senti a tua boca roçar os meus lábios, e a tua língua tocar ao de leve na minha, para logo se afastar. Lambeste a minha orelha e murmuraste baixinho. Em cada palavra eu perdi-me. Quando finalmente decidiste que chegava de tortura, o meu corpo já precisava de muito pouco. Mas tu tinhas um plano. Querias tudo e que o “tudo” fosse “tanto”, que eu não poderia, depois disso, ter qualquer dúvida. Admite! Passaram-se quase dez anos, podes dizer-me!»

«É verdade! Pelo menos em parte. Sabia que estavas com a Pilar. Eu queria-te muito, mesmo muito. E não apenas por um momento. Não era só luxúria, não era só prazer. Eu queria-te comigo. Naquela noite pensei que era a minha oportunidade. Se depois de tudo não tivesses a certeza de que valia a pena lutar por mim, então talvez devesse desistir e não perturbar a tua relação. Não é que tivesse sido planeado. Era só seguir os impulsos e não parar para pensar.»

A chegada da conta interrompe-nos. A Charlotte continua mais ou menos na mesma posição, não resisto em provocá-la e acrescento: «Hoje, não espero nada menos do que naquela noite.»

CAPÍTULO 8

6 de fevereiro — Caixa vermelha

Charlotte

Entrámos em casa. Durante o caminho, a Elena fez-me prometer que quando chegássemos tocaria para ela. O piano recorda-me sempre Paris. A minha mãe, as suas mãos sobre as minhas, quando estas eram ainda tão pequenas que tinham dificuldade em pressionar as teclas com força suficiente. O Leo, a tentar tocar comigo a quatro mãos. O meu pai, que nunca conseguiu tocar nada, sentado no sofá, a aplaudir cada acorde, por mais desafinado que soasse.

Sento-me e toco Rachmaninoff. É uma obra que conheço bem e sei que ela adora. Esqueço-me de tudo, os meus dedos têm vida própria dançando sobre as teclas. A Elena olha para mim e para a janela, deitada no tapete azul. Sei que sonha acordada.

Quando termino, levanta-se e abraça-me, encostando o peito às minhas costas. Beija-me o pescoço, afastando-me o cabelo para o lado. As suas mãos avançam sobre os meus ombros e escorregam sobre a camisa até atingirem o meu peito. Embora a sala esteja no mais completo silêncio, na minha cabeça continua a ouvir-se Rachmaninoff. Ela faz rodar o banco do piano, segura o meu rosto entre as suas mãos e beija-me. O contacto da sua língua com a minha arrepia-me e faz com que todos os músculos do meu corpo se contraíam num misto de desejo e antecipação.

A sala está iluminada apenas pelas luzes do jardim que entram pelas portas da varanda. A Elena sai durante um momento e volta, pouco depois, com a caixa vermelha na mão. Sorrio.

Puxa-me para o chão e ficamos ambas deitadas nas almofadas que se espalham sobre o tapete. Põe a caixa no chão à minha frente

e diz: «Hoje é um bom dia para abrir a nossa caixa, não achas? Tiramos um papelinho?»

Não sei o que dizer. Esta caixa de lata vermelha foi em tempos uma caixa de bombons. Oferecia-a à Elena a primeira vez que estivemos juntas em Paris.

«A caixa vermelha! Há quanto tempo não pensava nela!», exclamo. Fico surpreendida e ao mesmo tempo entusiasmada. Estico a perna e passo com o pé ao longo da coxa da Elena.

«Vá, tira um papel.», diz estendendo-me a caixa aberta.

Remexo os papéis como quem baralha e, por fim, retiro um deles. Deixo o papel branco, dobrado, pousado no chão ao meu lado, sem o abrir.

«*Chérie*, é a tua vez. Não feches a caixa.» A Elena, acena com a cabeça e volta a abrir a caixa. Sem olhar, retira um papel. Ao longo dos anos fomos enchendo a caixa. Nenhuma de nós sabe quantos papéis tem ou quantos já foram lidos.

«Subimos e abrimos lá em cima?», pergunto.

Ela ignora a minha sugestão, chega-se para o pé de mim e passa a mão sobre a minha camisa começando a desabotoá-la. Os seus dedos percorrem a minha pele com o intuito único de me deixar louca. Ela sabe disso e eu também. «Por favor, Elena, para!... Temos papéis para ler, lembras-te? Se continuas não terei condições...» sou impedida de continuar a falar porque ela introduz um dedo na minha boca. Não há como não chupar aquele dedo provocador. Retira a mão, lambe o dedo e, em seguida, desliza-o sobre a minha barriga, deixando um rasto de saliva, que logo complementa tocando-me com a língua nos exatos sítios onde há segundos estava o seu dedo.

O meu grau de excitação aumenta a cada segundo. Quanto tempo vou conseguir reter esta sensação? Ela gosta destes jogos. É perita em esticar as coisas até ao limite... parar e continuar, até não mais ser possível. Desisto de resistir e mergulho no mar de sensações provocadas pela sua boca, ela continua até ouvir um grito rouco provocado por um orgasmo que não consigo evitar. «Vamos subir?», pergunta com malícia.

Tenho dificuldade em levantar-me, mas faço o que me pede. Lentamente caminhamos até ao quarto, segurando, cada uma de

nós, um papelinho bem dobrado na mão.

Acendo a luz e puxo o edredão para trás, deixando exposto o lençol de cetim preto. Deito-me sobre a cama, já meia despida, esperando que seja ela a dar os próximos passos.

A Elena escolhe uma música que nos acompanhou nos primeiros anos em que vivemos juntas, um som profundamente ligado aos nossos melhores momentos no apartamento do Passeig de Gràcia. Quando a música começa, ela pousa o pequeno papel branco no tampo da mesa de cabeceira e, posicionada na contraluz, desaperta os botões da camisola que traz vestida, passando-a sobre a cabeça, com um gesto final algo teatral.

«Posso ler o meu papel?», pergunto.

«Sim, lê alto.»

Abro o pequeno papel e leio-o em voz alta. Ela sorri. Volto a dobrar o papel. O meu corpo estremece e mostra que voltou a estar pronto. Tão pronto, tão cheio de desejo, que só resta saber, outra vez, quanto tempo irá aguentar.

Elena

A Charlotte está deitada sobre a cama. Só pelo olhar posso perceber o quanto está excitada. Porém, hoje tenho outros planos, comecei lá em baixo e tenciono continuar noite fora. Quero saborear cada momento e dar-lhe um pouco mais, um pouco mais do que tenho dado ultimamente.

Neste último ano, sexo e discussões andam demasiado juntos. Um sexo escaldante, comandado pelo desejo, mas também pela raiva e pelo medo. O prazer é intenso, mas efémero, e, depois, volta a mesma sensação de solidão que já existia antes de começar.

Não sei se foi o vinho ou a magia dos aniversários, mas hoje durante o jantar comecei a pensar na nossa caixinha vermelha. Há quanto tempo não a abríamos?

A Charlotte tem os olhos fixos em mim, «Calma!», digo. Ao mesmo tempo que tento, com palavras, segurar as emoções dela, faço exatamente o contrário com as minhas ações. Parada à sua frente, desaperto o cinto, retiro-o meticulosamente e atiro-o para o

chão. Abro o botão e o fecho e, com ambas as mãos, puxo as calças para baixo. Sinto calor entre as pernas e o desejo tomar conta de mim.

Paro um instante. «Vou ler o meu, assim ficamos a saber o que nos espera esta noite.» Sem mais, dou a volta à cama e agarro no pedaço de papel dobrado que repousa na mesa de cabeceira. Abro-o e leio.

«Que tal começares a tirar a roupa?», profiro num tom autoritário, dando corpo às mensagens escritas nos papéis. Deito-me sobre a cama, com as pernas ligeiramente abertas e as mãos pousadas sobre a barriga. Ela levanta-se, sem dizer nada. Mantém um sorriso tímido. Sei que está completamente envolvida. Com gestos rápidos despe a camisa. «Mais devagar», ordeno.

A Charlotte murmura baixinho um pedido de desculpas e continua a sua atuação dirigindo o olhar para o chão, como quem está arrependida. Logo, volta a olhar-me nos olhos e prossegue. Desaperta as calças e livra-se delas. Já só de roupa interior, para e procura perceber as minhas intenções.

«Deita-te de barriga para baixo!», digo. Ela obedece. Rodo de forma a ficar com o corpo de lado, encostado ao dela, e com a mão acaricio-lhe as costas e as nádegas por cima do tecido acetinado das cuecas. Abro o fecho do sutiã e solto-o. Continuo a deslizar a mão sobre o seu corpo. A pele está quente e sente-se o tremor provocado pela excitação acumulada.

«Para, por favor! Se continuas não vou conseguir controlar-me.»

As suas palavras têm o condão de me excitar ainda mais. «Nem penses», respondo. «Sabes o que tens de fazer. Não sei como, mas vais aguentar!» Contrariando o seu pedido, intensifico os movimentos. Passo a mão por fora e por dentro das cuecas que ainda tem vestidas. Ela fica imóvel, tentando controlar-se. De vez em quando estremece com pequenos espasmos, mas volta a imobilizar-se. Ao fim de uns minutos interrompo as carícias, afasto-me um pouco e digo. «É a tua vez. Nua, por favor! Agora eu sou espectadora.» A Charlotte entende a mensagem de imediato. Finalmente sem cuecas, vira-se e começa a tocar com as mãos no seu próprio corpo. Mesmo com pouca luz vejo o seu rosto ficar ruborizado. Apesar de toda a inibição que possa sentir assume o

roteiro ditado pela caixa vermelha e continua. É a vez de o meu desejo se tornar difícil de tolerar. Quero tocar-lhe, mas, ao mesmo tempo, quero usufruir deste momento de luxúria.

A voz dela faz-se ouvir: «Agora, por favor! Sabes o que tens de fazer!»

Estamos ambas exaustas, nuas, deitadas lado a lado, de mãos dadas. No ar reina um sentimento de paz, de perfeição. Sei que não vai durar. Não tenho dúvidas de que estamos com problemas, mas agora, neste preciso momento, tudo o que consigo pensar é no prazer que acabo de sentir.

Ela adormece primeiro. Estou cansada, mas a excitação impede-me de dormir. Devagarinho viro-me de lado, vejo a luz da janela e o brilho do reflexo da água da piscina. Vêm-me à cabeça o café da Lola e a voz da Mercedes nas minhas costas «Queres companhia para almoçar?» Não, não pode ser! Em que pessoa me estou a tornar?

CAPÍTULO 9

9 de fevereiro — Sozinho no meio de um furacão

Charlotte

«Jean-Luc?! Olá, como estás? Que surpresa!»

«*Bonjour, chérie! Comment vas-tu?* Como está a Elena?» A sua voz soa cansada.

O Jean-Luc é o amigo de quem sinto mais falta. Não é que tenhamos deixado de falar, mas a distância impõe sempre algum afastamento e falar ao telefone não é igual a estar sentada num café de Paris, sabendo que no dia seguinte, na semana seguinte, podemos voltar a fazer o mesmo.

De imediato, ele continua: «Desculpa ligar assim, será que tens um minuto? Hoje precisava de ti aqui ao meu lado.»

«Claro que sim, os minutos que precisares. O que é que se passa?» Gravo o documento que estava a ler e recosto-me na cadeira, tenho a certeza de que aconteceu alguma coisa grave. «Pareces preocupado. Estás bem?» O Jean-Luc é das pessoas mais calmas que conheço, mas hoje o tom da sua voz revela inquietação.

Sem mais, vai direto ao assunto. «Ele foi agredido, Charlotte. Ele foi agredido e a culpa é toda minha!» As palavras são interrompidas por lágrimas e soluços, e durante uns instantes não diz mais nada.

«O que é que aconteceu, Jean-Luc? Foi o Pierre que foi agredido? Ele está bem?»

«Não sei o que fazer. As coisas estão a ficar completamente fora de controlo, eu digo-lhe que está tudo bem, mas na verdade não está nada bem.»

«Não consigo perceber, o que é que aconteceu? Onde é que está o Pierre?»

«Em casa... Passou uma noite no hospital, mas ontem ao fim da tarde veio para casa. É horrível, tem a cara toda marcada, tem dores em todo o lado, no peito, nas costas. Felizmente, não tem nada partido.»

«O que é que aconteceu? Foi um assalto?» Vou perguntando sempre a mesma coisa, não consigo juntar a informação que ele vai dando e não percebo o que se passa.

«Não, já te disse, a culpa é toda minha», repete, antes de prosseguir, «Anteontem, houve um comício aqui no centro. O chefe de campanha achou que podia ser bom aparecermos juntos. O Pierre não queria, eu insisti, e ele acabou por ceder. As intervenções sucederam-se e o ambiente foi ficando cada vez mais tenso. Havia um grupo de manifestantes que se fartou de gritar contra o casamento de pessoas do mesmo sexo, insultou-nos de tudo. Durante o comício estivemos sempre protegidos. Claro, havia a polícia, e estava montes de gente, pessoas que nos apoiavam e aplaudiam. Quando acabámos, eu tinha mesmo de voltar à sede do partido, mas o Pierre não quis ir e decidiu voltar para casa a pé. Ninguém antecipou... não sei...»

«Homofobia, é isso que estás a dizer?»

«Estou farto! Não vale a pena, não vale a pena lutar assim, não quando a vida dele é posta em causa.»

«O que é que se passou, afinal?», pergunto, sem conter a minha incredibilidade.

«O Pierre recusa-se a falar sobre o assunto. Tanto quanto consegui perceber até agora, um grupo de homens, acho que desses que estavam no comício, seguiu-o. Ele não deu por nada e, como costuma fazer, cortou caminho e atravessou o parque lá perto de casa. Àquela hora está escuro, não há quase ninguém. Começaram com insultos e ameaças e acabaram por o espancar com socos e pontapés. Só não foi pior porque foram interrompidos, assustaram-se e fugiram.»

Não consigo acreditar no que estou a ouvir. Fartamo-nos de ver estas histórias nas notícias mas, na realidade, nunca pensamos que podem acontecer connosco.

«Chamaram a polícia. O Pierre acabou por ir de ambulância para o hospital. Quando eu soube já ele tinha sido atendido e estava no

quarto. Imaginas o meu pânico, não sabia o que fazer, o que dizer, só me apetecia chorar e fugir dali para fora.»

«E a polícia?»

«A polícia diz que não pode fazer nada. O Pierre não os consegue identificar, ninguém viu, não havia câmaras, enfim, a ladainha do costume, e vão ficar impunes.»

«E agora?» Tento digerir tudo o que o Jean-Luc acaba de dizer. É tão brutal, tão sem sentido, que não sei como processar a informação.

«Não sei. Ontem à noite conversámos, eu já tinha tomado a decisão, vou desistir, não vale a pena...»

«Não digas isso, alguém tem de lutar.»

«Talvez, mas não assim.»

O Jean-Luc faz uma longa pausa, ouço-o suspirar e percebo que está a chorar.

«Mas também já não interessa o que é que eu quero. Ele já tinha tomado todas as decisões. Veio com uma conversa sobre as coisas entre nós não estarem bem, e isso não ser só de agora. Não imaginas como me senti com ele a dizer aquilo tudo, e a única coisa em que eu conseguia pensar era na cara roxa e inchada que estava ali mesmo à minha frente. Fui eu.»

«Não foste tu! A culpa não é tua! O Pierre quer separar-se?», pergunto a medo.

«Também não sei. Por agora diz que quer ir seis meses para Nova Iorque. Sozinho.»

«Agora que falas nisso, quando voltámos de Courchevel, a Elena comentou qualquer coisa sobre um convite para uma residência numa escola de dança nos Estados Unidos, é isso?»

«É. Aparentemente, falou com a Elena mas não comigo. E agora é uma decisão tomada, e eu não tenho nada a dizer. Não importa o que é que eu quero, não importa o que penso. Diz que está decidido e que vai no fim do mês.»

«Não posso dizer que sei o que é que estás a sentir, mas compreendo que te sintas mal.» Recupero alguma calma e tento distanciar-me da situação o suficiente para poder ajudar o Jean-Luc. «Nesta altura não há muito que possa dizer para te ajudar. Tens de tentar perceber, no fundo, o que é que te incomoda mais, e começar

por aí. É o que aconteceu? É a ida dele para os Estados Unidos? Não queres concorrer? Ou estás simplesmente zangado?»

«Sinto-me sozinho no meio de um furacão. Ouve, eu sei que estou a ser tremendamente injusto com ele. Ele sim, tem estado sozinho e foi ele que foi agredido. Mas isso não faz com que me sinta melhor.» O Jean-Luc fala aos supetões, umas vezes demasiado rápido, outras fazendo pausas como se precisasse de escolher as palavras. «Ontem, quando começou a falar, achei que ia dizer que queria o divórcio. E digo-te, se fosse o caso, eu ia ficar desesperado, mas não surpreendido. Isto da campanha, das eleições, é tudo muito bonito, mas o preço é alto. Demasiado alto.»

Ficamos a conversar durante algum tempo. Quando finalmente desligo, sinto-me triste, mais que triste, revoltada. Como podem continuar a acontecer coisas como esta?

Passaram cinco dias desde que o Jean Luc me ligou. Enviei-lhe mensagens e foi-me respondendo com poucas palavras. Olho para o relógio, são dez horas, pode ser que atenda. O telefone quase não dá sinal de chamar quando ouço a voz dele.

«Ainda bem que ligaste, estava para te telefonar. Sabes como é, os dias vão correndo, e acabamos por não fazer as coisas realmente importantes.»

Pergunto-lhe como é que ele está e como está o Pierre. Explica-me que nada mudou nestes dias. A sua voz não transmite o desespero da conversa anterior, soa mais calma, mais o protótipo do ponderado Jean-Luc.

«O que é que *tu* vais fazer? Ele já decidiu.»

«Temos discutido o tempo todo. De repente, parece que todos os problemas saltaram para cima da mesa. A sério, não imaginava que houvesse tanta coisa por dizer, mágoas antigas, cobranças, quando é que nos afastámos tanto? Tenho noção de que já dissemos tanta coisa que não devíamos e que não queríamos. Mas no fim nada mudou, ele já decidiu, parte dia 28.»

«Pode ser uma coisa boa. Dá-vos tempo para pensar, para deixar a situação acalmar.», respondo, sem muita certeza se acredito no que estou a dizer. «Tu vais mesmo desistir das eleições?»

«As eleições são daqui a nove meses. Em maio há as primárias, aí

ficarei a saber se sou eu o candidato do partido. Se eu ganhar essas, o que é um enorme “se”, aí então começa a corrida de verdade. A candidata do principal partido da oposição é muito forte. Pode vir a ser a primeira mulher presidente da França. Seria curioso disputarmos a mesma eleição.» Pela primeira vez, o Jean-Luc ri, perante esta possibilidade.

«Queria muito que não desistisses, mas percebo se o fizeres.»

«Obrigado, *chérie*. Não sabes como me fazes falta! Tens razão, não tenho alternativa. Posso tentar ir até lá nos anos dele, talvez consiga uma semana de férias.», o Jean-Luc suspira tão profundamente que me faz suspirar também. «Mudando de assunto, outro dia não te perguntei nada mas tenho andado a pensar, quando voltámos, o Pierre comentou que a Elena lhe tinha parecido muito alterada, a palavra que usou foi mesmo “perturbada”, ela está bem?»

«Não», respondo sem pensar. «Isto da gravidez..., de repente é o único assunto das nossas vidas, toma conta de tudo, está presente em cada conversa. Ela tem pressa. Tem muita pressa. Quer voltar já à clínica e fazer mais uma tentativa. Não pode, são os nossos últimos embriões. O que é que acontece se ela não...» Engulo em seco e não termino a frase. «Não sei se o nosso casamento resistiria.»

«Não sei se ela não tem razão. Pelo menos tentam, se não funcionar começam a pensar em alternativas.» Ele faz uma pausa e deixa um silêncio entre nós. «Charlotte, desculpa perguntar, tens a certeza de que queres ter filhos? Tens a certeza que queres que a Elena engravide?»

«Como é que podes questionar isso?», interrompo, elevando o tom. «Tu sabes que eu estive lá! Estive ao lado dela em cada momento. Fiz a porcaria dos tratamentos todos. Tens a coragem de me dizer que não quero que ela engravide?», prossigo, aos gritos.

Ele tocou na ferida e sabe disso. «Calma, Charlotte. Calma! Para de gritar e ouve. Não estou a dizer que estejas a boicotar o processo de forma consciente. Claro que não! Eu sei que estiveste lá, e que fizeste tudo o que era preciso. Sei que passaste um mau bocado e que nem assim recuaste. Eu sei isso tudo.»

Volto a falar por cima dele: «Se sabes isso tudo, como é que podes questionar se eu quero que ela engravide?»

«Não é nada disso», a sua voz denota alguma impaciência. «O que estou a tentar dizer-te, mas que tu não queres ouvir, é que não acho que, no teu íntimo, queiras ser mãe. Pelo menos, não agora. Mas a Elena quer! Quer muito, e já há muito tempo!»

Encosto-me para trás no sofá, sei que ele tem razão. É difícil de ouvir principalmente porque é verdade. Eu nunca quis ter filhos. Um filho?! Vou viver o resto da vida apavorada com medo de o perder.

Depois de uma eternidade em que nenhum de nós diz nada, sou eu quem volta a falar: «O que é que eu faço? Não sei se tenho mais medo de ter um bebé ou de a perder, se não o fizer.»

«Tens de conseguir ter uma conversa franca com ela», diz.

«Nunca consigo ser tão transparente como queria, nunca consigo falar com ela como estou a falar contigo agora. Tu estiveste lá, estavas ao meu lado, sofreste comigo, podes entender.» Sei que estou a misturar assuntos, mas os sentimentos são assim, matizados e enredados uns nos outros.

«Vais ter de conseguir, senão acabas por entrar numa situação que vai ter consequências para o resto da tua vida.»

Sem força para continuar, corto o tema: «Vou aí a Paris dentro de três semanas. Combinamos jantar? Será que podes reservar um espaço da agenda de candidato para uma velha amiga?», interrogo.

«Isso é pergunta que se faça?! Na realidade, nem sei se daqui a três semanas ainda serei candidato. Mas falemos de coisas sérias, onde é que queres ir jantar? Queres ir a casa da minha mãe?» O Jean-Luc sabe como eu gosto dos seus pais.

«Vou estar num congresso com o Gui, o Paco e a Alícia. Conheces todos, todos menos a Alícia.»

«Eles são fantásticos. Excelente companhia. E o Paco, o Paco é um pedaço de mau caminho. Agora que vou ficar sozinho, quem sabe...» O comentário é irónico. É evidente o quanto ele sofre com tudo o que se está a passar.

Finjo ignorar a observação e prossigo: «A Alícia chegou há pouco tempo do Brasil, ganhou o Prémio Bertha Lutz, sabes o que é? Ela tem uma determinação e uma energia contagiantes, é o vigor do samba. Nem imaginas...»

«Hmmm... estás muito entusiasmada com a nova bolseira»,

atalha Jean-Luc. «Como é que ela se chama mesmo? Alice?»

«Alícia. Sim, estou entusiasmada, mas não é nada do que passa nessa cabecinha maldosa. Estou empolgada por ter alguém na equipa que vê a vida de uma perspetiva diferente. Trabalhou na Amazónia, nem imaginas as histórias. Outro dia, estávamos a conversar no Park Güell, e explicou-me a organização familiar numa dessas comunidades. Não tem nada a ver com aquilo que conhecemos ou com os pressupostos que nos orgulhamos de assumir. Senti-me tão pequena, tão desinformada.»

«No Park Güell? O que é que estavas a fazer com ela no Park Güell? Agora dás aulas ao ar livre?» Com o seu ar de bom menino, o Jean-Luc consegue ser do mais sarcástico. «Vá lá, sou eu que estou aqui... diz-me lá, mesmo a sério, o que é que se passa entre ti e essa bolseira?» Pronuncia as palavras lentamente, dando a entender todas as suas segundas intenções.

«Nada! Nada de nada!», apresso-me a responder.

«Charlotte, cuidado! Eu conheço os sintomas, e falo em causa própria. Já conheci mais de uma dezena de bolseiros que trabalharam contigo e nunca te ouvi falar assim de nenhum deles. Quando nos sentimos sozinhos, enredados em problemas, procuramos escapes. Pessoas novas e atraentes soam a um ótimo remédio.»

«Estás a falar de mim ou de ti?», pergunto.

«Dos dois! Nunca disse isto a ninguém, nem a ti, nem ao Pierre. Há um ano, entrou um novo assistente para o meu gabinete. Tinha vivido os últimos anos nos Estados Unidos e transbordava o que descreves como a energia da juventude. Tinha a magia do desconhecido. Trabalhámos juntos muitas noites e às vezes saíamos para jantar. Ele contou-me a sua história, primeiro em Barcelona, depois em São Francisco. Bebia as minhas palavras como se pudesse aprender muito em cada uma delas. Fazia-me sentir tão inteligente, tão respeitado. Eu, do meu lado, gostava da vida de uma São Francisco distante...»

«A sério?! Não fazia ideia... O que é que aconteceu?»

«Um dia ficámos a trabalhar até tarde, já toda a gente tinha saído, jantámos ali mesmo, no gabinete. Comemos piza, bebemos uma garrafa de vinho e, quando dei por mim, estava a empurrá-lo

contra a secretária, a pôr as mãos dentro das calças dele e a beijá-lo. Imaginas o que se seguiu. Foi um bom orgasmo que lhe custou o emprego e me deixou com um peso na consciência até hoje. Não voltámos a falar. No dia seguinte pediu demissão, alegando assuntos pessoais, e saiu em menos de uma semana. Por isso, tem cuidado.»

CAPÍTULO 10

24 de fevereiro — Fugir para Nova Iorque

Elena

«Hoje, a tarde foi pesada. Vi quatro doentes em pouco mais de duas horas. Uma delas, uma primeira consulta, uma miúda de 16 anos com quarenta quilos e um metro e setenta. Vinha com os pais. Tive pena deles. Estavam brancos da cor da parede, com olheiras de quem não dorme há dias. A história de sempre, ótima aluna, faz ginástica de competição desde os 9 anos, até que, há uns meses, a mãe começou a notar reações estranhas. Agressividade, mudança de hábitos, a miúda, que adorava cozinhar, deixou de querer estar na cozinha, deixou de querer estar à mesa, passou a levar a comida para o quarto e a comer, ou a não comer, sozinha. O pai estava tão culpado, nem imaginas... O seu maior remorso era não ter dado por nada, ter desvalorizado o que se passava mesmo à frente do seu nariz. Acabaram por ser os professores a emitir o alerta. Não há dúvida de que é uma anorexia. Mas como explicar isso àqueles dois sem os fazer sentir os piores pais do mundo? Dei mil voltas para os convencer de que não podiam ter feito nada, de que não dependia deles. A miúda vai ter de ser internada.» O Pierre tem um copo de cerveja na mão e ouve atentamente a minha descrição. Chegou há pouco, direto do aeroporto.

«Não conseguia fazer o teu trabalho!», exclama.

Sorrio e olho para ele. Está mais magro e em redor de um dos olhos ainda se distingue uma sombra arroxeadada que não deixa esquecer o que se passou.

«Pronto, agora que já falei bastante, já te contei umas histórias, vais querer dizer-me alguma coisa? O que é que te deu para

apareceres aqui de repente? Vieste saber notícias do meu dia, beber uma cerveja? Não que não esteja contente por te ver...»

«Não consigo dormir, não consigo trabalhar, não consigo fazer nada. Não aguento mais.»

«O Jean-Luc?», pergunto, perplexa.

«Não consigo deixar de sentir que a culpa é dele. Eu sei, eu sei que é injusto. Eu sei que ele não fez nada e que não tem culpa nenhuma. Mas o que é que queres que te diga, cada vez que olho para a cara dele, lembro-me de tudo outra vez. Aqueles tipos atrás de mim... ouvi os passos aproximarem-se, primeiro achei que não era nada comigo, que iam simplesmente a passar, mas, de repente, apercebi-me de que estavam atrás de mim. Ouvia os risos, os comentários, as ameaças, ouvia as botas a rasparem no chão. Entrei em pânico, acelerei o passo. Olhei à volta em busca de ajuda, mas não havia ninguém. Comecei a correr. Foi nessa altura que as coisas se precipitaram...» O Pierre para de falar, levanta a cabeça, e olha para mim. Tem lágrimas a cair e o desespero espelhado no rosto.

«Queres...»

«Deixa-me acabar, tenho de te contar, tenho de falar com alguém ou vou explodir.»

Aceno com a cabeça e não digo nada.

«Eram quatro. Claro que quando comecei a correr, eles fizeram o mesmo. Óbvio, que me apanharam em menos de nada. Rodearam-me e, sem nunca deixarem de rir, começaram a empurrar-me de uns para os outros, como se eu fosse um boneco. Reconheci um deles, costuma estar no ginásio lá do bairro, quando vou treinar ao fim da tarde. É um tipo musculado, metido consigo próprio, mas que sempre me pareceu cordato e amigável, nunca diria que podia ser perigoso. Fiquei em silêncio, tentei segurar as lágrimas, mas isso só serviu para os provocar. Gritavam insultos, ameaças contra mim e contra o Jean-Luc. Vociferavam que, se ninguém fazia nada, eles não iam deixar que um “maricas” concorresse à presidência. Deviam ter bebido bastante, o cheiro a álcool era muito intenso. Um deles agarrou-me com força prendeu-me os braços, e incitou os outros para que, nas suas palavras “fizessem o que tinham de fazer”. Eu não os conseguia ver bem, mas um dos mais novos chegou-se de imediato à frente. “Vamos a isso, talvez aprendas alguma coisa”,

gritava, enquanto me abria as calças, ao mesmo tempo que fazia o mesmo com as suas. Entrei em pânico, gritei, implorei-lhe que parasse, mas de nada serviu. Nunca tinha sentido tanto ódio, tanta raiva. Tê-lo-iam feito, se tivessem tido tempo. Do nada, ouvi vozes e barulho de passos. Eles pararam. O tipo do ginásio, que parecia ser quem comandava, deu uma ordem: “Chega! Vamos embora. Deixem-no!” Os outros largaram-me, deram-me uns quantos murros, fazendo-me cair e, já no chão, mais alguns pontapés.»

«Que horror!», exclamo, arrependendo-me imediatamente por não ter sido capaz de conter as palavras. «Disseste à polícia que tinhas reconhecido pelo menos um deles?»

«Não.»

«Como não?»

«Não. Tenho medo. A polícia não vai fazer nada. Ele conhece-me, conhece o Jean-Luc, e nunca mais teremos paz. Só quero sair daqui e fingir que isto nunca aconteceu. Também não contei ao Jean-Luc. Ele sabe que me bateram e mais nada, é melhor assim.»

«E a solução é fugir para Nova Iorque?»

O Pierre recomeça a falar: «Não aguento mais a situação lá em casa! Não se consegue ter uma conversa, o Jean-Luc não ouve nada. Ultimamente, quase não fala comigo e, quando fala, só quer discutir. Há um tempo teve o desprazer de me acusar que se perdesse as primárias seria por minha causa. Aos gritos reclamava que eu não o apoiava. Eu, logo eu!», abana a cabeça num gesto de impotência e retoma o que estava a dizer. «Agora, claro, mudou tudo. Diz que vai desistir, que eu sou a coisa mais importante. Mentira! Ele quer concorrer. E eu também quero que ele concorra, só não consigo é estar aqui. Cada vez que ele olha para mim, vejo pena nos olhos dele, vejo culpa e frustração. Cada vez que olho para ele, lembro-me daquela noite.»

«É muita coisa ao mesmo tempo. Para ele também não deve ser nada fácil. Imagina a pressão a que está sujeito, o que deve ouvir mesmo dentro do partido. Eu sei que não é justo. Não pediste nada disto.»

«Não vou fugir, vou tentar recuperar a minha vida. Não tem só a ver com o que aconteceu, eu tenho de ir.»

«Como assim?» De repente não estou a perceber o curso da

conversa, será que se passa mais alguma coisa que eu não sei?

«Lembras-te que na neve te pedi para fazermos as pistas azuis? Não foi só para vermos a paisagem, na realidade não estava em condições de descer as outras.»

«Porque é que não disseste nada?», indago.

«Não quis estragar o fim de semana. Não há nada a fazer, o diagnóstico é claro, uma laceração no menisco e no cruzado anterior. Segundo o médico, por enquanto, nenhuma delas é muito grave, mas com a minha profissão a tendência é para piorarem.»

«Não podem operar?»

«A cirurgia pode resolver, mas também pode acabar de vez com a minha carreira.»

«E o Jean-Luc, o que é que acha?»

«Ele não sabe, ninguém sabe! Quando te contei que tinha sido convidado pela *Martha Graham*, na verdade não foi bem assim, fui eu que os contactei e pedi para me receberem. Não vou para lá para dançar, vou trabalhar num projeto que estão a começar na área da interpretação. Pode ser a porta de entrada para um futuro que sinceramente neste momento não tenho.» Respira fundo, apenas o tempo suficiente para recuperar o fôlego. «Com toda esta complicação da campanha, eleições, o Jean-Luc que anda de rastos, tinha decidido não ir. Mas isto que aconteceu fez-me mudar de ideias.»

«Vai fazer-te bem. Às vezes os motivos não são os melhores, mas o resultado pode ser bom na mesma.» Ponho a mão sobre o seu braço procurando transmitir-lhe algum alento.

«Eu ontem saí de casa...», sussurra.

«Como assim?», pergunto, incrédula.

«Saí temporariamente... Depois da última discussão decidi que não podia ficar ali nem mais um minuto ou ia dizer coisas de que me iria arrepender para sempre. Estou em casa de um colega, por sinal um colega muito giro», ri com um riso nervoso, tentando evitar as lágrimas.

«Devias procurar ajuda.»

«Um psiquiatra?»

«Sim. Tens de falar com alguém. Eu posso ouvir-te como amiga, mas precisas de ajuda. Aquilo por que passaste não vai desaparecer

no ar só porque tu queres, nem aqui, nem em Nova Iorque.»

«Talvez. Penso nisso quando estiver lá, prometo.»

«Vais ver que dentro de umas semanas vão estar ambos mortos de saudades e ele vai visitar-te.»

«Talvez», responde outra vez, como se a dúvida fosse a única coisa que consegue expressar neste momento. «Estou a abandoná-lo, quando ele mais precisa de mim. É isso que ele pensa.»

«Não te preocupes com o que ele pensa. Nunca se sabe o que é que as pessoas pensam. Nunca puseste a hipótese de ele ir contigo?»

«Não, claro que não. Isso não é possível. Ele pode ser o próximo presidente de França e nada se compara com isso.»

Penso no Jean-Luc e na forma como vai resistir a tudo isto. Ele toma o Pierre como garantido, o jovem sozinho em Paris, que os pais afastaram quando assumiu ser homossexual. O Jean-Luc foi o seu primeiro namorado, o seu primeiro, e único, grande amor.

Pedimos mais duas cervejas. O Pierre estende as mãos por cima da mesa e agarra nas minhas. «Obrigado, precisava mesmo de ti. Hoje saí cedo de manhã para dar uma volta e arejar a cabeça, a meio do caminho ocorreu-me que a única coisa que queria mesmo fazer era estar contigo. Mudei de direção, deixei o carro no parque do aeroporto, e comprei um bilhete. Daqui a umas horas tens de me levar de volta», suspira e bebe metade da cerveja de uma só vez.

CAPÍTULO 11

1 de março — Congresso de Paris

Charlotte

O Paco, o Gui e a Alícia vêm de avião. Saíram de Barcelona pelas dez da manhã e já devem estar a aterrar em Paris.

O comboio avança a grande velocidade impedindo-me de contemplar a paisagem. Estou contente por fazer esta viagem sozinha. Precisava de me afastar da Universidade e das discussões com a Isabel. Numa análise mais profunda, talvez não seja só da Universidade que preciso de me afastar. A semana passada voltámos a falar sobre gravidez, já nem percebo o que é que ela quer, tão depressa diz que quer tentar outra vez, como diz que devíamos deixar passar mais tempo, não entendo.

Bebo um gole de água da garrafa que tenho comigo e recordo o rígido plano de tarefas que defini para esta viagem. É uma forma de fazer o tempo passar mais depressa.

Olho para o relógio, já passaram mais de duas horas desde que saímos de Barcelona Sants e ainda não fiz nada. Ultimamente, é isto que acontece, faço planos, sento-me à frente do computador e, quando dou por mim, estou a pensar noutras coisas, muitas vezes nem sei em quê, e passaram horas. Toco no teclado para despertar o ecrã que, com o tempo, se desligou, e surge o texto inacabado. Volto ao início, começo a ler, vou escrevendo algumas frases e corrigindo outras.

A Alícia está sentada no sofá ao meu lado. Fala, mas não consigo ouvir nada do que diz, apenas vejo os lábios moverem-se. Sorri e olha para mim. Pouco a pouco, como se se movesse em câmara lenta, aproxima-se e coloca a mão sobre o meu joelho. Mantenho-me quieta,

com o coração aos pulos. Está sentada mesmo junto a mim, inclina a cabeça e encosta os seus lábios aos meus... Acordo subitamente com um movimento mais intempestivo da carruagem. Onde estamos? Olho para o relógio, marca duas horas. Dentro de muito pouco chegamos a Paris. O computador permanece à minha frente e a música, nos auscultadores, continua a tocar.

Chego sozinha à porta do restaurante. Combinámos encontrar-nos aqui, eu, eles e a minha irmã Claire.

À tarde, quando cheguei ao quarto, dei conta de que estava esfomeada. Acabei por não almoçar no comboio. Pedi um *Croque Madame* e um *cappuccino*. Quando pus a chávena na boca não pude deixar de sorrir e pensar na Elena. Quando acabei de comer liguei-lhe. Ainda estava na clínica, mas atendeu, e estivemos na conversa uns bons vinte minutos. Gozou comigo quando lhe contei que tinha adormecido durante mais de metade da viagem. «Acho ótimo, descansa bastante enquanto estiveres por aí. Nada de jantares, nada de copos ou noitadas. Guarda isso para fazeres comigo, quando voltares.» A voz dela soava tranquila. A distância tem este efeito... saudades! «Dá um beijo à Claire. Pergunta-lhe quando vem a Barcelona, estou ansiosa por tê-la cá. É a minha companheira de museus.»

A Elena adora a minha irmã e o sentimento é mútuo. «Sim, claro que sim. Vamos jantar hoje. Amanhã o congresso começa às oito, por isso hoje voltamos cedo para o hotel. Ligo-te à noite para desejar bons sonhos, *chérie*.»

Entro no restaurante e vejo-os imediatamente, estão sentados numa mesa redonda, a conversar e a rir. No mesmo instante sinto uma mão nas minhas costas. «Lottie», é a voz da Claire. Viro-me e ela está mesmo atrás de mim. Abraço-a, apertando-a com força, e beijo-a várias vezes.

«Estás mais magra. Está tudo bem? Como é que está a mãe e o Simon?» Falo depressa e, sem que ela consiga responder, abraço-a novamente.

Finalmente, atravessamos a sala e dirigimo-nos à mesa. O Paco e o Gui levantam-se e cumprimentam-nos efusivamente. Quando cheguei, à tarde, eles tinham saído para um passeio. A Alícia fica

um momento sentada, sinto que olha para mim. Depois, dirige-se à Claire: «Olá, boa noite. Eu sou a Alícia, prazer em conhecê-la.»

Enquanto comemos, a Claire monopoliza a conversa e conta-nos, com emoção, as últimas novidades do hospital e como foi gerir a pandemia no seu auge. Depois de várias histórias, umas tristes outras heroicas, detém-se e diz: «Ah, Lottie, antes que me esqueça, tenho finalmente o meu estágio em Barcelona confirmado para maio. Vou ficar três meses, achas mesmo que posso ficar com vocês? Se não der, não tem problema, alugo um apartamento ao pé do hospital e já está.»

«Claro que ficas lá em casa, isso nem se discute. Falei com a Elena há bocado, mandou beijinhos e diz que está à tua espera com uma lista de museus e exposições pronta para te receber. Sabes como ela gosta quando lá estás.»

Depois da Claire é a vez da Alícia nos arrebatar com histórias da Amazónia. Cada vez que fala sobre a sua viagem eu entro numa nova dimensão, deixo-me perder em pensamentos sobre uma realidade desconhecida, mas que se vai tornando mais próxima através das palavras dela.

Os dias seguintes passam quase sem dar por eles. No congresso reencontro os colegas e amigos que há muito não via. Todos têm muito para dizer e o prazer de estarmos juntos parece ter renascido, depois desta longa ausência.

Amanhã tenho a minha apresentação, hoje quero ir cedo para o quarto. A Alícia insiste em ficar para me ajudar, mas recuso veementemente.

A apresentação é um sucesso. Apesar de contente, quando o dia acaba sinto-me aliviada. Parecendo que não, estas apresentações causam sempre algum desgaste. As pernas doem-me como se tivesse corrido quilómetros, e simultaneamente sinto-me leve como há muito não me recordo. Contradições do corpo e da mente. Daqui a pouco vamos jantar com o Jean-Luc e amanhã vamos embora, já nem assisto às últimas sessões, o comboio parte ao meio-dia.

Tomo um duche prolongado com a música a tocar bem alto. A água está quente, deixo-a cair sobre a cabeça e perco-me em

recordações. Não sei porquê, mas estou satisfeita por a Alícia e o Jean-Luc se irem conhecer. Quero saber a opinião dele sobre ela. Quando abro os olhos, uma imensa nuvem de vapor invade a casa de banho. Já atrasada, visto-me rapidamente e desço para o átrio. Lá em baixo, o Paco e a Alícia estão à minha espera. «Onde é que está o Gui?», pergunto, estranhando a sua ausência.

«Não se sente bem. Ele tem enxaquecas e desde a hora do almoço que está com dor de cabeça. Insistiu em ficar até ao final das sessões, mas quando chegámos ao quarto estava péssimo. Convencio-o a tomar um comprimido e ele entretanto adormeceu. Charlotte, se não te importares, fico por aqui, ele pode precisar de alguma coisa. Pede desculpa ao Jean-Luc, gostava mesmo de estar com ele. Diz-lhe que estou a torcer pela vitória.»

«Claro, sem problema. O Jean-Luc vai ficar desapontado. Ainda outro dia, quando falei com ele ao telefone, ele me disse que gostava de te ver...», pisco o olho a Paco, e não escondo um sorriso.

A Alícia e eu entramos no restaurante e, poucos minutos depois, o Jean-Luc junta-se a nós. O empregado que vem à mesa trazer as ementas e as entradas olha várias vezes para ele e, por fim, toma coragem e diz: «Desculpe interromper, mas não posso deixar de lhe dizer que foi um orgulho tê-lo como presidente da Câmara e será uma honra ainda maior quando for eleito Presidente.»

O Jean-Luc fica surpreso e corado com a manifestação de apoio. «Obrigado. O orgulho é meu, em poder representar todas as pessoas e lutar por uma sociedade mais justa.»

«Pareces mesmo um político a falar», comento com ironia quando o empregado se afasta.

«Eu sou um político!» diz, soltando uma gargalhada bem-disposta. A possibilidade de desistir parece ter-se dissipado.

A Alícia está cativada por ele. Faz-lhe perguntas sobre a campanha e sobre o trabalho na câmara. O Jean-Luc retribui e desdobra-se em simpatias e sorrisos, alimentando a conversa sobre o Brasil e as questões económicas e sociais que o país atravessa. Ela fala de forma eloquente, mostrando crenças políticas fortes e um nível de conhecimento que eu não anteciparia.

«A política é uma arte perigosa. Parece que a escolha é sempre

entre malfeitores. Ditadores, corruptos e, agora, populistas.». Nenhum de nós tem coragem de responder, ou as palavras certas para argumentar. A Alícia fala como só quem está dentro da situação pode falar.

Antes do café levanta-se e vai até à casa de banho. Embora queira muito saber o que é que o Jean-Luc achou dela, aproveito o momento a sós para lhe perguntar como está o Pierre. A resposta é curta e evasiva e, como que antecipando a minha curiosidade, muda de assunto: «Percebo a tua atração, é gira, é inteligente, e tem um “quê” difícil de explicar. Vou dizer-te uma coisa, ela olha para ti de uma maneira que não tenho a certeza do que é que pode significar. Não sei se é só admiração ou...» O Jean-Luc não termina a frase e ri-se, enquanto eu forço um sorriso. «Não te esqueças do que eu te disse outro dia, pode ser um caminho sem retorno», conclui.

A despedida à porta do restaurante é demorada, nenhum de nós tem vontade de terminar a noite. Saímos para a rua e, mesmo ao frio, continuamos a conversar. Por fim, ele vai para o carro e nós chamamos um táxi.

«Tomamos alguma coisa? É a nossa última noite aqui... Sim? Por favor!» A Alícia olha para mim com um olhar suplicante. Já bebemos o suficiente ao jantar. Devia subir e ligar à Elena, com a pressa acabei por não lhe telefonar antes de sair.

«Acho que não... tenho de ligar para casa.» Ela não contesta, mas o seu olhar tem uma intensidade que me deixa vulnerável. «Bebo um café, mas fico só mesmo uns minutos. Estou tão cansada, doem-me tanto as pernas, que parece que estive a fazer ginástica o dia todo», desabafo. Mais uma vez, tenho plena consciência de que não é a resposta certa. Mas uns minutos a mais não vão fazer diferença.

Avançamos juntas até ao bar, escolhendo uma mesa afastada do balcão. Falamos do Jean-Luc, da Universidade, do congresso e da viagem de volta amanhã. A Alícia mostra-me fotografias do sobrinho, que o irmão enviou esta tarde.

Quase uma hora depois levantamo-nos e dirigimo-nos para o elevador. As pernas doem-me cada vez mais, de tal forma que quando caminhamos no corredor, sou obrigada a parar a meio do caminho. Baixo-me e esfrego com força a barriga da perna, é uma

sensação entre a dor e a câibra.

«Boa noite, obrigada pelo café e pela companhia», digo, enquanto passo o cartão e abro a porta do quarto. Avanço para o interior, quando olho para trás para fechar a porta, constato que ela permanece estática no corredor. Fito-a em busca de uma explicação.

«Posso entrar? Posso fazer-te uma massagem. Deve ser da adrenalina. A apresentação desta manhã foi fantástica, mas imagino que estejas exausta.» Sem esperar pela minha resposta, entra e fecha a porta.

Entre o cansaço do dia e o efeito do vinho, não tenho força para lhe pedir que saia. Sento-me na cama, encosto-me nas almofadas, tiro os sapatos e fecho os olhos por um momento. Antes de os reabrir, sinto os seus dedos nas minhas pernas. Sentada na borda da cama, começa a massajar-me com força na zona dos gêmeos. Sabe tão bem! Fico em silêncio, a sentir o seu toque firme, primeiro numa perna e depois na outra.

Sobressalto-me com o toque de um telefone. É o meu! Retiro-o do bolso de trás das calças e surge a fotografia da Elena. É quase uma da manhã. Esqueci-me de lhe ligar. Num instante, equaciono as possibilidades, atender e interromper o momento ou ignorar a chamada. Opto pela segunda.

«Alicia... devíamos parar. Não é apropriado... estamos aqui... a esta hora... A massagem é ótima, mas é melhor saíres.»

«Desde quando importa o que é “apropriado”? É bom, não é?», pergunta, sem retirar as mãos.

«Excelente», digo, sem oposição, voltando a fechar os olhos. A massagem não alivia apenas as dores musculares, tem um efeito muito mais profundo e muito mais perigoso. O problema é que não consigo pedir-lhe verdadeiramente que pare.

As mãos dela vão ganhando terreno, tocam os meus joelhos e sobem, estendendo a massagem às coxas. Passeiam devagar, explorando caminhos desconhecidos. Os movimentos são feitos com a força certa, mas com uma dose de contenção, como se a cada avanço ela procurasse o meu consentimento. Tenho de decidir rapidamente se vou deixar que isto continue ou se a interrompo, dentro em breve não haverá retorno.

O telefone volta a tocar. É a Elena. Toca cinco ou seis vezes. Não

atendo.

Levanto-me bruscamente fugindo do contacto com a Alícia. Entro na casa de banho, acendo a luz e deixo a porta aberta. Apoio as mãos na pedra do lavatório ficando a olhar para o meu reflexo. O que é que eu estou a fazer? Ela segue-me, entra, e o nosso olhar cruza-se no espelho. Encosta o corpo ao meu. Sinto o seu peito contra as minhas costas. Afasta-se e agarra-me pelos ombros, obrigando-me a ficar de frente para ela. Nesse momento encosta a sua anca contra a minha, forçando um contacto tão intenso que a roupa parece nem existir. Os nossos corpos tocam-se e, por entre as camisolas, sinto a rigidez dos seus mamilos. Ela mantém as mãos firmemente nas minhas nádegas, beija-me no pescoço, segue com a língua até ao lóbulo da orelha e volta a concentrar-se no pescoço. Depois de muitos beijos, esconde a cara no meu cabelo, e oscila o corpo contra mim, num movimento que pede mais.

Não consigo evitar o desejo que toma conta de mim. Resisto o mais que posso, que é quase nada. Sinto o seu rosto a poucos centímetros do meu. Olho-a nos olhos e rendo-me, deixando que o prazer comande. Beijo-a, tocando a sua língua com a minha, num beijo que reprimi, que guardei para mim, achando que nunca ia acontecer.

O comboio avança a grande velocidade. Passámos a fronteira há minutos, dentro de pouco tempo chegamos a Barcelona-Sants. A Elena falou comigo três vezes desde que saí de Paris. Quer saber se o comboio vai chegar à hora prevista e o que quero para o jantar. Estava preocupada por não ter conseguido falar comigo ontem à noite. Sem hesitar, expliquei que tinha ido jantar com o Jean-Luc, chegado tarde ao hotel e adormecido em seguida. Ela nunca faz muitas perguntas e, regra geral, aceita as minhas explicações.

A carruagem estremece fazendo balançar a chávena de chá pousada sobre a mesa. Tenho menos de uma hora para decidir o que lhe vou dizer.

A noite passada foi tudo o que podia ser. Quando acordei, já de madrugada, a Alícia não estava ao meu lado. Sobre a mesa de cabeceira um bilhete dizia: «Vou guardar o teu sabor até que o

possa sentir novamente.»

CAPÍTULO 12

*5 de março — «1982, Catalunha,
Reuniões internas»*

Elena

A Charlotte volta amanhã. Tenho saudades dela. Apesar dos últimos meses terem sido difíceis, ela é a mulher que eu amo. E, no entanto, estou a vestir-me para ir jantar com a Mercedes.

Hesito entre as calças de veludo com uma camisola de lã verde-menta e o vestido azul que adoro. Vestir-me para jantar é um pequeno prazer que ultimamente quase não tenho. Segundo palavras dela, não vamos a nenhum lugar sofisticado, quer experimentar um novo restaurante italiano que abriu perto da Sagrada Família. Ontem, quando me ligou a convidar para jantar, foi algo enigmática, disse que tinha encontrado uma coisa que me queria mostrar.

Acabo por optar pelas calças. Os brincos de ouro, o relógio, o casaco comprido de fazenda branca e estou pronta. Está uma noite fria. À última hora, decido chamar um Uber, não me apetece levar o carro.

Ligo para a Charlotte, o telefone toca várias vezes mas vai parar ao atendedor automático. Não sei se hoje há alguma conferência até mais tarde, ou se foi jantar com o Jean-Luc.

Entro no restaurante e vejo a Mercedes já sentada. Está toda de preto, calças, *blazer* e camisa, à exceção do lenço de seda, onde sobressaem pássaros em tons pastel de azul e amarelo. Sempre é um pouco diferente dos seus habituais fatos cinzentos, penso.

«Olá, ainda bem que pudeste vir!», exclama enquanto me sento.

«Desculpa, atrasei-me. Não contei que estivesse tanto trânsito.

Estás à espera há muito tempo?»

«Não. Aproveitei e escolhi um vinho. Posso pedir para te servirem?» Dizendo isto faz sinal a um dos empregados.

«Obrigada pelo convite. Fiquei surpresa, disseste que tinhas uma coisa para mim? Deixaste-me intrigada.»

«É verdade», ao mesmo tempo baixa-se retira alguma coisa da pasta que está no chão e pousa na mesa um livro com aspeto antigo. Vira-o para mim, e pergunta: «Sabes o que é?»

«Não faço ideia.» Não é bem um livro, é mais um relatório encadernado, com ar oficial. Na capa diz apenas «1982, Catalunha, Reuniões Internas».

«Vá lá, abre! Lê as primeiras páginas», encoraja-me.

Faço o que me pede. Na primeira página um pequeno texto diz «resumo alargado das reuniões do governo regional e do governo central com Juan Carlos Roig, 1980 a 1982». Fico estupefacta, continuo a folhear e vou lendo algumas páginas na diagonal. Trata-se das transcrições de reuniões do meu pai com vários elementos do governo da *Generalitat* e do governo de Madrid.

«Uau!», exclamo sem me conter. «O que é isto?»

«Depois da nossa conversa, fiquei curiosa. Disseste que o teu pai relatava umas reuniões com o governo, mas que tinhas a sensação de que podiam nunca ter existido. Aí tens! As reuniões não só existiram, como foram mesmo importantes. Este documento faz parte de um arquivo oficial e tem de voltar para lá. Não me perguntes como consegui, mas desde que o encontrei só queria mostrar-to.»

«Não pensei que tivesses ficado interessada nesta história.»

Entretanto chega a comida e ela volta a arrumar o relatório, prometendo que mais tarde me deixará ler. Entre garfadas os assuntos vão-se desmultiplicando. Fala-me sobre as férias que passou no Faial e mostra-me as fotografias que tirou. Numa delas surge de *T-shirt* com um copo de *gin* na mão.

A primeira coisa que me ocorre é «quem tirou esta fotografia?» Suportada pela coragem de um pouco de álcool a mais, interrompo a sua descrição: «Deve ter sido incrível. Foste sozinha? Com o teu companheiro?» Imediatamente sinto-me ruborizar, está feito, não há como voltar atrás e retirar as palavras. Ainda tento, «Desculpa, não

tenho nada a ver com isso... Conta-me mais sobre o vulcão...»

Ela olha para mim, tem um semblante sério e, por momentos, volta a ser a mulher enigmática dos fóruns financeiros. Não sei se ficou zangada, mas sinto-me intimidada. Então, a sua expressão altera-se e sorri. «Podes perguntar! Não há razão para ficares embaraçada. Eu é que não costumo falar destas coisas.» Fico aliviada com aquelas palavras. «Podemos beber o café lá fora?», pergunta-me.

Já na esplanada estende-me um cigarro. Deixei de fumar, mas ignoro o facto e aceito.

«Fiz primeiro uma paragem de uma semana em Lisboa e depois segui para a Horta. Fiquei por lá dez dias...» Ela parece ter relaxado, encosta-se às almofadas que cobrem as cadeiras e aconchega a gola do casaco mais junto ao pescoço para se proteger do frio que se faz sentir. «E, para que fique registado, fui sozinha, não tenho companheiro.» Não acrescenta mais nada depois desta frase, o que faz com que a minha cabeça se encha de mais e mais interrogações.

Vou fumando o cigarro lentamente, esperando que seja ela a retomar a conversa. Parece hesitar entre continuar a falar ou voltar para dentro, cortando definitivamente o assunto.

«Sabes, Elena, acho que nunca disse isto em voz alta a ninguém, seguramente não a alguém que conheço há poucas semanas. Construí a minha carreira a ferro e fogo, num mundo dominado por homens e por estereótipos. Para chegar onde estou tive de trabalhar o dobro, tive de provar que era capaz, mil vezes mais do que eles, e, ainda assim, qualquer porcaria é tema para me porem em causa.» As suas palavras deixam-me cada vez mais curiosa. Onde é que quererá chegar com esta introdução? «A verdade é que não tenho um companheiro porque gosto de mulheres. Mas também não posso ter uma companheira, simplesmente porque não é compatível com a minha carreira..., não do modo como eu própria a estruturei.» Com esta declaração cala-se com a mesma brusquidão com que começou a falar. Encosta-se para trás e fecha os olhos.

«Que tal pagarmos e irmos dar uma volta a pé? Está uma noite linda», a urgência de continuar a falar com ela toma conta de mim. Não quero ir para casa, quero continuar a ouvi-la. Penso na

Charlotte. São quase onze horas e hoje ainda não falámos, ela não ligou e não atendeu o telefone quando lhe liguei. Será que está tudo bem? Deve estar. Ligo-lhe quando chegar a casa.

Pouco depois, caminhamos lado a lado. A rua está bem iluminada e veem-se algumas pessoas que, como nós, disfrutam de uma sublime noite de inverno.

«Ficaste surpreendida?», a Mercedes dirige-me a questão sem olhar para mim.

«Não, nem por isso. Não é nada em que não tivesse pensado.» Recordo os meus 17 anos, a minha «paixão», e sorrio. «Aprendi, já há muito tempo, que não devemos tentar adivinhar este tipo de coisas. Não é difícil viver assim? Abdicar da tua vida pessoal para poderes ter uma carreira?»

«São escolhas. Nunca tive grande sucesso no amor. Posso mesmo dizer que sou um fracasso.» A sua voz muda de tom, provavelmente atravessada por um pensamento que não partilha. «Já a minha carreira profissional tem sido coroada de sucessos. Quando a escolha é entre o fracasso e o sucesso, a decisão torna-se fácil.»

«Não consigo acreditar no que estás a dizer. Acho que estás a manipular a realidade para explicar as tuas escolhas. É difícil imaginar que possas ser apelidada de fracasso no que quer que seja..., és uma mulher inteligente e sedutora.» Claro que, se tivesse parado para pensar, nunca teria dito o que acabo de pronunciar.

«Ora, ora..., não sabia que me vias assim, fico lisonjeada. Mas acredita, no amor o meu grau de competência é o inverso daquilo que tem sido no mundo profissional. Um dia, com calma, conto-te. Moro no final daquele quarteirão», diz, apontando para um prédio do outro lado da rua. «Queres subir e tomar alguma coisa?»

Desta vez consigo pensar antes de responder: «Não, obrigada. Tenho mesmo que ir para casa. A Charlotte está em Paris e ainda não falei com ela hoje. Fica para outro dia. Até porque me ficas a dever uma história.»

«Talvez um dia destes te conte, mas, para a próxima, quero saber de ti. Talvez fique a perceber melhor porque é que gostas tanto daquele ginásio tão desinteressante», a Mercedes termina a frase com uma gargalhada.

Já em casa, tento novamente falar com a Charlotte. É estranho,

mas continua a não me atender.

CAPÍTULO 13

7 de março — Separação

Charlotte

«Não é possível! Não pode ser verdade o que estás a dizer! Estás apaixonada por ela? Não pode ser! Eu amo-te e sei que tu me amas. O que é que aconteceu? Conta-me! Conta-me, por favor!» Ela está fora de si, anda na sala de um lado para o outro, esfregando as mãos e contorcendo os dedos. Não há uma forma fácil de dizer a alguém que foi traído.

Ontem, quando cheguei, não tive coragem de dizer nada. Ela tinha feito o jantar e preparado toda uma encenação, com direito a música, guardanapos de linho, copos altos e até velas.

No final da viagem, percebi que, para lá da culpa e do desejo, sentimentos fortes mas inconsequentes, a minha noite com a Alícia abre-me uma saída. Sei que não posso manter a relação com a Elena tal como está. Ela quer ter um filho e eu..., a única forma de não ter medo é simplesmente não a ter.

Jantámos um rosbife, assado na perfeição, e bebemos champanhe. Era tudo tão contraditório, como se tivesse entrado no filme errado. A Elena tentava seduzir-me, queria saber em detalhe tudo o que se tinha passado no congresso, como estava a Claire, o Jean-Luc, como tinha sido a minha conferência. Inundou-me de perguntas e de carinhos. Provavelmente, se eu não estivesse tão assoberbada com os meus próprios assuntos teria dado conta de que tudo era um pouco de mais.

Perdi a coragem para fazer o discurso ensaiado. Conteí-lhe como tinha sido o congresso, descrevi a enxaqueca do Gui e o jantar com

a Claire. Conteí tudo, e escondi a única coisa realmente importante.

Ela comentou, sem grande detalhe, que tinha jantado com a sua nova amiga do ginásio e que ela lhe tinha mostrado um documento que falava do pai. Não insistiu em saber porque é que eu não tinha atendido o telefone, nem fez perguntas desconfortáveis. Manteve o tom terno, de quem tem saudades e quer uma noite de amor. Mas isso era demais para mim. Não falar era uma coisa, mas fazer amor era outra bem diferente. Inventei uma dor de cabeça, pus a culpa nas horas passadas no comboio e no cansaço acumulado dos últimos dias. Ela, preocupada, deu-me um analgésico e acompanhou-me até ao quarto: «Dorme bem, amanhã vais acordar totalmente recuperada, temos todo o tempo do mundo para matar saudades.» O que ela não sabia era que não tínhamos todo o tempo, aliás, não tínhamos mesmo tempo nenhum.

Tomamos o pequeno-almoço e, quando terminámos, conto-lhe uma versão muito resumida do que se passou. Apesar das minhas palavras serem parcas, são mais do que suficientes para ela perceber.

«Já te disse, não há mais nada para explicar. Aconteceu. Uma coisa levou à outra, ela beijou-me e eu correspondi. O resto não interessa.»

«Claro que interessa! Dormiste com ela? O que é que aconteceu? Foi ela? Conta-me!» A Elena faz perguntas em catadupa sem esperar pelas respostas.

«Não importa o que aconteceu... Queres a verdade?! A verdade é que eu me sinto atraída por ela. A verdade é que fui para a cama com ela! Pronto! Não sei como é que começou, mas tenho de tentar perceber o que é que estou a sentir e, para isso, tenho de estar sozinha!»

«Tu nunca queres estar sozinha! Nunca estiveste, nem sabes viver sozinha! Não acredito em nada do que estás para aí a dizer.»

«Elena! Para de gritar! Não me importa se acreditas ou não. Eu vou sair desta casa. Tenho de pôr a cabeça em ordem. Percebo que isto te apanhe de surpresa, mas pensa, a nossa relação não está bem e isso não é de hoje, e não tem nada a ver com a Alcía.»

«O que é que queres dizer com isso? Estás a insinuar que é por

minha causa? Vais dizer o quê, que te pressionei? Sou eu, sou sempre eu! Tu choras, gritas, fazes as maiores cenas, todos estes anos e, no fim, sou eu quem te pressiona. Curioso! Pobre Charlotte!»

«Não foi nada disso que disse. Tu sabes tão bem como eu que já há muito tempo que não estamos bem. Já sei, vais dizer que isso não é razão para eu estar com alguém. Isso é conversa de psiquiatra! Na vida real, uma coisa leva à outra. Temos de parar... Vamos dar um tempo, vamos ver o que acontece.»

Levanto-me e subo até ao quarto, procurando respirar e decidir o que fazer. Na minha cabeça cruzam-se os pensamentos mais contraditórios. Eu gosto tanto dela! Quero voltar à sala e abraçá-la, libertá-la da mágoa que sei que está a sentir. Ao mesmo tempo quero ir-me embora e não olhar para trás. Não consigo pensar com clareza. Será que estou a fugir? Não importa, qualquer que seja a razão, tenho de sair daqui.

Elena

Só pode ser um sonho mau do qual não estou a conseguir acordar. Sentada no sofá, olho pela janela sem ver o que está do outro lado. A Charlotte está lá em cima no quarto a arrumar a mala. Vai mesmo sair de casa. Fui lá, chorei, pedi, implorei, de nada adiantou. Poucas vezes a vi com uma atitude tão determinada. Ao contrário do habitual não parece nervosa, está calma e racional.

Não faz sentido ela ter-se apaixonado perdidamente, a ponto de querer sair de casa de um dia para o outro.

Subo novamente a escada. «Charlotte, para, por favor, para de arrumar a mala e ouve-me!» Ela faz o que lhe peço, e senta-se em cima da cama.

«Não há nada que me possas dizer agora que me faça mudar de ideias. Eu tenho de ir, eu quero ir! Sabes para onde é que eu vou, se precisares de alguma coisa é só ligares, fico à distância de um telefonema.»

«Eu faço tudo o que tu quiseres. Desistimos de toda esta ideia de filhos, provavelmente tens razão, não vamos conseguir e é só um desgaste desnecessário. Vamos focar-nos em nós. Vamos viajar!

Podemos aproveitar as férias da Páscoa e ir a Paris ou, então, a Itália, como tu querias no verão.» Sento-me ao lado dela e agarro com força numa das suas mãos. «O que quer que tu aches que está a acontecer entre ti e a Alícia vai acabar por terminar, ela está aqui só de passagem. Não faz mal, já te disse, se precisas de estar com ela para resolver o assunto, está, eu não me importo.» Estas palavras nunca deveriam ter saído da minha boca. Primeiro porque não penso assim e segundo porque se a Charlotte as levasse a sério certamente não resultaria. A minha incredibilidade é tão intensa que, neste momento, qualquer argumento é válido para tentar evitar o inevitável.

Ela levanta-se e olha-me nos olhos com um olhar que traduz a sua irritação: «Não estás a ouvir nada do que te estou a dizer. Eu vou sair de casa. Não há nada que possas dizer ou fazer para evitar isso. Queres que te diga que me apaixonei pela Alícia, eu digo. Quero estar com ela! Por muito que te magoe, vai ser melhor assim. Deixa-me continuar, eu vou para o Passeig da Gràcia, tu ficas aqui. Depois, logo vemos como fazer com as coisas, agora isso não é importante.» Mostrando que fechou a conversa, a Charlotte recomeça a arrumar a mala sem voltar a olhar para mim.

As suas palavras cortam-me o coração, ela sabe onde e como me atingir. Desço as escadas a correr, pego na chave do carro e na carteira pousadas na mesa junto à porta e apanho o elevador direto para a garagem. Entro no carro e conduzo até ao ginásio, sem pensar. Entro na piscina com um mergulho, contrariando o regulamento, e começo a nadar o mais rápido que consigo, concentrando-me no meu ritmo respiratório.

Não consigo aceitar os argumentos dela, de certeza que há alguma coisa que eu não estou a ver. Talvez o melhor seja deixá-la ir e amanhã aparecer no apartamento, com flores, lembrando outros tempos. Podia levar-lhe um relógio, é sempre ela que me mima com presentes, é um bom momento para inverter posições. Não faz mal que ela tenha estado com outra pessoa, foi um momento, um momento sem significado, continuo a repetir para mim mesma.

Nada disso, ela traiu-me. Seja porque se apaixonou, seja porque está farta da nossa relação, não interessa, foi desonesta. Depois de

anos a massacrar-me com medos e fantasias, foi ela que me traiu. Não percebo, quer ficar com a Alícia? E a Alícia, o que é que quer? Sexo? Poder? Pois bem, assim seja, que desfrutem muito.

Retiro a cabeça da água com uma decisão tomada, vou afastar-me!

O peito dói-me e a garganta tem um nó de tal forma apertado que parece que nunca mais serei capaz de comer, mas vai passar, passa sempre!

Outra vez no carro, pego no telefone, de imediato surge a imagem da Charlotte, fruto da última chamada efetuada. Apresso-me a marcar o número da Mari Cármen, tenho de desmarcar as consultas da tarde, não estou em condições de trabalhar. Depois de uma explicação curta, sobre uma súbita indisposição, ela assegura-me de que tratará de remarcar as minhas consultas. Desligo e volto a ligar, desta vez para a Pilar.

«Preciso de falar contigo. Agora.» Ela fica surpresa com o meu telefonema e responde-me alguma coisa sobre estar no hospital e só sair às quatro. Ignoro completamente a informação e insisto que temos de falar agora. Insisto tanto que a convenço a vir ter comigo.

Encontramo-nos no café da Lola. Tudo o que consigo beber é um café e, mesmo assim, apenas encosto a chávena aos lábios, sem ser capaz de engolir. De enxurrada conto-lhe tudo, não tenho vontade de chorar, nem raiva, apenas mágoa.

Quando a Pilar se recompõe da surpresa diz: «Bom, no mínimo é inesperado. Que estranho... Não anteciparia que a Charlotte se envolvesse com alguém. Sempre tão controladora, tão possessiva em relação a ti. Quem diria que seria ela a ter um caso?»

«Não sei se é exatamente um caso, a mim parece-me mais uma fantasia, alguma coisa que ela encontrou para ocupar um espaço vazio. Também não me interessa, não vou armar-me em psiquiatra. Fui eu que fui traída, não quero justificações, quero-a bem longe.»

«Sabes que podes contar comigo para o que precisares. Estou e estarei sempre aqui.» A Pilar agarra-me na mão e encosta os lábios, depositando um beijo. «Quando me deixaste pensei que ia morrer, que não ia aguentar. Durante muito tempo não era capaz de pensar em ti, em nós, sem uma tristeza profunda. O tempo foi passando e os sentimentos foram ficando mais suaves. Eu adoro-te, e isso nunca

vai mudar. Não posso dizer que já não sinto nada, mas acho que aprendi a ter-te como amiga.»

PARTE 2

CAPÍTULO 14

18 de março — O dinheiro não compra tudo

Charlotte

«Não é admissível! Não podemos ficar de braços cruzados e continuar a compactuar com estas coisas. O dinheiro não pode comprar tudo! Onde é que fica a ética? A moral? Primeiro foi a contagem do tempo de serviço, agora isto com os bolseiros, não vos parece que já são assuntos demais e sempre com a mesma pessoa?» A Isabel fala aos gritos, com a agressividade que lhe é característica.

«Por favor..., por favor, mantenham a calma, não nos podemos exaltar. Temos de determinar qual a nossa posição face ao inquérito que foi aberto. Discutir não nos vai levar a lugar nenhum.» O diretor do departamento tem boas intenções, mas as suas palavras têm o efeito inverso ao pretendido.

«Como é que queres que não nos exaltemos?!», exclama o Arturo, «A culpa é toda dela!», diz, olhando diretamente para mim. «Com a mania de que pode tudo, de que é a melhor, sempre a exhibir roupa de marca, joias, carros, e sabe Deus que mais... Que exemplo é este para os nossos alunos?! E agora, como se não bastasse tudo o resto, paga aos bolseiros com o seu próprio dinheiro... onde nós chegámos!» O Arturo não parece ter vontade ou capacidade para se calar. Aponta-me o dedo e prossegue, inflamado de ira: «Devias demitir-te, isto já foi longe demais! Sabe-se lá o que é que vão encontrar se deixarmos o inquérito ir até ao fim. Pelo bem do departamento, e até pelo teu próprio, devias sair. De qualquer maneira, e ao contrário de nós, não precisas deste emprego para nada! Tenho a certeza de que esse relógio que tens aí no pulso vale muito mais do que o que eu ganho num mês.»

Mantenho-me calada. Quando a reunião começou já imaginava o que me esperava. Na segunda-feira recebemos um *email* dando conta que a direção da Universidade tinha dado seguimento ao inquérito sobre o financiamento dos bolsеiros. Receberam uma acusação anónima dizendo que eu pagava aos bolsеiros para me fazerem diversos serviços. Não diziam nada de concreto, mas levantavam várias suspeitas e deixavam a dúvida de até que ponto se tratava de abuso de poder e favorecimento. São denúncias extraordinariamente graves.

Posso jurar que as acusações partiram da Isabel e do Arturo. Há uns anos levantaram suspeitas sobre a validade da contagem do meu tempo de serviço, tentando impugnar um concurso. Na altura indignei-me e fiz uma reclamação escrita. O assunto acabou por chegar ao mais alto nível. Recebi um pedido de desculpas da Universidade e pediram-me para deixar morrer o tema. Na verdade, tiveram medo de que viesse a acusá-los de discriminação. Fiquei calada.

Na sala, à minha volta, a discussão continua ao rubro. No meio da confusão, alguém se dirige a mim: «Ouve, Charlotte, porque é que não dizes nada?»

«Não digo nada porque não tenho nada a dizer além do que já sabem. É verdade que eu adiantei dinheiro aos bolsеiros para eles poderem ir a Berlim. Mas esse dinheiro já foi transferido e a situação já está resolvida. Não vejo porque é que acham que me devo arrepender.»

«Ora, Charlotte, sabes perfeitamente que não é o congresso que está em causa. Vais dizer que é mentira que lhes pagas para te ajudarem nas aulas? As coisas ouvem-se... Outro dia estavam a comentar que são eles que corrigem os trabalhos dos teus alunos...», quem fala é um dos novos professores que se juntou a nós o ano passado.

«O quê? O que é que estás a dizer? Não podes estar a falar a sério! Ou estás a inventar, ou quem comentou não faz a menor ideia do que está a dizer. O que é que se passa contigo? Desde que entraste tens uma atitude hostil, o que é que te incomoda?» Paro para respirar e prossigo: «É por eu ser negra? É por ser lésbica? Ou é, simplesmente, por ser mulher e não suportes que tenha um

cargo mais importante do que o teu? Vá, assume! O que te incomoda assim tanto?» Não consigo ouvir mais nada e ficar calada. Quando as coisas começaram a tomar proporções mais graves, falei com o advogado e o seu conselho foi claro, «fica calada, não digas nada, ouve e responde estritamente às perguntas que te fizerem, dando o menos informação possível». Aguentei até onde pude.

A Isabel intervém: «Estás a queres desviar a atenção, Charlotte, quem usa esses argumentos és tu, não somos nós. Vais dizer que é mentira que pagas um salário ao Paco e ao Guillermo?»

«Sim, quer dizer, não. Pago-lhes, mas não é para me ajudarem a ver trabalhos, pago-lhes como monitores. Vocês sabem que deixámos de ter orçamento para monitores das práticas, achei que assim podia resolver o problema e, ao mesmo tempo, esse dinheiro ajuda-os a manterem-se aqui em Barcelona. Estes miúdos têm muita dificuldade em fazer face às despesas com o que recebem das bolsas.»

A Isabel não desiste: «Claro! És uma benfeitora, como é que eu ainda não tinha percebido?! Nada disto é em causa própria, certo? Mas, curiosamente, só contratas os bolseiros dos teus projetos.»

Inspiro profundamente: «Naturalmente! São as pessoas que conheço.» Penso na Alícia. Espero que não venha a fazer parte desta conversa.

A reunião estende-se já há mais de duas horas. Os argumentos repetem-se e ninguém dá mostras de ouvir ninguém. Finalmente, o diretor intervém no seu tom formal de sempre: «Não vamos chegar a lado nenhum, por isso proponho que não haja mesmo qualquer posição de consenso, já que este não existe. Cada um de vocês é livre de responder, ou não, ao *email* recebido. Charlotte, enquanto a situação não tiver sido esclarecida manténs as tuas funções e, pela minha parte, és livre de concorrer ao meu lugar na direção. Como sabem, vou reformar-me no final do verão, pelo que um de vocês deverá substituir-me, o concurso deve abrir em breve.» Dito isto, põe fim à reunião, não dando margem para que alguém continue a argumentar.

Quando entro, a sala está gelada. A janela deve ter ficado mal

fechada e acabou por se abrir de par em par. Ligo o aquecimento, fecho os vidros e aproveito para ficar a contemplar os prédios com as suas varandas de ferro forjado. As casas com as luzes acesas deixam ver o seu interior. Lá em baixo, na rua, as pessoas passam num frenesim ritmado, digno de um musical da Broadway. É um privilégio morar aqui, mas este apartamento traz-me milhões de recordações dela.

Uma vez tomada a decisão, há que seguir em frente, a partir de agora vou focar-me naquilo que posso ter. Não vejo a Alícia desde que voltámos de Paris. Ligou-me várias vezes, não atendi nenhuma delas, não estava em condições de falar. Alterei as minhas aulas e, durante uns dias, não fui à Universidade. Quando regresssei, fiquei a saber que ela também não tinha retornado. Falou com o Paco e desculpou-se com «umas questões familiares que tinha para resolver», nada de concreto, mas o suficiente para ele não fazer mais perguntas e aceitar a sua ausência.

No início desta semana mandei entregar flores, muitas flores, acompanhadas por um cartão onde lhe explicava que me tinha separado e enviava esta morada, embora não a convidasse explicitamente para nada. Não agradeceu nem respondeu à minha mensagem.

O toque da campainha interrompe a minha viagem pela rua através da janela. Quem será? Logo hoje, depois daquela malfadada reunião, não me apetece ver ninguém.

Abro a porta. «Alícia?», o meu espanto é grande.

«Posso entrar? Precisamos de conversar!»

Sim, sem dúvida que temos de falar, mas não hoje, estou esgotada, sem um pinga de energia. Não verbalizo nada do que estou a pensar e abro a porta para trás. Ela entra, tira o casaco, pousando-o cuidadosamente sobre uma das cadeiras e deixa-se ficar de pé, olhando pela mesma janela onde, há minutos, eu contemplava a rua.

«Vou buscar alguma coisa para bebermos», digo, deixando-a sozinha. Volto com dois copos de vinho branco e estendo-lhe um.

Ela pega no copo, mas não o leva à boca, em vez disso, levanta-o e diz:

«Um brinde aos encontros da vida!»

Ergo o meu copo e brindo com ela. Nunca deixa de me surpreender.

«Obrigada pelas flores!»

«Podias ter respondido...»

«É muito difícil seguir os teus desejos, Charlotte. Primeiro passas dias sem atender as minhas chamadas, sem deixares sequer uma simples mensagem. Depois, mandas flores... não consigo acompanhar-te! O que é que queres de mim?»

Não me passa despercebido que abandonou o «Professora». Largo o copo e aproximo-me e, sem pedir permissão ou dar explicações, envolvo-a num abraço. O seu copo, felizmente já vazio, cai no chão, miraculosamente não se parte e rola até à parede. Ela põe os braços à minha volta e aperta-me. O cansaço vai desaparecendo à medida que a adrenalina se liberta. A imagem da Elena cruza rapidamente a minha mente. Olho para a Alícia, está tão perto que posso sentir a sua respiração quente no meu pescoço. Rodo a cabeça e colo os meus lábios aos seus, procurando que a força de um beijo me faça esquecer tudo o resto, me faça esquecer a Elena. Abro passagem com a língua e prolongo o beijo, saboreando o seu gosto adocicado.

«Tens a certeza?», pergunta, mantendo uma postura tensa.

«Tenho», é a minha única palavra. Dou uns passos para trás de forma a conseguir chegar ao interruptor e apagar a luz, deixando a sala apenas iluminada pelas luzes da rua, através janela. Dispo a camisola e deixo-a cair, enquanto descalço os sapatos, roçando um pé no outro. A Alícia mantém os olhos fixos em mim. Parada no meio da sala, agora só de calças de ganga, meias de lã e camisola interior, estendo-lhe a mão e conduzo-a até ao sofá. Sento-me e ela senta-se ao meu colo, com uma perna de cada lado.

A Alícia é uma brisa num fim de tarde de verão. Eu nunca me consigo sentir assim «leve». Mas... e o resto? O que é que eu faço com o resto da minha vida? Podia deixar a Universidade e sair por aí a viajar. Ver o mundo como alguém que está de passagem, sem compromissos, sem responsabilidades e, acima de tudo, sem medo. A ideia seduz-me e não posso deixar de sorrir, uma praia nas Maldivas, um *bagel* em Nova Iorque e um café em Roma.

Ela beija-me suavemente no pescoço, ao mesmo tempo que eu

lhe acaricio o cabelo. «Charlotte», diz, enquanto as suas mãos procuram as minhas. «O que é que queres de mim, de verdade?»

«Não sei, acho que me apaixonei!» Pela expressão no seu rosto vejo que as palavras cumprem o meu objetivo. Neste momento é difícil distinguir a verdade da necessidade. «Quando te conheci despertaste coisas de que eu não estava à espera, que não queria. Obrigaste-me a repensar o que tinha e o que queria ter. Não é uma equação fácil. Eu gosto da Elena, são muitos anos. Mas tu... tu trouxeste tudo o que eu não tinha há muito tempo.»

«Ouve... para mim isto não é uma brincadeira, não é um *flirt* passageiro. Não sei se é paixão ou simplesmente tesão. Eu não vim para a Europa para me apaixonar e, ainda assim, não consigo ficar longe. Pergunto-te outra vez, o que é que queres de mim?»

«Não tenho uma resposta. Aqui e agora, quero-te minha. Amanhã, não sei...»

«E a Elena?»

«Separámo-nos. Quando chegámos de Paris, contei-lhe o que tinha acontecido e saí de casa.»

«Assim, sem mais nem menos?»

«Não foi sem mais nem menos. As coisas não estavam bem. Ela tem estado com a Pilar, a sua ex-companheira... O que aconteceu em Paris foi só mais uma gota num copo pronto a transbordar.» Eu própria já não sei o que é mentira e o que é verdade. Neste momento, todos os argumentos me parecem válidos se me ajudarem a convencê-la de que podemos estar juntas.

«Ela traía-te?»

«Não sei, nunca me disse que tinha voltado a estar com a Pilar. Sei que se encontram, o resto só posso imaginar.» Claro que não acho que a Elena me traía. Sei perfeitamente que ela só não me contou porque eu teria feito um escândalo.

A Alcía mostra-se mais à vontade. Pensar que a Elena me traiu primeiro, que eu não estava bem e que ela foi a salvação, ao invés de ter destruído a minha relação, deixa-a mais segura.

Puxo-a num abraço que termina numa tentativa de lhe despir a camisola. Não sai à primeira mas, com algum esforço, consigo o meu intento. Ela tira o elástico que prende o rabo-de-cavalo e deixa o cabelo cair solto pelas costas. De repente, está calor, aquele tipo

de calor que vai até à alma, que vem de dentro de nós.

Com um movimento imprevisível, ela puxa-me para o chão, deixando que o tapete ampare a queda. Encosta os seus dedos à minha boca, passando-os entre os meus lábios e fazendo com que eu os lamba. As carícias sucedem-se, os corpos tocam-se, sinto as mãos dela em mim, primeiro no peito, depois na barriga, passando junto ao umbigo e descendo. Ao mesmo tempo, sou invadida por uma sofreguidão de a possuir. Com gestos rápidos, retiro o que falta da sua roupa, contemplo a nudez na contraluz, e, sem dar tempo para mais nada, deslizo os dedos com ímpeto, forçando levemente a passagem. Ela geme, crava as unhas nas minhas costas e grita impróprios, com cada um deles, eu acelero os movimentos até a sentir derreter na minha mão, até a voz dela se extinguir num último grito de êxtase.

Quando recuperamos o suficiente para nos levantarmos, voltamos a vestir a roupa espalhada pelo chão. Sento-me no sofá e tapo-me com uma manta. Ela pega na outra e deita-se com a cabeça nas minhas pernas. Ficamos assim, voltando a prestar atenção às pessoas que passam lá em baixo na rua. Encomendamos o jantar e, cerca de uma hora mais tarde, depois de um duche bem quente, estamos sentadas em frente a uma piza.

«E agora?», pergunta. «Amanhã vais ignorar o que aconteceu?»

«Claro que não! Não percebes que estou nas tuas mãos? Fizeste-me querer estar contigo mais do que alguma vez poderia imaginar ser possível. Fica aqui... Podes ficar o tempo que quiseres.»

Ela ainda não tocou na comida e olha para mim com ar de dúvida, sem dizer uma palavra. Eu conheço-me, a única forma de não ir atrás da Elena é manter-me acompanhada, e a Alícia é, sem dúvida, a melhor companhia que posso ter agora.

«Fica aqui, pelo menos uns dias. Vai ser ótimo! Só temos de ser cuidadosas, e não dar nas vistas na Universidade. Não quero envolver-te nesta história da Isabel e do Arturo. Mas, já disse e repito, podes ficar aqui sempre que quiseres.»

Ela empurra a cadeira para trás, levanta-se, dá a volta à mesa, debruça-se sobre mim e beija-me.

«Um dia de cada vez. Hoje eu fico, amanhã logo vemos.»

CAPÍTULO 15

30 de março — Congresso de Lisboa

Elena

As mesas metálicas, rodeadas de cadeiras pretas, estão quase todas ocupadas. As pessoas falam alto, no meio da confusão da bagagem e dos múltiplos avisos do sistema sonoro. O nosso avião para Lisboa está atrasado mais de uma hora.

A Mari Cármen conversa animadamente com a Pilar sobre um assunto ao qual não presto muita atenção. Não fazia parte dos meus planos viajar com a Pilar para onde quer que fosse. Para mais, a Charlotte iria fazer uma cena e, com certeza, impedir essa viagem. Mas agora... agora já não há a voz da Charlotte a contestar o que quer que seja.

Olho para o *cappuccino* à minha frente e sinto um misto de náusea e pânico. A Pilar, sentada ao meu lado, mantém-se atenta à chávena que tem à sua frente como se estudasse física quântica, passa a colher no pó de chocolate que está sobre a espuma do leite e vai espalhando linhas castanhas no fundo branco.

«Elena... Elena!» A voz parece longe. «Elena, estás bem? Estás pálida, estás a sentir-te bem? Precisas de alguma coisa?» A mão dela agarra-me no braço e os seus dedos posicionam-se para me avaliar a pulsação.

«Vou à casa de banho, volto já.» Levanto-me e a Pilar levanta-se atrás. Entro na casa de banho e só tenho tempo para fechar a porta antes de começar a vomitar. São mais os vômitos do que aquilo que tenho para deitar fora.

Ela espera-me junto aos lavatórios.

«Melhor?», pergunta, estendendo-me um lenço de papel.

«Sim, desde manhã que não como nada. Estou nauseada.» Dói-me a garganta. Sinto falta de tudo, porque sinto a falta dela.

A Pilar já está sentada à mesa do pequeno-almoço quando entro na sala de jantar. Lisboa tem uma luz mágica, mesmo no inverno, penso, olhando lá para fora.

«O pão é delicioso, prova», diz, estendendo-me uma fatia de pão barrada com muita manteiga, que derreteu com o calor do pão.

«Excelente!», exclamo, percebendo que tenho fome. Ontem à noite acabei por não comer nada e adormecer.

No congresso, as sessões decorrem em oito salas em paralelo. A dificuldade é escolher. Assisto a uma sessão sobre hiperatividade e défice de atenção na idade adulta e depois a outra sobre o luto. Acho que vim para tentar encontrar soluções em causa própria. A perda dói, torna-nos vulneráveis e alimenta-se dessa vulnerabilidade.

Encontramo-nos no átrio pouco antes da hora de jantar. Combinámos comer alguma coisa aqui por perto e seguir direto para o hotel.

Chegámos esgotadas. Quando subimos no elevador, a Pilar comenta do nada: «Estou nervosa para amanhã.»

Olho, espantada. «Queres ajuda? Se quiseres, posso rever a apresentação contigo.»

«Era ótimo. Não te importas? Não estás muito cansada?»

«Não, nada que não aguente um pouco mais.» Entramos no quarto. O cheiro do seu perfume está no ar e, momentaneamente, transporta-me para um passado distante.

Durante mais de uma hora mostra-me o que vai apresentar. Interrompo várias vezes fazendo perguntas ou simplesmente discutindo um pormenor. Aos poucos, o cansaço acumulado vem ao de cima e, com ele, uma sensação de nostalgia.

«Elena, o que é que se passa? Estás bem?», a voz da Pilar soa preocupada.

Dou conta das lágrimas que correm. Limpo a cara com as costas da mão e não consigo evitar o desabafo: «É injusto! Tenho tanta raiva e ao mesmo tempo uma saudade imensa.»

Subitamente, percebo o quanto estou a ser narcisista. Ela ouve-

me em silêncio, mas assim que me calo, intervém: «Obrigada pela ajuda. Já é tarde, temos de descansar.» Sem me deixar responder, levanta-se e abre a porta.

Sei que a conversa acabou e que nada mais há a dizer neste momento.

A apresentação é um sucesso. No intervalo todos comentam. Fico a olhar de longe, admirando-a com orgulho.

O resto do dia passa num piscar de olhos. À chegada ao hotel, nenhuma de nós tem ânimo para mais nada e subimos diretas para os quartos.

Olho para o telemóvel esperando ver uma mensagem da Charlotte. Como é possível? Ao fim de tantos dias continuo à espera. Atiro-me vestida para cima da cama e fico a olhar para o teto. Sinto a falta dela...

Durante um momento não consigo perceber. Não tenho a certeza se estão a bater à porta do quarto ou se é um barulho no corredor. Olho para o relógio, duas e cinquenta. Estão mesmo a bater à porta. Sem pensar muito, levanto-me e abro.

A Pilar está parada do outro lado, empurra-me delicadamente para dentro, fechando a porta atrás de si. Ficamos em pé, em silêncio, no escuro. Sinto os seus braços à minha volta e os seus lábios colarem-se aos meus num gesto que me é familiar. Beija-me lenta e profundamente, explorando a minha boca, testando até onde eu consinto a invasão. Não sabe que eu estou rendida, à partida.

«Não parei de pensar em ti. Sei que estás magoada, que estás vulnerável e não me quero aproveitar... Ou melhor, quero! Quero-te. Mas, tens de me dizer que também queres. Se não, eu saio e deixo-te dormir.»

Não consigo pensar com clareza. Ela está aqui no meu quarto? Ou é apenas mais um sonho confuso?

As sensações são todas conhecidas. Passaram oito anos e é como se tivéssemos estados juntas ontem. O aroma a baunilha é o mesmo, inunda as minhas narinas e provoca os meus sentidos.

Começa a contar histórias, relatos de desconhecidas. Este jogo de sedução era uma das nossas formas de levar a excitação para outro

nível. Aceito o desafio. Com a boca encostada ao seu ouvido e a mão entre as suas pernas, avançamos ao ritmo do desejo que cresce apoiado pela narrativa. Sinto-a molhada, à medida que o meu relato se desenrola, cada vez mais distante da realidade e mais perto do devaneio.

Sem nunca interromper a minha história, sinto os músculos contraírem, ela aperta o meu braço, puxa-me, e mostra-me o que pretende. Obedeço e sinto o seu corpo contorcer-se em ondas de prazer sucessivas. Minutos depois, sinto a sua mão entre as minhas pernas, desvio-me de forma gentil, evitando o contacto. «Estou bem», murmuro.

Depois de tantas palavras que alimentaram o nosso prazer ficamos caladas. Não há nada para dizer.

Quando ela sai, deixo-me ficar nua dentro da cama. O sexo pode ser a melhor das terapias, mas o seu efeito é de curta duração.

CAPÍTULO 16

23 de abril — Claire

Charlotte

Falei com a Elena, por telefone, a semana passada, e ela estava entusiasmada por a Claire ficar lá em casa. «Uma coisa não tem nada que ver com a outra», disse-me. «Eu gosto da Claire, por mim pode ficar cá o tempo que quiser.» O telefonema foi difícil e curto. Desde que saí de casa só falámos duas ou três vezes, e para tratar de assuntos do dia a dia.

Finalmente, avisto a Claire. Acena-me com ambas as mãos, largando as duas malas exageradamente grandes que transporta consigo. Depois de mil abraços e outros tantos beijos, avançamos em direção ao estacionamento. A conversa prossegue com perguntas rápidas e respostas inocentes. Já na garagem, surge a pergunta para a qual me preparei: «Lottie, onde é que está a Elena?» A minha irmã é a única pessoa que me chama Lottie.

Entramos no carro e ligo o motor antes de responder. «Escuta, Claire, tenho uma coisa para te dizer, eu e a Elena separámo-nos!», declaro de supetão.

«Como assim, separaram-se? Vocês adoram-se! Como é que se podem ter separado?»

«Lembras-te quando jantámos em Paris? Lembras-te da Alícia?»

«Sim, e daí?»

«Daí que uma noite bebemos um pouco e... e acabámos por nos envolver.»

«Estás a brincar? É uma partida, certo? Não pode ser verdade!»

«Preciso de tempo para perceber os meus sentimentos, para me

organizar. Preciso de estar sozinha.»

«Sozinha ou com ela?»

Opto por não responder e, aos poucos, a Claire vai-se acalmando.

«Falaste com a mãe?»

«Não, não falei com ninguém. A mãe está longe, não pode fazer nada e não quero que se preocupe. Por favor, não lhe contes! A propósito, como é que ela está? Não tenho notícias há quase duas semanas.»

A minha irmã sorri: «Está ótima. Está em São Francisco.»

A Claire enche-me de perguntas sobre a Alícia. Dou conta de que há muita coisa sobre a qual não faço nem a mais pálida ideia.

Estaciono o *Cayenne* na garagem, no lugar de sempre. O carro da Elena está parado ao lado. O tanto que nós discutimos sobre carros ao longo dos anos.

«Ajudo-te com as malas até ali ao elevador, mas não vou lá acima. A Elena está à tua espera. Enviei-lhe uma mensagem agora.»

Toco no botão de chamada e, quando as portas se abrem, ponho um pé dentro do elevador, deixo passar a Claire com as malas, dou-lhe um beijo na bochecha e rodo a minha chave no painel para desbloquear o acesso direto. «Vai correr tudo bem. Eu ligo-te para combinarmos o jantar, ok?»

A semana passa sem grandes novidades. Na Universidade o ambiente é hostil, sucedem-se aulas e avaliações, mas inevitavelmente estão todos de olhos postos no inquérito que vai prosseguindo.

Hoje, combinei jantar com a Claire, para ela me pôr a par das novidades.

«Fiquei a saber que tens um novo amor...», comento, brincando.

«Sabes sempre tudo! És sempre a mesma coisa, Lottie!» A Claire finge um ar irritado, ao mesmo tempo que deixa escapar a sua alegria.

«Porquê? Não é verdade? Ou decidiste diversificar as tuas escolhas e não é um mas uma?»

Ela ri, entrando na brincadeira. «Já te disse, um dia vou experimentar, mas ainda não foi desta. O Charles é um novo interno, meu colega no hospital.»

Enquanto comemos, ela vai descrevendo o seu novo amor. Ao fim de uma hora, sinto que já o conheço pessoalmente, com tanta descrição e tantos pormenores.

A Claire não fala da Elena e eu contenho-me para não perguntar, mas, quando chegam os cafés, não consigo aguentar: «Como é que ela está?»

«O que é que queres saber? Não sei que te diga.», olha-me nos olhos, e a sua expressão muda.

«Diz-me alguma coisa. Como é que ela está... não sei, diz-me qualquer coisa...»

«Não percebo porque é que vocês se separaram. Tu estás aqui morta de saudades e ela está lá em casa, tão triste como eu nunca a tinha visto. Ontem à noite, desci para beber água, eram umas três da manhã, ela estava sentada no sofá, de pijama, a olhar para a janela. Posso jurar que estava a chorar.»

«Não te disse nada sobre mim?» A minha curiosidade é quase mórbida. Preciso que a Claire confirme que a Elena está zangada, que nunca mais me quer ver.

«Disse, claro que disse. Temos estado tanto tempo juntas que falamos de tudo, de ti, inclusive. Ontem, ficámos horas no Museu Picasso. Quando saímos, fomos beber um chocolate e ela contou-me a vossa conversa. Diz que não percebe, e eu também não. O que é que tu viste nessa rapariga?»

«Acho que é a simplicidade com que ela encara a vida. A Elena é o oposto, vive a vida com uma profundidade que eu não consigo acompanhar.»

«A sério, Lottie? Como é que podes dizer isso? Tu és a pessoa, que eu conheço, que mais gosta de ir ao fundo das coisas.» A Claire pousa os talheres e olha-me fixamente: «A Elena não está bem, mas isso já tu sabes. Está magoada, sente-se traída. Ela esteve em Portugal, sabias?»

«Sabia.»

«Alguma coisa aconteceu nesse Congresso. Parecia que me ia contar, mas acabou por não dizer nada. Bom, também, o que quer que tenha sido, agora não interessa.»

A Claire continua a falar. O meu silêncio acolhe a imagem da Elena e a dor da sua ausência.

CAPÍTULO 17

30 de abril — Acreditar no amor

Elena

Hoje decido levar o vestido. Um pouco de maquilhagem e uns saltos agulha, veremos se ela me reconhece. Desde o nosso jantar ligou-me várias vezes, metade das quais não atendi. Por estes dias não me apetece falar com ninguém. É ótimo a Claire estar cá, dá-me uma sensação de família.

Saio cedo de casa, garantindo que, desta vez, não chegarei atrasada. Hoje, para variar, não há trânsito e chego dez minutos antes da hora. Embora não esteja frio, opto por entrar e beber alguma coisa enquanto espero. Exatamente às nove, a Mercedes atravessa a porta e entra na sala. Surpresa, veste umas calças de ganga, uma camisola de gola alta preta e um casaco de fazenda, posto sobre os ombros.

«Que tal, como estás?», olha para mim de alto a baixo e sorri, com um daqueles sorrisos em que cada músculo da cara se contrai para dar o seu contributo. «Estás linda!»

«Obrigada!», o elogio é tão genuíno que me apanha desprevenida. «E tu, como estás? Gosto do novo visual, não te imaginava de calças de ganga.»

«Porquê?», pergunta, mantendo o sorriso.

«Porque te vi sempre de fato cinzento ou de calças pretas.»

«Mas imaginas que não durmo de fato cinzento, não vou à praia de fato cinzento... Hoje, também não janto contigo de fato cinzento.»

As palavras dela dão-me o conforto da intimidade, como se aquelas calças de ganga traduzissem que estamos mais próximas,

que podem cair as máscaras.

«Estás mais magra desde a última vez. Também não te tenho visto no ginásio, mas provavelmente o defeito é meu, que chego sempre tarde», vai bebericando a cerveja que está à sua frente e mantém os olhos fixos em mim.

«Desde o nosso jantar muita coisa mudou. Passaram algumas semanas, mas parecem anos.» Calo-me, engolindo em seco. Não sei se quero, ou se posso, continuar.

«Conta-me, sou uma boa ouvinte», insiste num tom tranquilo, que inspira confiança.

«No dia a seguir a jantar, a Charlotte voltou de Paris, lembraste que eu te disse que ela tinha ido a um Congresso?»

«Sim, lembro-me perfeitamente.»

«Pois bem, quando voltou contou-me que tinha ido para cama com uma das bolseiras.»

«A sério?», pergunta, incrédula.

«Como se isso não chegasse, veio com todo um discurso estudado de que a nossa relação não estava bem, que eu a pressionava muito... Imagina, eu é que a pressiono!»

A Mercedes intervém, outra vez: «Não tinha noção de que a vossa relação fosse assim tão má.»

«Não era! A questão é essa. Apesar de tudo, de todas as desconfiças, de todos os desencontros, a relação era boa. Se me perguntasses há um tempo, eu dizia-te que era para sempre... e agora...»

«E tu? Não quero saber da Charlotte, ela fez a escolha dela, e tu?», a mão da Mercedes está pousada no meu braço e, embora a comida já tenha chegado, nenhuma de nós tocou nos talheres.

«Não sei. Há dias em que acordo e tudo o que quero é voltar a tapar a cabeça e ficar na cama o dia todo. Outros apetece-me sair, rir e ouvir música. Nessas alturas, penso que tenho de reencontrar a minha vida, a pessoa que eu sou, ou que eu era, antes de a conhecer. Estou perdida. Não sei porque é que te estou a contar isto tudo... desculpa. É bom ter alguém com quem falar, alguém que ouça e não critique. Obrigada!»

«É para isso que servem os amigos, não? Para ouvir, não para criticar. Para isso temos todos os outros, e já são muitos.»

Recosto-me para trás na cadeira. É verdade, somos amigas. O que faz de alguém um amigo? O tempo? As circunstâncias? Não consigo responder, mas definitivamente a Mercedes cabe na designação estrita dessa palavra.

«E o congresso, como correu?», pergunta, enquanto termina a cerveja.

A pergunta é pessoal ou profissional? Eu preciso de contar a alguém o que se passou, preciso de ouvir dizer que «não faz mal». O olhar dela diretamente dentro dos meus olhos, esperando uma resposta, precipita a minha decisão. «O congresso correu bem. Fui com a Mari Cármén e a Pilar juntou-se a nós.»

«Quem são?», pergunta.

«Eu e a Mari Cármén conhecemo-nos há muitos anos, trabalhamos juntas na clínica. Não sabia que a Pilar também ia.» A Mercedes vai seguindo a minha explicação com dificuldade.

«Desculpa, mas ainda não percebi quem é a Pilar? É psiquiatra?»

Suspiro antes de responder, «Sim, é psiquiatra. Vivemos juntas durante bastante tempo e acabámos de uma forma algo brusca... quando eu me apaixonei pela Charlotte.»

A Mercedes apercebe-se da minha apreensão. «Seja o que for, não precisas de me contar, se não te apetece.»

«Não, não é isso. Já te disseram que és uma ótima ouvinte? Podias considerar mudar de carreira!» Rimos, aliviando o momento.

«No congresso, uma noite, a Pilar bateu-me à porta às duas da manhã. Não a devia ter deixado entrar, mas não resisti. Uma coisa levou à outra... Gostava de te dizer que foi ela que me seduziu e, no início até foi, mas a certa altura fui eu...»

«Isso é mau?» A Mercedes não faz qualquer expressão que me permita aferir nem aprovação nem desagrado.

«Sinto-me culpada. Sinto que traí a Charlotte.»

«Traição tem a ver com sexo? Posso pensar, posso ter sentimentos, desde que não as leve para a cama, então está tudo bem?»

«Não, não é isso. Tu sabes que não é isso que eu quero dizer.»

Respiro fundo e dou conta que acabei por não comer quase nada. A cerveja também permanece intacta no copo. Hoje sou eu que avanço com o convite. «Que tal o café e um cigarro lá fora?»

Com um sorriso, a Mercedes assente com a cabeça.

O tempo está mais soalheiro, mas a esplanada está vazia. Ela bebe um café e eu um *cappuccino*. Tira um cigarro do maço, acende-o e passa-mo, acendendo outro. Não deixo escapar a intimidade do gesto.

«Tens razão... para quem é um fracasso no amor, não está mal. E tu? Qual é a tua história?», pergunto.

«Queres mesmo saber? Olha que é uma história longa e antiga.»

«Não tenho pressa, temos a noite inteira.» Aconchego o casaco e cruzo a perna, deixando que a saia do vestido suba. Olho para ela, antecipando o seu olhar. Não me engano. Os seus olhos seguem atentamente o movimento das minhas pernas.

«Muito bem, aqui vamos nós... Quando terminei a faculdade comecei a trabalhar numa pequena consultora e, poucos meses depois, recebi um convite de uma grande empresa para ir fazer um curso em Harvard. A proposta era irrecusável, seis meses em Massachusetts, e, se ficasse nos dez primeiros, davam-me um contrato de dois anos. Assim foi. De um dia para o outro mudei-me para os Estados Unidos e iniciei uma nova vida. Quando os dois anos acabaram, convidaram-me para integrar uma equipa na Europa. Tinha sido assinado o Tratado para o Euro e formava-se a Eurozona. No início de 1999, mudei-me para Portugal. Aluguei casa em Lisboa, achando que ia ficar um ano e depois voltaria a Nova Iorque.»

«Não fazia ideia de que tinhas vivido em Lisboa. Já li tanta coisa a teu respeito e não me lembro de ver isso em lado nenhum.»

«Nessa altura, eu não era conhecida, e nem cheguei a ficar até ao final do projeto.»

«Porquê? Que aconteceu?»

«Apaixonei-me...» A Mercedes suspende a frase. Não faço ideia do que aconteceu, mas o silêncio não deixa antecipar nada de bom.

«Vamos para dentro? Vamos dar uma volta, o que é que achas? Disseste que não tinhas pressa.»

Caminhamos lado a lado. Ela não retoma a conversa e vai falando sobre outras coisas. As ruas cheiram a primavera e, apesar de ser quase meia-noite, vê-se muita gente. Só quando atravessamos a Praça de Tetuan é que continua: «Rosa, a pessoa que me fez

descobrir o amor e em seguida deixar de acreditar nele, chama-se Rosa. Ela trabalhava no Ministério das Finanças e era um dos contactos da nossa equipa. Conhecemo-nos pouco depois de eu chegar e tornámo-nos inseparáveis. A Rosa tinha um namorado. Ele era médico, estava a fazer o internato de cirurgia no Porto e só ia a Lisboa em alguns fins de semana. Quando ele não ia, ela ficava a dormir em minha casa. Numa dessas noites ficámos na sala a ver um filme. Lembro-me de estar a olhar para a televisão e sentir as mãos dela nas minhas pernas. Primeiro pensei que não era nada, estávamos, como tantas vezes, deitadas no sofá, cobertas com uma manta de quadrados. A certa altura, não tive dúvidas, a Rosa fazia a mão avançar sobre a minha perna, sobre a coxa, até à cintura. Olhei para ela e lembro-me de ver que mantinha os olhos fixos na televisão, como se a mão não fosse sua. Na minha cabeça, tudo ficou claro num instante. O meu corpo reagia. Apaguei a televisão, forcei-a a olhar para mim e, pela primeira vez, beijámo-nos. Mantivemos tudo em segredo. Quando o namorado dela estava em Lisboa, eu desaparecia. Começámos a fazer planos. Eu falei com o meu diretor e pedi para, no final do projeto, ser transferida para Madrid. Abdicava da carreira nos Estados Unidos, mas podia conseguir uma boa posição em Espanha. Estava apavorada, mas tão apaixonada que nada parecia demasiado difícil.»

Paramos em frente ao prédio da Mercedes. A mesma porta onde há umas semanas nos despedimos.

«Queres subir?»

CAPÍTULO 18

6 de maio — Reencontro em Paris

Charlotte

O ambiente não podia ser mais alegre depois da vitória esmagadora nas primárias. «*Chérie*, ainda bem que vieste. Esta festa não era a mesma sem ti», o Jean-Luc encosta-se a mim e à Claire e diz-me as últimas palavras ao ouvido, enquanto me puxa para um abraço.

As eleições foram ontem, quando falei com ele, a emoção era difícil de conter. Não podia deixar de vir. À última hora, a Claire decidiu vir comigo.

«Como estão as coisas? Como estás?», pergunta, enquanto me estende uma taça de champanhe.

«Depende a que “coisas” te referes», digo, sorrindo.

«*Chérie*, o teu sorriso é maravilhoso, mas está triste.»

«Hoje não é dia para isto, Jean-Luc. Hoje é dia para comemorar. Não é todos os dias que tenho um amigo candidato à presidência. Vamos beber e comemorar!»

A sala vai-se enchendo de convidados, uns conheço, outros não. A Claire afastou-se e fala animadamente com um grupo de velhos amigos. Consegui convencer o Charles a juntar-se a nós depois de terminar o turno no hospital, pelo que está duplamente contente. Eu, pelo meu lado, tive de aturar uma Alícia irritada e desapontada por não vir. Não sei porquê, mas não me pareceu adequado vir com ela. Ficou zangada, tão zangada que saiu lá de casa a bater a porta e a dizer que «não significava nada para mim». Birras.

No ar paira o aroma da vitória, um sentimento contagiante que enche a sala. Não consigo entrar no espírito, mas vou bebendo champanhe e disfarçando o máximo possível. Subitamente, tenho a

sensação de ter recuado no tempo. Olho para a porta e vejo entrar uma mulher deslumbrante, cabelo preso com gel e vestido comprido... Elena!

A Elena entra na sala acompanhada pelo Jean-Luc. Eu devia ter previsto a situação.

O que é que vou fazer com ela aqui a cirandar por entre os convidados? Equaciono ir-me embora, mas é demasiado cedo. Começam agora a servir o jantar. As pessoas distribuem-se pela sala e eu tento manter-me perto da Claire e longe da Elena. Ainda não nos cruzámos, mas ela sabe que eu estou aqui. Parece totalmente descontraída. Conversa em vários grupos e circula pela sala.

Depois do jantar, improvisam-se discursos, na sua grande maioria para elogiar o Jean-Luc e para começar a mobilização para a verdadeira campanha. Saio da sala em direção à porta de entrada e, no corredor, dou de caras com a Elena. Depois de um momento de mútuo reconhecimento, sou a primeira a falar: «Olá! Como estás? Que surpresa!» Ela olha-me e, conheço-a suficiente bem para saber que tenta ler para lá das palavras.

«Como é que estás?»

«Bem!» respondo.

«Ótimo, eu também. Foi bom ver a alegria do Jean-Luc, nem imaginas como o Pierre estava nervoso. Vais sair?»

«Ia... Estou cansada, não estou com espírito de festa. Acompanhas-me numa última taça de champanhe?» Porque é que eu disse isto? Olhar para ela, sentir o seu perfume...

«Claro, vamos até à varanda?» O tom continua frio e solene como nas poucas vezes em que falámos ao telefone. Sigo-a.

Sozinhas na varanda, o ambiente fica tenso. Depois de umas frases de circunstância, ela dá mostras de querer aproveitar o momento para algo mais.

«Olha, Charlotte, não te vou perguntar nada porque deixou de ser da minha conta, mas temos muita coisa em comum e precisamos de falar...»

«Não é o momento para essa conversa», apresso-me a responder. Devia mesmo ter-me ido embora, penso.

«Nunca é! Quando não te agrada o assunto, nunca é a hora certa! Mas desta vez, temos mesmo de falar! Para ti é fácil, mudas de casa

como quem muda de roupa. Mas não somos todos assim!» De um momento para o outro, ela está exaltada. O seu semblante calmo e intocável, deu lugar a uma onda de cólera que sai em catadupa.

«Eu não quero o teu dinheiro para nada. Nunca quis. Vivemos numa casa que eu não posso pagar e eu deixei que fosse assim. Tenho um carro que tu compraste e, quando entro nele, sinto a tua presença... Não posso continuar a viver assim. Não é justo!»

«Somos casadas, aquilo que temos é das duas. Não importa se paguei eu ou se foste tu.»

«Eu vivo do meu salário, que é bom, mas não dá para viver em *penthouses* com piscina. O que é que tu queres que eu faça? Que te peça dinheiro para pagar as contas?»

«O que é que tu queres? Queres sair de casa?»

«Se fosse possível, era exatamente isso. Mas não é assim tão fácil. Não tenho um apartamento à minha espera, nem dinheiro para comprar um. Claro, posso sempre alugar uma casa...» Para e fica suspensa, como que pensando na repercussão das suas últimas palavras. Claro que pode alugar uma casa, se está tão insatisfeita parece ser a solução óbvia.

«Quero o divórcio!» As palavras ecoam como uma bofetada.

«Isto não é uma coisa para decidir assim, aqui, no meio de uma festa. Para a semana vou lá a casa e falamos com calma, vemos as opções.»

«Quais opções? Não há opções! Tu traíste-me, mentiste, planeaste isto tudo. Fingiste ter ciúmes, controlaste-me, subjugaste-me. Vivia apavorada se me atrasava, se ficava a falar com alguém. Deixei de ser eu, para passar a ser a pessoa que tu querias que eu fosse.»

«Sabes que isso não é verdade! Fizeste sempre o que querias fazer, e se alguém mentiu todos estes anos foste tu. Ou vais negar que tens estado com a Pilar? Sim, tens coragem de dizer o contrário? As mensagens do teu telemóvel deixam bem clara a vossa relação.»

«Eu sabia! Não acredito que foste capaz de descer tão baixo. Dás-te ao direito de violar o meu telemóvel e que mais? *E-mails*? Puseste um detetive a seguir-me?»

«Estás a fugir da questão. O importante não é se eu vi ou não vi o telemóvel. O que interessa é que tu tens uma relação com ela!»

«Se não fosses tão obcecada com isso, podias ver que eu e a Pilar somos amigas. Eu deixei-a para ficar contigo. Isso devia ser o suficiente! Não é justo que, por estar contigo, tenha de abdicar da amizade dela, e sim, depois de me ter afastado tanto tempo, decidi que não podia continuar, e voltei a falar com ela.»

«Dormiste com ela?» A pergunta sai dos meus lábios à velocidade da luz. Que importância isso tem agora? A Elena nega veementemente.

«Para com as acusações! Não é possível que não possamos trocar duas palavras sem nos acusarmos.»

O Pierre entra na varanda com um copo de vinho na mão e, sem se aperceber que interrompe a nossa discussão, envolve-me num abraço.

«O Jean-Luc pediu-me para te convencer a tocar. Ele diz que o piano não é grande coisa, mas pede encarecidamente.»

Vale tudo para acabar com esta conversa. Se o preço são umas músicas ao piano, assim seja.

CAPÍTULO 19

14 de maio — «Não posso!»

Elena

Estou a acabar de pôr a mesa quando a Mercedes toca à campainha. Passaram-se exatamente duas semanas e eu não consegui deixar de pensar em tudo o que ela me contou. Não é uma pessoa de afetos fáceis. Apesar da intimidade da conversa, não se permitiu nem uma lágrima. Vou recordar para sempre as suas palavras e sobretudo a mágoa espelhada no seu rosto.

«Passámos o resto do ano a organizar tudo para podermos ir para Madrid. A Rosa conseguiu um lugar numa consultora no centro da cidade e eu aluguei um apartamento na Calle Princesa. No dia 5 de setembro recebeu um telefonema da mãe, tinha acabado de saber que o pai tinha cancro do pulmão em estado avançado. A Rosa ficou de rastos. A sua atitude modificou-se, parecia outra pessoa. Passadas umas semanas, pediu-me para conversar. Tinha decidido casar-se. Ele ia pedir transferência para Lisboa e iam morar para perto dos pais dela. O casamento seria dali a três meses.»

Não sabia o que dizer, mas tinha uma vontade imperativa de a abraçar, de a confortar, ainda que mais de vinte anos depois.

«Depois disso, pedi para abandonar o projeto. Aleguei razões familiares e fui transferida para Barcelona. Durante quase um ano não tive notícias da Rosa. Um dia, quando cheguei a casa, tinha uma carta dela. Não sei como descobriu a minha morada. Era uma carta longa, relatava que o pai tinha morrido e que estava grávida. Não respondi, também não a deitei fora. Sucederam-se as cartas, duas ou três por mês. Resisti durante um tempo, até que capitulei, e

respondi. Trocámos cartas de amor durante dez anos. Naquelas linhas vi a filha dela crescer e ir para a escola, comemorei aniversários e passagens do ano, até que, no final de 2010, escrevi a última carta. Pedi-lhe que não me escrevesse mais, que seguisse a sua vida e que me permitisse seguir a minha. Ela voltou a escrever muitas vezes. Eu nunca mais abri nenhuma das suas cartas.»

Não sei o que se pode dizer depois de ouvir uma história assim. Provavelmente, nada. Fiquei sentada sem falar e sem me mover. Ao fim de uns minutos, aproximei-me, peguei-lhe na mão, e tudo o que consegui pronunciar foi: «Obrigada por me teres contado.»

O relógio da parede da cozinha marca oito e vinte. Antes de ir abrir a porta, ligo o forno, olho de relance para o espelho, ajeito uma madeixa de cabelo, prendendo-a atrás da orelha. A Mercedes traz uma garrafa de vinho tinto que me estende enquanto me cumprimenta com dois beijos na face.

«Vê o que encontrei, vinho português! Pareceu-me adequado depois do nosso último jantar», declara a rir.

Pego na garrafa, abro-a, e despejo um pouco de vinho em dois copos. «Podemos ir beber para o terraço, mas antes, queres ver a casa?» O convite é quase um proforma, agarro-a pelo braço e puxo-a pelas escadas.

«Esta casa parece saída diretamente de uma revista», comenta, à medida que vamos avançando.

«Como estou sempre aqui, às vezes até me esqueço de apreciar. Estou preocupada, outro dia estive com a Charlotte numa festa, não nos víamos há que tempos. Nem cinco minutos depois, já estávamos a discutir. Com ela é impossível!» Interrompo a minha linha de raciocínio para acender as luzes da casa de banho e do *closet* e mostrar ambos à Mercedes. «Comprámos esta casa juntas, quer dizer “comprámos” é uma força de expressão, ela pagou tudo, mas como somos casadas não se cansa de dizer que é tudo das duas. Quando nos divorciarmos, não vou poder continuar aqui. Tentei abordar a questão, mas ela não quer nem ouvir falar.»

«Posso não gostar de ginásios, mas adoro saunas», diz a Mercedes, olhando para a porta de madeira e virando-se para mim para confirmar o efeito das suas palavras. Sinto-me corar ao

recordar o seu corpo nu.

Descemos, pegamos nos copos, que ficaram em cima da mesa, e sentamo-nos no terraço, a bebericar o vinho, enquanto o Sol se põe. O telefone dela faz-se ouvir dentro da sala. Levanta-se, entra e atende. Aproveito e entro também, seguindo diretamente para a cozinha. No caminho ouço umas frases soltas, «Já te disse para não voltares a ligar. Não haverá uma próxima vez... Não voltes a ligar, por favor.» Acelero o passo para não ouvir a conversa.

Sentamo-nos à mesa, já com o peixe e as batatas assadas servidos nos pratos, e retomamos a conversa que estávamos a ter. «E tu, o que é que achas do casamento?»

«Tens um dom especial para me fazer falar. Se algum dia voltar a precisar de um psiquiatra já sei a quem devo recorrer», ela põe alguma ironia nas palavras, mas devolvo-lha de imediato: «Infelizmente, tenho conflitos de interesse e não te poderei aceitar como doente, mas posso aconselhar-te outros colegas, quem sabe talvez a Dra. Pilar Gomez.»

A Mercedes ri com vontade.

«Bem, doutora, não sei se o seu conflito de interesses é por factos passados ou por aquilo que perspectiva para o futuro. Mas aceito a sugestão.»

A troca de ironias deixa-me a pensar o que querará dizer com «perspetiva para o futuro». Até numa simples conversa ela consegue ser enigmática.

«Desviaste o assunto e continuas sem me responder.»

«No pouco tempo que estive com a Rosa nunca pensei em casar porque, na época, essa não era uma possibilidade. Depois, nunca mais conheci ninguém com quem sequer equacionasse acordar de manhã, e dizer “bom dia”, quanto mais casar. Mas, dito isto, eu acredito no casamento, acho que é uma forma fácil de definir direitos e deveres legais que de outra maneira exigem muito esforço de interpretação.»

A visão dela do casamento é tão objetiva e fria como os seus fatos cinzentos.

«Vou responder-te àquilo que acho que queres saber, mas não perguntas. Depois da Rosa nunca mais tive ninguém, ou melhor, nunca mais tive nenhuma relação.» A Mercedes vai bebendo o vinho

e mastiga lentamente a comida que põe na boca.

«Claro que me faz falta ter companhia, não vou negar. Quando voltei para Barcelona estive mal durante muitos meses. O trabalho era o meu único escape. Consultei um colega teu e aos poucos recuperei. Nessa altura, e já lá vão muitos anos, prometi a mim mesma que não me voltaria a envolver. Passei a separar muito bem sexo de amor. Pode parecer frio, mas é uma questão de sobrevivência.»

Não é que me espante, mas ouvi-lo assim tão cru é inesperado.

«Choca-te?», pergunta, interrompendo a narrativa.

«Não, não me choca. Só tenho pena...»

«É prático... Eu não posso ser vista em público com outras mulheres. Acordar de manhã ao lado de alguém, escovar os dentes, tomar o pequeno-almoço é uma intimidade da qual me quero manter afastada. Antigamente era mais complicado, agora é tudo simples, viajas, conheces pessoas, e depois voltas para casa. Aprendi muito...»

«Conta-me...»

Percebo que hesita, mas começa a falar: «Há muitos anos, fui a Munique a uma reunião. Recordo-me de que era inverno e fazia um frio de morrer. Num dos jantares da equipa conheci uma mulher incrível. No final, convidou-me para uma festa no dia seguinte.

Quando me viu entrar, a Úrsula levantou-se, sorriu-me e acenou com o copo de champanhe.

«Mercedes! Ainda bem que pudeste vir!» E, dirigindo-se às restantes, continuou: «Esta é a Mercedes, trabalha comigo, é dos escritórios de Barcelona.» Falava alto e recebia a atenção de todas.

«Chega de apresentações, parece que estamos a trabalhar. Bem-vinda, Mercedes, mesmo! Deduzo que não saibas nada sobre a *Esfera*. A nossa Úrsula é sempre a mesma, mistérios e sedução, uma marca muito própria», disse a Emma a rir, explicando-me brevemente o contexto. Numa dada altura ficámos sozinhas na mesa. Ela tocou na minha coxa, e fez uma festa, sem qualquer pudor ou descrição. Pousou os copos, segurou nas minhas mãos e ensinou-lhes o caminho. Um caminho tão reto, tão direto, que em menos de um piscar de olhos, os meus dedos estavam entre as suas pernas.

Sentia o corpo a ferver e não podia deixar de pensar onde tudo

aquilo terminaria. Sem contestar, segui as instruções. Foi uma das noites mais intensas da minha vida. Não havia um antes e, porventura, também não existiria um depois. É das sensações mais libertadoras que te consigo descrever. Despedimo-nos como companheiras de viagem, que sabem que, um dia, se encontrarão por aí.

Passava das quatro da madrugada quando voltei a casa. Não me perguntes como é que eu sabia, mas sabia, que aquela noite mudaria o rumo da minha vida. Depois de fazeres parte, é difícil imaginar o mundo de outra forma. Aprendes que quando partilhas coisas tão íntimas, estás obrigada a guardar os segredos dos outros como se fossem os teus.»

«Uau! Que história inacreditável!» Quero fazer mil perguntas, mas não consigo dizer nada.

A Mercedes morde o lábio inferior, e a força do seu olhar, faz-me ter vontade de a beijar. «Um dia destes convido-te. Não tenho dúvidas de que serás recebida de braços abertos. Mas tens de estar disposta a partilhar, pensa nisso.»

Já terminámos o jantar há muito, mas continuámos sentadas à mesa embrenhadas na conversa.

«Café?», pergunto, quando finalmente me levanto para recolher os pratos.

Pegamos nas chávenas e voltámos para o terraço. Ela tira um cigarro e estende-me o maço.

«Não quero ser responsável por voltares a fumar, por isso não acendo, mas, se quiseres, estás à vontade.»

Perante o comentário sorrio e recuso.

«Não, obrigada. Se me deres uma passa, aceito com prazer.»

«Este tem um sabor diferente, leva um pouco de mim, prova!», estende-me o cigarro depois de ostensivamente o pôr na boca e inspirar profundamente, soltando uma nuvem de fumo.

Sentadas lado a lado, continuamos a conversar, olhando o reflexo das luzes lá em baixo no jardim.

«Vou só pôr música, espera um instante», entro na sala e, quando volto, ela já não está sentada onde a deixei. Como não acendemos as luzes, o terraço está praticamente na penumbra. Por fim, identifico a sua figura, sentada na borda da pequena piscina do

terraço, com os pés dentro de água. Avanço e, sem comentar, descalço também os sapatos e sento-me ao seu lado. O movimento é difícil porque a saia do vestido é muito justa, para me poder sentar no chão tenho de deixar que suba quase totalmente.

Ficamos caladas olhando o vazio e ouvindo a música ao longe. Estremeço quando sinto o seu braço sobre os meus ombros. A sua mão percorre demoradamente as minhas costas e, com um gesto suave, puxa-me na sua direção, fazendo com que os corpos se encostem. É inevitável que me vire para ela. Quando nos encaramos, retira o braço e afasta-se ligeiramente. Tenho um instante de pânico. Será que fiz alguma coisa errada?

«Tens a certeza?», pergunta, olhando-me nos olhos.

Não tenho certeza de nada, a não ser do desejo que sinto. Ela não se mexe, mantém os olhos fixos nos meus e não faz qualquer avanço. A sua confiança aumenta a minha excitação. Já não consigo pensar. Quero-a!

Levanto-me e estendo-lhe a mão de forma a ficarmos ambas em pé. Sem nunca dizer nada, encaminho-a para dentro.

Quando entramos na sala, ela envolve-me num abraço e beija-me. É um beijo impetuoso, um beijo que estava guardado à espera do momento certo. Retribuo. Introduzo a língua na sua boca ao encontro da sua, deixo-as tocarem-se e bailarem ora numa ora noutra boca. O beijo prolonga-se, ela morde-me o lábio e eu agarro-me ao seu corpo procurando senti-la. Sem nos separarmos, chegamos junto do sofá e deixamo-nos cair. As mãos dela vagueiam, agora sem pudor, sobre o meu corpo. Puxo pela sua camisa, de forma a poder sentir a sua pele. «Vamos lá para cima», murmuro entre dois beijos.

Sem eu estar à espera, ela levanta-se num rompante: «Desculpa, não posso!»

Pega no casaco e sai sem olhar para mim. Como assim? «Não posso!»

CAPÍTULO 20

27 de maio — Cartas de recomendação

Charlotte

Finalmente, fim de semana, penso, quando abro a porta depois de uma longa tarde de sexta-feira. A Alícia está em casa. Ouço a música a tocar e sinto o cheiro a comida. Subo para um duche rápido, mas antes escovo os dentes com uma força e um vigor desnecessários, vejo o reflexo do meu rosto no espelho por cima do lavatório e procuro vestígios de rugas. Não sei quando me tornei obsessiva com estas coisas. Depois de terminar, entro no *closet* e contemplo os varões que ocupam as duas paredes. Sem variar muito, opto por uma camisa branca e umas calças de ganga escura. Meia hora depois, sentamo-nos e deliciamo-nos com um *risotto* de cogumelos.

Claramente, ela está ansiosa para me dizer alguma coisa. Sem me deixar sequer elogiar o jantar, começa a falar: «Não vais acreditar... Aconteceu uma coisa fantástica.» A sua excitação é tanta que nem prova o *risotto*, falando a grande velocidade.

«Esta tarde ligou-me um colega meu da USP. Há uma professora de lá que está a trabalhar na ONU num projeto sobre os direitos da mulher em comunidades indígenas e vão lançar um concurso para recrutar vinte pessoas. Não vais acreditar, ele lembrou-se de mim e deu o meu nome.»

A Alícia, não consegue ficar quieta na cadeira, ri e gesticula, procurando que eu entenda a importância de tudo o que está a acontecer.

«Nem uma hora depois, ela própria ligou-me a perguntar se eu estava interessada em concorrer. Se eu estava interessada?! É claro

que sim! É tudo o que eu sempre quis!»

As palavras e sobretudo a euforia atingem-me profundamente. Não sou capaz de continuar a comer.

«Que bom...», começo, tentando conter as emoções e falar normalmente. «Pode ser um projeto importante. Explica-me melhor, o que é que ela te disse? Achas que tens hipóteses?»

«Não sei, provavelmente não. Deve haver dezenas de candidatos... tenho poucas chances.»

«Não desistas antes de tentar», digo, achando que o mínimo que se espera de mim é que mostre algum apoio. «Já sabes o que é que é necessário para concorrer?»

«Um formulário com uma infinidade de perguntas, enviar um currículo, e pedem também umas cartas de recomendação. Pelo que percebi, cada uma das coisas vale um terço.»

«Quais são os prazos?», pergunto, lacónica. Num ápice, sou invadida por uma sensação de perda, como se ela já tivesse partido.

«O prazo é 10 de julho, temos muito pouco tempo. A resposta sai no final de agosto e a primeira reunião de equipa é a 15 de setembro, em Nova Iorque.»

Não sei o que é que ela espera de mim ou o que posso dizer que seja minimamente adequado. Volto a concentrar-me no *risotto* e tento comer. Ela está tão contente que nem dá pela minha angústia.

«Vais ajudar-me, não vais?», acho que é a primeira vez que olha para mim e me vê ali à sua frente. A primeira vez que pondera sobre o que acontecerá connosco. «Fica feliz por mim. Olha, muito provavelmente, não vou conseguir nada e fico aqui. Se por acaso for selecionada, vamos encontrar uma forma de conciliar as coisas. Imagina, podias vir um tempo comigo, é tão diferente deste teu mundo.»

Sei que ela tenta tranquilizar-me, mas também sei que tudo aquilo que diz são fantasias. Será outra vida, noutro espaço, noutro tempo e, inevitavelmente, com outras pessoas.

Enquanto penso, a Alícia prossegue: «O meu currículo nesta área é bom. Mas as cartas de recomendação valem muito. Dá para acreditar? Um terço do total. Pensei em pedir uma ao professor com quem trabalhei na Amazônia.» Ela respira e bebe um pouco de água. O seu *risotto* permanece intacto no prato. «E talvez tu e o professor

Enrique possam escrever as outras.»

Sem querer, neste momento, dá-me o trunfo que até aqui eu não tinha. Sorrio.

«Vamos, não deixes estragar o *risotto*, está maravilhoso. O concurso amanhã ainda vai estar à tua espera. Se quiseses vejo contigo o formulário, talvez possa ajudar.»

«Obrigada, amor.»

As palavras soam ocas. Quer ir para o outro lado do mundo, ficar longe mais de dois anos e tem a coragem de me chamar «amor»!

A imagem da Elena surge diante dos meus olhos. Há quanto tempo não falo com ela...

Tal como estava planeado, saímos sábado bem cedo e viajámos até à praia. Ficámos num hotel deslumbrante. Da janela do quarto vê-se o mar e à noite pode ouvir-se o barulho das ondas. Tenho sempre alguma dificuldade em perceber se a Alícia gosta ou não destes programas. Na maioria das vezes sinto que disfruta. Noutras parece tensa e até irritada, em linha com um discurso que profere ocasionalmente sobre a sobrevalorização dos bens materiais. Não tenho grande escolha, eu só sei viver assim. Gosto de almofadas fofas, pequenos-almoços, piscinas e jacúzis, os pequenos prazeres que o dinheiro pode comprar.

«Enrique, como estás? Está tudo bem contigo? A tua filha já está melhor?» Embora no passado tenhamos feito vários projetos em conjunto, atualmente falo poucas vezes com ele. O Enrique é professor de Políticas Sociais e é um dos elementos do júri do Prémio Bertha Lutz, foi assim que conheceu a Alícia.

«Charlotte, como estás? Que surpresa! Sim, a minha filha já está ótima, foi só um susto.»

«Ainda bem! Olha, liguei-te porque como agora raramente nos vemos lá na Universidade achei que era a forma mais simples de conversarmos sobre um tema um tanto sensível.» Vou direta ao assunto, até porque dificilmente tenho outro tema de conversa para manter o telefonema. «A Alícia falou contigo sobre umas cartas de recomendação para um projeto da ONU?»

«Ahh... falou, falou sim. Anteontem foi ter comigo quando terminei a aula, fomos tomar um café ao bar e contou-me sobre o

projeto e a sua vontade de concorrer. Não sei se terá hipóteses, parece-me um tanto nova e com pouca experiência para um projeto de tanta envergadura. Mas não lhe disse nada, ela é que sabe. Pediu-me para escrever uma carta de recomendação e disse-me que também te tinha pedido a ti.»

«Que alívio saber que também pensas assim!»

«Como assim? O que é que queres dizer com isso?», pergunta, não percebendo onde quero chegar.

«Eu também acho que ela tem pouca experiência. Não lhe disse nada para não a desanimar, mas não me sinto confortável a escrever uma carta de recomendação. Sabes, trabalhar com ela tem sido problemático. Outro dia até houve um colega da equipa que veio fazer uma reclamação, vê lá que desagradável, nunca me tinha acontecido. Queixam-se que ela quer sempre levar a sua opinião adiante, que é prepotente. Acho que não é bem isso, tem é falta de maturidade para ouvir os outros.»

«A sério? Não fazia ideia! Li o trabalho dela na altura do Prémio, era um trabalho brilhante. Mas às vezes as coisas escritas dão-nos uma ideia errada das pessoas. Temos de ser muito cuidadosos com o que escrevemos. Não devemos pôr o nome da Universidade em risco, nem ficarmos nós em cheque.»

«Foi exatamente isso que eu pensei, por isso é que te telefonei. O que é que achas que devemos fazer?» Eu preciso que seja ele a encontrar uma solução.

«Acho que tens toda a razão, vamos ter de escrever as cartas. Felizmente, este tipo de cartas são “fechadas”... »

«O que é que isso quer dizer?»

«Que escrevemos diretamente na plataforma do concurso. Vou escrever alguma coisa positiva sobre o seu trabalho na Amazónia, justificando a atribuição do Prémio, mas não vou deixar de levantar dúvidas sobre a sua maturidade e capacidade para trabalho em equipa.»

«Então, ela não vai saber o que nós escrevermos?»

«Não. Só se vier um dia a apresentar uma reclamação, mas, por agora, não. O que é que achas? Posso enviar-te o que escrever, antes de pôr na plataforma, assim davas-me a tua opinião.»

A proposta dele é muito melhor do que eu alguma vez poderia

sonhar.

Durante as semanas que se seguem a Alícia não pensa noutra coisa senão em formulários e currículos. Opto por ser parte da solução e evitar problemas. Ajudo-a a preparar o currículo e ofereço-me para responder a algumas das questões do formulário. Ela aceita a minha ajuda sem hesitar.

Não consigo perceber se é uma atriz digna de um Óscar, ou se vê a vida de uma forma que não consigo acompanhar. Dá a ideia de que a única coisa que importa é o hoje, o amanhã está sempre demasiado distante. Passou a viver aqui, com se fosse a sua casa e, no entanto, a sua roupa não ocupa mais do que uma gaveta.

Penso na Elena todos os dias, faz-me falta. Ontem, o dia foi particularmente duro. Passei, outra vez, a tarde a prestar esclarecimentos à Comissão de Inquérito, perguntas atrás de perguntas, sempre todas iguais, e as minhas respostas parecem nunca ser suficientes para esclarecer nada. Quando cheguei a casa, a Alícia ainda não estava. Tomei um banho, pus música e preparei um chá. Lembrei-me da última discussão em casa do Jean-Luc, depois disso, nunca mais falámos. Talvez devesse ligar-lhe.

CAPÍTULO 21

15 de junho — «Bom dia!»

Elena

Hoje almocei com a Charlotte. Estamos separadas há mais de três meses e, até agora, nunca conseguimos falar sobre como vamos resolver a nossa situação.

Ela vive a vida como se não existissem regras, ou como se, mesmo existindo, elas não se aplicassem. Combinámos almoçar no café da Lola.

Quando chegou trazia-me uma rosa vermelha, como quem chega para um encontro. Sem que eu tivesse oportunidade de reagir, aproximou-se, estendeu-me a flor e depositou-me um beijo nos lábios.

A conversa começou circunstancial e fingi ignorar o que se tinha acabado de passar. Não parecia bem. Tinha olheiras e um semblante preocupado. Enquanto comíamos, contou-me todo o drama que está a passar na Universidade. Pobre Charlotte, mais uma vez achou que podia controlar o sistema e contornar as regras. Tornou-se a principal vítima da sua própria riqueza. Gostava de poder ajudar, mas não há nada que possa fazer.

Já tínhamos acabado de comer quando consegui abordar o tema da separação, e nem ousei falar em divórcio. A discussão instalou-se em menos de nada.

«Preocupas-te porquê? Não gostas da casa? Sempre disseste que sim. Tens as tuas coisas, a tua piscina... tenho a certeza de que estás bem. É dinheiro? É esse o problema?»

«Para, Charlotte, estás a ser grosseira!»

«Diz-me de quanto precisas, deposito hoje mesmo. Posso passar a

fazer uma transferência mensal, preferes?»

A Charlotte agredia-me com perguntas e insinuações sucessivas, e, por mais que tentasse, não consegui perceber onde é que ela queria chegar. Aos poucos fui perdendo a calma e acabei por responder, aos gritos: «Não quero o teu dinheiro para nada. Podes ser feliz com ele. De ti, agora, só quero distância. Vou procurar um sítio para morar e, durante as férias, saio de lá. Não te preocupes, não vou levar nada teu. Achas que podes comprar tudo, achas que o mundo se curva perante a tua inteligência e o teu dinheiro, mas estás tão enganada.»

Recordo o almoço, sentada no sofá da sala da Mercedes. Depois da sua saída extemporânea, lá de casa, há um mês, não voltámos a falar até ontem. Saiu a dizer «não posso», e, até agora, não percebi o que queria dizer com essas palavras.

Dei-me conta do pouco que sei a seu respeito. Umas frases soltas sobre os pais, o percurso profissional e a fatídica história com a Rosa. Do que sente, do que gosta, sobre isso não sei absolutamente nada. Percebo que a sua vida é envolta num véu de mistério, que pinta como uma coisa charmosa e poética, mas que, cada vez mais, me parece apenas uma máscara para a sua cobardia.

Ontem à noite enviou-me uma mensagem convidando-me para jantar. Liguei-lhe. Não quero uma relação de mensagens, beijos furtivos e linguagem em código. Se é para isso, não conte comigo. Conversámos ao telefone durante bastante tempo e acabei por concordar em vir cá a casa hoje.

A voz dela faz-se ouvir vinda da cozinha. «Comemos aqui, que achas?»

«Por mim, tudo bem. Está com bom aspeto», digo, quando me aproximo.

«Acho que te devo uma explicação.»

«Não percebi nada. Achei que estava tudo bem, e, de repente, tu dizes que não podes e saís a correr.»

A Mercedes senta-se num dos bancos e tenta prender atrás da orelha uma madeixa de cabelo que teima em cair. «Tens razão. Estávamos bem, tu querias e eu queria.» Respira profundamente, enchendo os copos de vinho.

«Não podes saber o quanto eu te desejava. Podíamos ter feito amor ali mesmo no terraço. Eu sei que teria desfrutado só de te tocar. Mas essa pessoa não sou eu. Eu sou aquela que se habituou a controlar todos os movimentos, todos os gestos. A medir as consequências, os riscos de cada ação. Naquela noite perdi a noção de tudo. Só existíamos nós. Quando entrámos em casa tive um momento de lucidez e fui fraca demais para continuar. Tu és tudo aquilo de que eu sempre fugi!» Sei que fala com o coração. Nota-se pela força que imprime nas palavras e pelo tique nervoso que a faz mexer repetidamente na ponta do nariz.

Respira fundo outra vez e bebe mais um gole de vinho. «Deixa-me olhar. Não sabes as vezes que olhei e desviei o olhar. No ginásio, no restaurante, em tua casa... Tive medo que levasses a mal se percebesses que eu estava realmente a olhar. Podia contar-te as vezes que me deitei sozinha a recordar cada detalhe do teu corpo.»

Não posso continuar aqui parada e, menos ainda, comer. «Recomeçamos onde parámos?», pergunto, com malícia. Sem lhe dar tempo para responder, deslizo a língua para dentro da sua boca, forçando a passagem por entre os seus lábios. De imediato, sinto as mãos dela no meu rabo, a pressionar o meu corpo contra o seu. Os corpos ficam colados num beijo ávido de desejo. As mãos dela, agora dentro do fino tecido do meu vestido, provocam arrepios a cada passagem.

Ambas sabemos que já não vamos conseguir parar. Saímos da cozinha, em direção à sala, sem nos largarmos. Sentada sobre os seus joelhos, uma onda de desejo acumula-se entre as minhas pernas e os músculos contraem-se quando ela crava as unhas nas minhas costas. Com o movimento da anca, o tecido das suas calças roça diretamente contra a pele das minhas coxas. O vestido subiu e, neste momento, já não cobre quase nada, deixando as minhas cuecas à sua mercê.

Ela solta uma das mãos e, em gestos rápidos, despe a camisa e desaperta o meu vestido. Estou completamente exposta e tudo o que consigo pensar é em tê-la dentro mim.

As suas mãos continuam a deslizar sobre o meu corpo, acabando por conseguir despir-me. Passa a ponta dos dedos na minha cintura, enquanto com a língua brinca com os meus mamilos, mordendo

com suavidade. Não consigo ficar quieta, é mais forte que eu. O meu corpo procura que o contacto alivie a vontade que sinto. A Mercedes desvia a boca e aperta com força um dos mamilos, sem dar conta, solto um grito. As minhas coxas afastam-se. Com a boca colada ao meu ouvido, ouço-a perguntar: «Pronta?» Não sei exatamente ao que ela se refere, mas, seja qual for o sentido da pergunta, a resposta é sempre a mesma, «Sim!» Estou pronta para o que ela quiser.

A sua mão passa através das minhas cuecas, forçando o elástico e obrigando-me a despi-las. Sem preâmbulos, entra dentro de mim. O meu grau de excitação é tal que os seus dedos deslizam sem qualquer dificuldade. Sinto a pressão do toque, quero mais, preciso de mais. A urgência é tanta que verbalizo aquilo em que estou a pensar: «Preciso de mais!»

Ignorando o meu repto, ela não intensifica o movimento, pelo contrário, retira a mão e volta a colocá-la sobre a minha barriga. Apetece-me gritar. Implorar para que continue. Aperto os joelhos com força procurando assim acalmar a vontade. Ela empurra-me docemente fazendo com que eu fique no chão, de barriga para baixo. O contacto do meu corpo nu com o tapete tem o condão de me excitar ainda mais. Respiro profundamente, mas o movimento é interrompido pela pressão dela sobre as minhas nádegas. A sua mão desce sem pedir permissão, agarra-me e apalpa-me, para logo em seguida me tocar muito docemente. Os movimentos mais delicados não fazem outra coisa senão aumentar a intensidade dos seguintes. É uma montanha-russa, onde cada subida nos prepara para uma descida alucinante. Os seus dedos exploram sem constrangimentos, e eu desfruto até ao limite para, no instante imediatamente antes de eu me desfazer em êxtase, ela impedir que tal aconteça.

A sua mão volta a parar, mas o meu corpo já não consegue relaxar, está num ritmo próprio, impulsionado por um sentimento que já nem se pode chamar de desejo, pois já é mais uma fusão de prazer. Podia ir até ao fim, mas ela não parece ser da mesma opinião. Afasta-se, despe-se e, sem deixar dúvidas que se trata de uma ordem, diz: «Vira-te!» De imediato faço o que me pede. Agora posso olhá-la nos olhos. «Afasta as pernas!» Nem seria preciso pedir. Fecho os olhos. «Não, não feches os olhos, olha para mim!» Com

esforço, volto a abri-los e fixo o seu rosto. Ela sorri. O seu olhar espelha o seu êxtase. Leva a mão à boca e lambe os dedos para, em seguida, os passar sobre a minha boca. Num lapso de tempo, não percebo o que se passa, encontrou o meu ponto mais crítico, e os seus dedos descrevem movimentos circulares que me levam à loucura, enquanto, ao mesmo tempo, me penetra de forma profunda e impetuosa. Sou tomada por um prazer incontrolável. Não é possível parar. Não importa o que ela faça ou diga, não consigo conter um orgasmo. O meu corpo contrai-se, percorrido por várias descargas em simultâneo. Em êxtase, ouço o seu grito, percebendo o seu clímax. Não sei dizer quantos orgasmos se sucedem até, por fim, relaxarmos, esgotadas.

Acordo com o sol a bater-me na cara. É de manhã. Não me lembro de ter adormecido. A memória da noite faz-me abrir um sorriso.

Viro-me para o lado e encontro os seus olhos.

«Bom dia!»

CAPÍTULO 22

20 de junho — Assédio

Charlotte

«Tu não podes ser assim tão falsa! Como é que me pudeste fazer isto? Como é que tiveste coragem? Porquê?»

A Alícia grita a plenos pulmões no meio da sala. Num primeiro momento não percebo o que é que se passa. Está parada, sentada, a olhar para o meu computador com um ar atónito. Eu estive toda a tarde a trabalhar e, quando ela chegou, deixei o computador aberto em cima da mesa. Aproximo-me e vejo no ecrã o meu *email*. Estão abertas diversas mensagens minhas e do Enrique.

Ela chora e grita, num misto de raiva e aflição, com o queixo a tremer e a voz a titubear. «Eu não percebo, não percebo mesmo, o que ganhas com tudo isso? Tudo o que te pedi foi uma carta de recomendação. Não te pedi como amante... pedi-te como professora! Tu és a minha orientadora, conheces o meu trabalho, como é que podes dizer essas coisas sobre mim? Porquê? Eu sou imatura? Não sei como trabalhar em equipa? Sou arrogante? Mentira!»

«Ouve, Alícia, para um momento! Isso não é o que parece, deixa-me explicar.» As minhas palavras não têm qualquer efeito. Ela continua a olhar para o computador e a vociferar contra mim. Num gesto de pura raiva, fecha o ecrã, batendo com ele com força contra o teclado. Mudo de estratégia e elevo o tom de voz: «Com que direito te atreves a ver o meu *email*? Porque é que achas que podes mexer no meu computador?» Aproximo-me da mesa e, de rompante, agarro no portátil.

«É isso que é importante? É eu mexer no teu computador?»

«Não tens esse direito. É uma coisa privada, é meu! As coisas não podem ser retiradas do contexto.»

«Porquê? Diz-me porquê? Porque é que estás a pôr em risco a minha candidatura? Diz alguma coisa!»

Afasto-me da mesa e sento-me no sofá, ainda com o computador na mão. Respiro fundo antes de responder: «A tua candidatura está em risco porque tu não és a pessoa certa para o lugar. Ao contrário do que estás para aí a dizer não são mentiras, é a verdade nua e crua. E se não, vê... lê a carta do professor Enrique. Ele, ainda mais do que eu, acha que tens potencial, mas és demasiado jovem.»

«Isso é mentira!» A Alícia tem os olhos e o rosto vermelhos, com manchas provocadas pela irritação. Grita e gesticula, sem dominar as lágrimas. «Eu sempre me saí bem em todas as equipas, as pessoas gostam de mim, gostam do meu trabalho. Sim, às vezes falo demais, dou muitas opiniões, mas sei ouvir, não sou arrogante.» Ela levanta-se, e anda de um lado para o outro, para trás e para a frente. «Eu vi as tuas mensagens para o professor Enrique. Foste tu que o obrigaste a escrever aquela carta. Envenenaste-o contra mim!»

«Não sei por quem me tomas. Não sei o que é que queres que eu te diga. Achas que devia mentir só porque durmo contigo? É mais uma razão para te proteger, a ti e a mim. Não quero que ninguém diga nunca que eu te beneficiei.»

«Ah! Então é isso, para te protegeres, mentes descaradamente e lixas tudo o que eu mais quero?!»

«Alícia, senta-te e pensa. Nós estamos bem. Eu gosto de ti. Tens o teu projeto e podemos pensar noutro depois deste. Fica aqui... eu ajudo-te...»

«Ajudas?! Ajudas como ajudaste a escrever as cartas de recomendação?! Resta saber o que é que escreveste no formulário. Felizmente, eu ainda não enviei a versão final. Escreveste um monte de porcarias em meu nome? Eras bem capaz disso!» Para apenas o tempo suficiente para recuperar o fôlego: «Como é possível? Quem és tu?»

«Eu preciso de ti», respondo, baixinho.

«Então é disso que se trata, tu e as tuas necessidades. Não me queres perder e isso dá-te o direito de passares por cima de mim e arruinares os meus sonhos.»

«Sonhos? Quais sonhos? Ontem sonhavas em vir para a Europa, hoje queres concorrer para os Estados Unidos. Que sonhos são esses? Tu, por acaso, sabes o que é que queres? Um dia dizes que me amas, no dia seguinte o que mais desejas é um projeto que te afastará de mim durante anos...»

«*Meu bem*, talvez nunca ninguém te tenha dito, mas a vida não é assim! Não podes manipular todos à tua volta como se fossem peões num jogo de xadrez, cujas regras mudas quando queres.» A voz dela transformou-se. A ira é agora ironia. Está sentada no chão, recostada numa almofada, e olha para mim com um sorriso que nunca lhe tinha visto, um misto de escárnio e pena.

«Desiste do concurso! Planeamos umas férias. As aulas já acabaram, os exames estão no fim. Podemos sair durante um mês, ou mais..., podemos ir para onde quiseres, aos Estados Unidos ver o teu irmão... é só dizeres. Vamos dar tempo.»

«Não estás bem, Charlotte. Não mesmo! Devias consultar alguém. Achas que toda a gente se vende, que todos têm um preço!» O seu tom é gélido. «Vou resolver este assunto. Nunca mais te quero ver. Esquece que eu existo!»

Pega na mochila que está no chão e no telefone, em cima da mesa, e sai, batendo a porta com estrondo.

Em choque, fico imóvel, tentando assimilar o que acaba de se passar. E agora? Ocorre-me telefonar à Elena, mas depois da discussão da semana passada acho melhor não. Tenho de conseguir parar e pensar. O que é que a Alícia vai fazer?

Pego no telefone e ligo à minha mãe. Atende ao primeiro toque e, como sempre, fala comigo como se vivêssemos lado a lado. Não imagina o que se passa, e eu também não digo nada.

Está muito preocupada, soube pela mãe do Jean-Luc que ele tem recebido ameaças, cartas anónimas que aparecem nos mais diversos locais. Ninguém sabe quem está por detrás, mas o tom está a ficar sério. Faz-me perguntas, mas eu sei menos do que ela sobre o assunto. Já estamos a conversar há largos minutos, quando me pergunta pela Elena. Sabe que estamos separadas, mas não muito mais do que isso. Quando lhe contei, desvalorizei a situação, dizendo que precisávamos ambas de pensar, quase um clichê. Reagiu com uma calma inesperada e nem sequer fez muitas

perguntas.

«Não acho possível que tu, de um momento para o outro, tenhas deixado de estar apaixonada por ela. Essa história está mal contada e tu sabes isso melhor que ninguém.»

«Talvez, mãe. Talvez tenhas razão... outro dia falamos sobre isso, hoje só precisava mesmo de ouvir a tua voz. Desculpa, mas tenho de voltar ao trabalho. Beijos, *je t'aime bien*.» Corto a conversa abruptamente. Sei que ela tem razão e sabia que seria a primeira a pôr em causa os meus motivos. Um dia, não hoje, teremos esta conversa.

Deixo correr os dias sem saber mais nada da Alícia, da Elena ou da minha mãe. O telefone permanece silencioso. Não um silêncio bom, que me permita descansar, é um silêncio pesado, como uma tempestade que se adivinha antes de se ouvirem os primeiros trovões.

Recebi um *email* estranho que, sem dizer quase nada, me convocava para uma reunião na direção. Será que o inquérito acabou? Estava previsto ser até setembro, mas se calhar avançou mais rápido. Ou será por causa da minha candidatura à direção do departamento? Não sei, mas vou descobrir.

Quando entro na sala já estão sentados o diretor do departamento, o assessor da direção da Universidade e o responsável do serviço jurídico. Repentinamente, fico nervosa. Estão com um semblante sério e circunspecto.

«Olá, Charlotte, boa tarde. Senta-te, por favor», diz o meu diretor.

O assessor da direção toma a palavra. «Professora Grimaux, obrigado por ter vindo.» Como se eu tivesse escolha. «Recebemos há dois dias uma queixa muito grave contra si.»

Sinto o coração disparar e suspendo a respiração. Tenho a sensação de que vou desmaiar. Enquanto prossegue a sua narração, estende-me um conjunto de fotografias. Pego nelas e deparo-me com imagens minhas a beijar a Alícia em vários locais, incluindo dentro do carro, no estacionamento da Universidade. Quem tirou estas fotografias? Tem de ser alguém que nos estava a seguir. Mas como? Dentro da Universidade? O meu cérebro tem muitíssimas

mais perguntas do que respostas. Volto a tomar atenção à conversa.

«Ela acusa-a de assédio. Diz que a pressionou a ter uma relação. Argumenta que dada a sua posição, não tinha como negar-se.»

Deixo outra vez de ouvir. Assédio! Acusada de assédio! Como se atreve?! «Desculpe, desculpe interrompê-lo, mas o que está a dizer não faz sentido.»

«Professora Grimaux, por favor, deixe-me terminar. É importante que tenha conhecimento da acusação e dos factos apresentados para poder elaborar a sua defesa.»

Defesa? Falam em defesa porque já me consideram culpada. «Pois muito bem, prossiga por favor. Não volto a interromper.»

«Obrigado. A bolseira que trabalha consigo no âmbito do Prémio Bertha Lutz, Alícia Souza, solicitou à Universidade que lhe fosse atribuído outro orientador, acusando-a de assédio e abuso de poder. Em termos concretos, diz que a professora tem uma atitude imprópria. Relata que começou desde o momento em que se apresentou, incluindo convites para passeios e almoços fora da Universidade, e que, mais tarde, tiveram um envolvimento de índole sexual. Declara que as relações sexuais foram consentidas, mas diz que, na verdade, só consentiu porque pensou que poderia ser prejudicada se não o fizesse. Além das fotografias que há pouco lhe mostrei, entregou-nos outras, que diz serem os presentes que lhe ofereceu, entre os quais está um relógio de valor superior a dez mil euros. A jovem afirma não querer iniciar qualquer processo criminal ou cível, declarando que só faz a denúncia porque a situação se tornou insustentável. Quer continuar o trabalho aqui na Universidade, mas sob orientação de outra pessoa.»

Finalmente, acaba o relato deste delírio. Não tenho palavras. Acontece-me poucas vezes, mas esta é uma delas. Não tenho palavras. Por fim, pergunto de um modo quase *naïve*: «O que devo fazer?»

«Nós vamos abrir um processo interno de averiguação. Não tem relação direta com o inquérito que já decorre, mas, de alguma forma, estão associados, já que é a visada em ambos. Nós questionámos a Alícia sobre se recebia pagamentos seus em dinheiro, por qualquer tipo de serviço ou atividade dentro ou fora da instituição, mas ela negou. Diz que apenas recebeu os presentes

dos quais nos apresentou fotografias.»

Agora percebo ainda menos. Eu pago-lhe para me ajudar no projeto sobre a construção social de identidade de género. Nos últimos meses, ela fez várias análises de conteúdo e até escreveu alguns textos. Porque é que não disse nada sobre isso quando apresentou a queixa? Ela sabe que há um inquérito a decorrer e que isso me poderia prejudicar seriamente. Não é coerente.

Desta vez, é o responsável pelo serviço jurídico que intervém: «Professora, no nosso entender a acusação é tão grave que justifica a sua suspensão temporária durante o período de investigação.»

«Não podem fazer isso! Eu tenho projetos em curso. Não podem suspender-me por uma coisa que não tem nada de verdade. Nada mesmo!»

«Calma, Charlotte!», intervém o meu diretor, até aqui calado. «Ninguém está a dizer que tens culpa de alguma coisa, mas compreendes que temos de esclarecer a situação. Tu própria tens sido muito ativa nos direitos humanos, nos direitos das mulheres. As situações de assédio no trabalho existem, e temos de estar atentos. Tens noção de que se tu fosses um homem a situação tinha todos os ingredientes para dizermos que era um caso típico: “Professor abusa de jovem aluna estrangeira.” Conheço-te há tempo suficiente para ter a certeza de que tem de haver algum mal-entendido nesta história. Mas não é por seres mulher que não vamos investigar do mesmo modo que o faríamos se fosses um homem.»

Não sei se sou só eu que tenho esta sensação, mas parece-me haver uma certa satisfação pelo facto desta acusação ser contra uma mulher.

«Professora Grimaux, a meu ver deveria contratar um advogado. A Universidade vai nomear uma Comissão para cuidar do caso e tudo fará para que o processo seja o mais breve possível, evitando males maiores. Quisemos falar consigo pessoalmente por toda a consideração que nos merece. Quando acabar esta reunião, vai receber um *email* formal no qual é solicitado que apresente a sua versão dos factos, por escrito. Terá um prazo de dez dias para o fazer. É suficiente, não?»

«Sim, é mais do que suficiente para contar a verdade. Não consigo acreditar... Vou mostrar-vos que tudo isto não passa de uma

cabala inventada com o único propósito de me prejudicar.»

«Porquê, Charlotte? Porque é que a Alícia te quereria prejudicar?»

Não tenho como responder a esta pergunta. Não posso contar-lhes o que se passou. «Admito que tivemos uma relação e que isso pode ser considerado impróprio, mas nunca houve assédio da minha parte, longe disso. Acho que isto pode ser uma reacção ao facto de eu lhe ter dito, na semana passada, que tínhamos de terminar. Ela não gostou, e acho que esta foi a forma que escolheu para se vingar», minto.

«Professora Grimaux, a nossa proposta é que antecipe as suas férias. Será uma forma de não chamar a atenção. É importante que o assunto permaneça em sigilo. Não será bom para nenhuma das partes que o tema se torne público. Prejudicaria muito a credibilidade e a reputação da Universidade, já para não falar no impacto que teria para si. Diga a todos que teve de precipitar as férias por razões familiares, e que ficará ausente até final de agosto. Nessa altura, já devemos ter uma conclusão e poderemos então decidir como proceder. Concorda?»

Não me resta outra opção senão concordar.

«Professora, só mais uma coisa, por favor, não contacte a Alícia. Não fale com ela, não telefone nem envie *emails*. É muito importante que não haja nenhum tipo de contacto. Por enquanto, vamos pedir à Professora Isabel Reyes que a fique a orientar.»

A Isabel a orientar o projeto é a cereja que faltava no topo do bolo!

Saio da sala ainda sem conseguir acreditar. Entro no carro e arranco, fazendo chiar os pneus. Não me importa que olhem. Sigo sem destino, enquanto tento delinear uma estratégia. Não sei em quem confiar. O que é que posso dizer em minha defesa? Na realidade, provavelmente, não tenho defesa possível.

CAPÍTULO 23

1 de julho — Confidências

Elena

Ontem, estávamos a jantar lá em casa quando a Mercedes recebeu um telefonema do cunhado. Em poucas palavras informou-a de que a mãe tinha tido uma dor no peito e estava a caminho do hospital. Ela ficou pálida e não conseguiu dizer mais nada que não fosse perguntar o nome do hospital e murmurar entre dentes que iria lá ter. Primeiro, recusou veementemente que eu a acompanhasse. Não consegui perceber o porquê de tanta resistência, mas não era o momento para discussões. No fim, acabou por aceitar que eu a levasse.

Fizemos o caminho em completo silêncio. Acelerei mais do que devia e chegámos passada uma hora. Parei à porta do hospital, a Mercedes deu-me um beijo na face, dizendo apenas «obrigada». Saiu do carro, sem olhar para trás, e correu para dentro do edifício.

Avancei até ao estacionamento e liguei para a Mari Cármen. Sem rodeios, contei-lhe o que se passava.

«Fizeste bem em levá-la até aí. Agora, por favor, recompõe-te, dá meia-volta e vai para casa. Se quiseres, vem até cá. Ofereço-te um chá e dois dedos de conversa.»

Cheguei a casa já passava das duas da manhã. Acordei com o som do telefone.

«Morreu! Elena... a minha mãe morreu!»

O que é que eu podia dizer perante aquelas palavras?

«Oh, Mercedes... lamento muito. Queres que vá ter contigo?»

«Não sei... Foi agora mesmo... o médico estava à nossa espera. A minha irmã não para de chorar e eu... eu não sei o que fazer.»

«Posso ir aí ter contigo?»

«Não te importas?»

Cheguei ao hospital passava pouco das oito da manhã. Encontrei-a sozinha, com a cabeça baixa entre as mãos e os cotovelos apoiados nos joelhos. Aproximei-me devagar para não a assustar.

«Já cheguei.» Ela levantou a cabeça e pude ver que tinha os olhos vermelhos, mas não chorava.

A Mercedes foi explicar à irmã que ia para um hotel e combinar a que horas estaria na igreja. Quando entrou no carro estava com uma fisionomia menos carregada, aparentando algum alívio.

«Tenho de estar na igreja às seis.»

A Mercedes sai comigo da igreja e dirige-se a alguém de fato cinzento. Deixo-me ficar para trás, tentando passar despercebida, o que, nesta situação, não é difícil. Encosto-me a uma das paredes laterais do edifício e finjo estar concentrada no telemóvel. Discretamente, olho para as pessoas à minha volta. Não é difícil perceber qual é o mundo de quem.

Voltamos para o hotel por volta da meia-noite. Amanhã o funeral está marcado para as nove da manhã.

Deitamo-nos mas, entre a agitação, as emoções e o facto de termos dormido a tarde inteira, nenhuma de nós consegue pegar no sono.

Acabamos por decidir pedir alguma coisa para comer e sentamo-nos nos sofás junto à janela.

«A minha relação com ela era muito difícil. Durante a faculdade eu fui-me afastando. Falávamos uma vez por mês, às vezes menos. O meu pai tentava... Às vezes ligava-me a fazer conversa. Mas havia um abismo entre nós. Quando voltei de Portugal vinha mal, muito mal. Fazia-me falta ter alguém com quem partilhar a minha dor. Escolhi a pessoa errada...» Faz uma longa pausa, olha para o vazio e finge terminar as gotas de cerveja que estão no fundo do copo. «Um dia, contei-lhe o que tinha acontecido. Expus-me como nunca tinha feito e nunca mais voltarei a fazer. Ela ouviu tudo sem nunca dizer uma palavra. Quando terminei, disse-me: “Deus acompanhou-te e não permitiu que te perdesse. Há momentos na vida em que cedemos a tentações. Tens de esquecer que isso aconteceu, e não

voltes a contar esta história a ninguém. Vais encontrar um homem bom, com quem vais ser feliz. Vais dar-me netos, a mim e ao teu pai.” Depois destas palavras levantou-se e perguntou: “Queres um chá antes de ires?” Nunca mais falámos sobre aquela conversa. O meu pai morreu sem me conhecer verdadeiramente, e agora... agora ela morreu... Nunca aceitou.»

«Tens de viver a tua vida, de acordo com os teus princípios e não com os dos outros! Nem mesmo os da tua mãe!»

«Dizes isso porque nunca passaste por nada parecido.»

«Não, não passei, mas não é por isso que deixa de ser verdade.» O comentário faz-me lembrar o quanto a minha mãe me ajudou quando me apaixonei por ela, talvez seja o momento de contar essa história. «Lembras-te de me teres perguntado porque é que eu sabia tanta coisa a teu respeito? Porque é que tinha lido artigos e entrevistas, depois de te ter visto na conferência com o meu pai?»

«Claro...»

«Não sabes, mas foste a minha primeira “paixão”. Nunca tinha sentido nada parecido. Eu vi-te, e alguma coisa mudou dentro de mim. Queria estar contigo, saber mais, nem que fosse por recortes de jornal.»

«A sério?» A Mercedes olha para mim incrédula.

«A sério! Naquela altura, a minha mãe foi a melhor pessoa que poderia ser. Devia falar mais com ela...»

A Mercedes aproxima-se e deposita um beijo nos meus lábios.

«Não sei o que dizer...»

«Nada, não digas nada. Passaram muito anos sem que eu voltasse a pensar em ti, mas a vida tem destas coisas... coincidências.»

Ela continua a falar enquanto eu me perco em devaneios. Lá fora já se vê a luz do dia e, inevitavelmente, a conversa é interrompida pelas horas. É o momento de voltar ao presente.

A cerimónia é breve e simples. No final, a Mercedes despede-se rapidamente da irmã e do cunhado, prometendo voltar. Embora eu esteja ao lado dela, nunca me chega a apresentar ninguém. Despeço-me de todos, como se a minha presença fosse não mais do que «normal».

CAPÍTULO 24

8 julho — A «realidade» é o menos importante

Charlotte

A semana passada ganhei coragem e liguei à minha mãe. Se alguém me podia ajudar era ela. Ensaiei mil discursos, ia dizer o quê? «Estou a ser acusada de assédio, mas é mentira. Tentei boicotar o concurso da Alícia, e isto é um ato de vingança!» Não podia dizer isto, nem à minha mãe, nem a ninguém. Ou, então, podia, talvez fosse mesmo a única solução.

Fui a Paris e reuni com os advogados. Era tempo de contar a história, reescrevê-la e fazer dela uma história verdadeira, ou, pelo menos, uma que pudesse ser provada.

«Charlotte» interrompeu-me um dos advogados, «tens consciência que estavas numa posição de poder?»

«Sim, eu percebo. Podes crer que percebo! Mas, na realidade, foi ela quem liderou os acontecimentos. Não tenho como provar nada e, mesmo que tivesse, isso não mudaria as circunstâncias.»

«Por mais que te custe ouvir isto, “a realidade” é o menos importante.»

Durante uns minutos, os três advogados trocaram impressões. Não percebia o que diziam, mas sabia que não tardariam a explicar-me tudo detalhadamente.

«Estás a ser acusada de uma coisa que não fizeste. Tu e ela sabem disso, mas não há provas. O dinheiro que lhe pagaste para ela trabalhar nos teus projetos foi pago como?»

«Em dinheiro.»

«Ótimo! E presentes?»

«Um relógio. Alguma roupa, uns brincos e uma pulseira de ouro. Vocês não acham estranho ela não ter usado o dinheiro que lhe paguei para me acusar?»

«Talvez não queira ser acusada de fuga fiscal.»

«Bem visto!» Não tinha pensado nisso.

«Ouve, Charlotte, a nossa proposta é que assumas o que já é público, a vossa relação, as cartas, mas vais acusá-la de roubo.»

«Roubo?! Estamos todos a ficar loucos?»

«Calma, eu sei que não estás a perceber, deixa-me terminar. A acusação de assédio é grave.»

«Continuo sem perceber o que é que isso tem a ver com roubo.»

«Não vamos conseguir provar que não houve assédio, porque as circunstâncias estão contra ti. Então, vamos reescrever a história. Vamos contar uma mentira, e aproveitar o facto de, nessa “história”, as circunstâncias estarem contra ela.»

«A sério?! Diz-me que estás a brincar!»

«Não podia estar mais a sério. Basta que se instale a dúvida. O preconceito vai falar mais alto. Sabes o que é que vai acontecer?»

«Não faço ideia! Mas vais dizer-me, certo?»

O avião acaba de aterrar. Saio sozinha e apanho um táxi. A conversa com os advogados deixou-me absolutamente pasmada. O que é que a Elena diria de tudo isto?

A força das saudades supera o bom senso. Num impulso, pego no telefone e ligo-lhe. Toca uma vez e outra, até se ouvir a gravação de mensagem. Desligo e volto a ligar. Vou enviar um *email*. A situação é grave, é importante o suficiente para pôr de lado as nossas diferenças.

Nada! Nenhuma resposta. Pego nas chaves e na carteira, e saio. Vou lá!

Elena

Seguro o telemóvel com as duas mãos. Tenho de me conter para não atender. A Charlotte sabe como ser insistente, liga tantas vezes

seguidas que, mesmo que não queira, acabo sempre por ficar preocupada. O que será que aconteceu? Já é tarde, é estranho estar a insistir tanto para falar comigo.

Soube, pela Mari Cármen, que a Alícia se foi embora e a acusou de assédio. Tenho a certeza de que é mentira, a Charlotte seria incapaz.

O telefone volta a vibrar, desta vez com uma mensagem. Não lhe vou ligar. Com ou sem problemas na Universidade, este não é o momento de voltarmos a falar. Se está mal com a Alícia tanto melhor. Não é da minha conta.

Passei o fim de semana com a Mercedes. Não sei que tipo de relação é esta, nem mesmo se é uma relação. Ontem, convidou-me para ir com ela de férias a Portugal. Eu tinha planeado ir para a Sardenha com a Charlotte e daí seguíamos para a casa da mãe dela em Saint Tropez. Afinal, depois de tantas conversas, tantos planos, este ano cada uma de nós terá um destino diferente.

A Mercedes ia sozinha para Portugal e tentou arduamente convencer-me a ir com ela. Não sabia que não precisava de se ter esforçado tanto. Depois dos primeiros argumentos, eu já estava mais do que convencida, mas fui-me fazendo difícil e deixei que a conversa se prolongasse por mais de uma hora. Hoje de manhã, antes de ela sair, combinei tratar dos bilhetes, enquanto ela falava com os hotéis para alterar as reservas.

A Claire saiu para jantar com uns amigos, e eu finjo ver televisão, recostada nas almofadas da cama. O telemóvel volta a vibrar, desta vez pela chegada de um *email*.

Charlotte! Decido não ler, e volto a perder-me nos meus pensamentos. Não consigo! Depois de resistir alguns minutos, cedo à tentação. É um texto longo, cheio de emoção e muita tristeza. Há partes que me comovem e outras tantas que me irritam. Ela é sempre a mesma, nunca vai aprender, nunca vai mudar. Quando termino, faço aquilo que devia ter feito antes de começar, apago-o e desligo o telemóvel. Chega de Charlotte e dos seus dramas. Por mais que ainda me atinja, não há nada que eu possa fazer. Ou melhor, não há nada que eu queira fazer. Ela vai viver a sua vida e eu vou

viver a minha, o mais separadas possível. Respiro fundo e tento concentrar-me no filme. Nem tenho bem a certeza de que seja o mesmo filme que estava a dar quando olhei pela última vez.

Impossível, não consigo dormir! Levanto-me, desço as escadas e venho até à cozinha. Pode ser que um copo de água me ajude a recuperar a tranquilidade suficiente para poder, pelo menos, fechar os olhos.

Tiro o copo do armário e encho-o de água gelada. No silêncio da noite, ouço um ruído estranho, primeiro distante e depois progressivamente mais perto. O meu corpo estremece e fica em estado de alerta. O coração acelera e os músculos ficam tensos. Permaneço imóvel, segurando com força o copo de água na mão, procurando não emitir qualquer som.

É o barulho do elevador e está a parar aqui mesmo, no *hall* de entrada. Ninguém tem acesso a este piso pelo elevador, a não ser que entre com a chave pela garagem. Sinto o coração na boca e o peito apertado como se estivesse a ser comprimido. O clique das portas a destrancar faz-se ouvir. Logo a seguir, o som de passos. Entrou alguém. Não sei o que fazer! Gritar? Fugir? Pouso lentamente o copo sobre o balcão, evitando fazer barulho, e agarro numa faca. Movida pelo pânico, avanço em direção à sala com a faca em punho. Quando atravesso a porta da cozinha, a luz da sala acende-se. Saio pronta a esfaquear quem me aparecer pela frente, e dou de caras com a Charlotte.

Gritamos em simultâneo, rasgando a quietude que se faz sentir. Ficamos lívidas, paradas a olhar uma para a outra. Ela traz as chaves de casa na mão e eu uma faca.

A Charlotte é a primeira a recuperar e, com uma gargalhada nervosa, comenta: «O que é que ias fazer com essa faca? Essa é aquela faca que nem dá para cortar legumes! Quem é que ias matar com essa arma poderosa?»

«Para de brincar, não tem graça! Não sabes o susto que me pregaste, por pouco não tinha um enfarte.» Volto para a cozinha, devolvo a faca ao seu lugar e bebo a água que ainda está dentro do copo.

A Charlotte segue-me e senta-se num dos bancos junto ao balcão: «Desculpa vir até aqui e assustar-te, mas não me respondeste, o

telefone estava desligado, e eu precisava mesmo, mesmo, de falar contigo hoje. Não imaginas o que se está a passar...»

«Tens coragem de aparecer aqui a esta hora porque eu não te atendi o telefone? Quem é que tu pensas que és?!» Estou irritada como não pensava ser possível.

«Tomas conta da minha vida, vais-te embora e achas-te no direito de aparecer quando queres? Não sei qual é o drama desta vez e não quero saber. Não vou ouvir nem uma palavra. Não me interessa se estás doente, se vais presa ou se tens outra amante. Simplesmente, não me interessa! No dia em que estiveres pronta para falar de divórcio diz, nessa altura vou estar aqui para ouvir. Até lá, não há nada para falar. Sai! Agora, por favor, sai!»

«Espera, Elena, não podes estar a falar a sério. Deixa-me só explicar...»

«Não estás a ouvir, Charlotte, não quero saber o que é que aconteceu. Sai! Vou subir e espero que tenhas a decência de sair desta casa e de não voltares a entrar. Bem ou mal, esta casa já não é a tua casa.» Viro costas, sentindo a raiva sair por todos os meus poros. Subo a escada a correr, atiro com a porta do quarto, fecho-a à chave, e enfio-me dentro da cama, cobrindo a cabeça com o lençol. Minutos depois, ouço a porta da rua bater. Volto a levantar-me e vou até ao patamar no cimo das escadas. As luzes parecem todas apagadas e, no andar de baixo, não se ouve nada. Felizmente, decidi ir-se embora, não sei o que faria se tivesse decidido subir as escadas em vez de sair.

CAPÍTULO 25

2 de agosto — Par no buraco 5

Charlotte

Está um tempo insuportável. Desde que cheguei, há duas semanas, há uma onda de calor que está a deixar toda a gente louca. Muitos saíram da cidade em direção às praias, e os que continuam aqui tentam encontrar soluções para aliviar o calor. As fontes e os lagos transformam-se em piscinas improvisadas. As *Paris Plages* estão cheias de jovens e outros menos jovens estendidos ao sol, como se se tratasse da Riviera.

Depois da minha ida lá a casa não tornei a vê-la. Com honestidade, não sei se tenho vontade de a ver. Na minha cabeça ela continua a mesma de sempre, a mulher deslumbrante por quem me apaixonei, mas, cada vez que estamos juntas, há um pouco disso que se quebra. Prometi a mim mesma deixar passar um tempo. Não ligar, não enviar mensagens, nada. Pode ser que o tempo e a distância nos façam bem. Sei que um dia vamos ter de conversar, mas não estou preparada para fazer isso agora.

A minha mãe entra no escritório improvisado, que mandou decorar para mim quando decidi passar estes meses de férias em Paris, trazendo na mão dois enormes copos de limonada com muito gelo. «O que é que estás a fazer? Não é altura para trabalhar, está demasiado calor.»

«Antes fosse. Não consigo fazer nada.»

«Tenho uma proposta para ti, *chérie*. A Claire ligou ontem a dizer que inesperadamente tem uma semana de férias. Que tal irmos as três para a casa da Quinta do Lago? Passamos uma semana no Algarve e depois, se quiseres, ficamos as duas uns dias em Lisboa. O

tempo aqui está intolerável, não se pode sair de casa, lá temos piscina e podemos ir até à praia. Que achas?»

Só de pensar em voltar a entrar num avião, sinto o estômago a andar às voltas. A ideia em si parece-me agradável. Eu adoro ir a Portugal.

Rodo o copo na mão, fazendo tilintar o gelo, e bebo vários goles da limonada, ganhando tempo antes de responder: «Estou com pouca energia para decidir. Por mim ficava aqui fechada à espera que o tempo passasse. Mas tens razão, vai fazer-me bem sair daqui e gosto dessa ideia de estarmos uns dias só as três.»

Cheira a verão, mas não ao calor escaldante de Paris. Aqui está um calor ameno que convida a um mergulho e a uma leitura à sombra. A Mariana está esfuziante com a nossa chegada e não se coíbe de o manifestar. Nas jarras, flores frescas dão um colorido à sala e, lá fora, as cadeiras à volta da piscina já estão preparadas com as nossas toalhas de riscas verticais azuis e laranja. Perfeito!

«Obrigada, Mariana. Está fantástico!»

«Ora menina Charlotte, eu gostava era que viessem cá mais vezes. Esta casa só ganha vida quando vêm cá, e ultimamente têm vindo muito pouco. O menino Simon esteve cá com uns amigos, há cerca de um mês. Foi uma maravilha. E o que comiam aqueles rapazes...»

A semana passa rapidamente entre banhos de piscina, passeios na praia, uma ou duas idas ao café da praça central e as delícias com que a Mariana nos presenteia a cada refeição. Depois de quatro dias de descanso, convenço a minha mãe a acompanhar-me numa volta ao campo de golfe. A Claire foi passear com duas amigas portuguesas e nós saímos de casa com os sacos, prontas para encarar o desafio. Embora nenhuma de nós bata uma bola há mais de dois anos, é como andar de bicicleta, e, sem sabermos como, quando voltamos a pegar nos tacos está tudo lá. Não somos exímias, mas jogamos o suficiente para nos divertirmos.

Em pleno campo, depois de comemorar ter feito *par* no buraco 5, a minha mãe pergunta, vindo do nada: «Charlotte, já pensaste em deixar a Universidade? Não estou a dizer voltar para Paris, se achas que o teu lugar é em Barcelona, mas deixar a Universidade...»

«Porque é que perguntas isso? Achas que me vão pôr fora? Estás convencida que vão provar que sou culpada?» Não sei se estou espantada ou simplesmente irritada com a pergunta.

«Nada disso! Tenho a certeza de que se vai provar a tua inocência e acho mesmo que ainda te vão pedir desculpas quando tudo estiver finalmente esclarecido.»

«Então? Não estou a perceber onde queres chegar.»

«Estava a pensar num projeto que tenho andado a ruminar há muito tempo. Ia falar-te sobre isto quando estive em Barcelona...»

«Mas isso foi há três anos...»

«Sim, é verdade. O tempo é traiçoeiro. Nos últimos dois anos deixei de fazer planos e concentrei-me em viver o hoje, achando que a próxima semana já era longo prazo. Quando este ano começou, pensei que este seria o ano...»

«O ano de quê?» Não estou a perceber nada, mesmo nada, da conversa. De que projeto está a falar? Uma nova digressão? E onde é que isso me inclui? «Vá, mãe, se estamos aqui temos de jogar.» Ponho a bola no *tee* e com o *Drive* bato com força uma bonita bola em arco. A minha mãe faz o mesmo e lança uma bola que fica um pouco à esquerda e umas dezenas de metros atrás da minha.

«Não perdeste o jeito. Continuas a bater como se treinasses todas as semanas. O teu pai ia gostar de estar aqui.» Evito olhar para ela, mas antecipo que os seus olhos, como os meus, estejam marejados de lágrimas. Sem dar tempo para tristezas, continua: «Tens dedicado a tua vida ao estudo da igualdade e da identidade de género, eu, por meu lado, dediquei-me de corpo e alma à música. Ambas tivemos a sorte de ser privilegiadas. Não era comum que jovens da minha idade tivessem a possibilidade de ir estudar música para França, de tirar um curso e de ter uma carreira. Tenho de agradecer muito aos teus avós, estavam claramente à frente do seu tempo. Tu sabes, a morte deles deixou-nos ricos... Tenho pensado se não terá chegado o momento de contribuirmos mais, de retribuirmos um pouco daquilo que nos deram.»

Remeto-me ao silêncio enquanto a minha mãe fala. As palavras só são interrompidas para escolher um taco e bater a bola, mas logo recomeça: «Pensei que podíamos criar uma Fundação. Uma Fundação que promovesse a igualdade de oportunidades e atuasse

em vários domínios, na arte, no ensino, na saúde e na vida familiar.»

«Uma Fundação?» Tento compreender e integrar o que acabo de ouvir. «Uma Fundação, como?»

«Não sei “como”, e também ainda não falei deste assunto com mais ninguém, a não ser com a Anne. Sabes, em todos estes anos, ela tornou-se a minha melhor amiga.»

A ideia é incrível. Mais do que incrível, está para lá de qualquer adjetivo que eu consiga nomear. Como é que eu própria nunca pensei nisso? Estou sempre demasiado presa ao dia a dia, deixei de me permitir sonhar. Sonhar implica risco, risco de falhar, de perder, risco de ser julgada, enfim, tudo o que me habituei a evitar a qualquer custo.

«Imaginei que a Fundação podia ser um projeto conjunto meu, teu e dos teus irmãos. Se deixasses a Universidade, podias assumir a direção executiva.»

Agora faz sentido! Agora percebo o início da conversa. «Chega de golfe, não achas?», digo de forma retórica. «Esta conversa é demasiado importante para eu conseguir concentrar-me e jogar ao mesmo tempo. Anda, passamos ali pelo meio, entre as sebes, e vamos até à esplanada, estou a precisar urgentemente de beber alguma coisa.» Não lhe dou tempo para discordar, e começo a arrumar tudo nos sacos.

«De acordo, mas fui eu que ganhei! Tenho menos uma pancada do que tu...»

«Certo!», confirmo, soltando uma gargalhada. «Agora que já foste sagrada vencedora, podes continuar o que estavas a dizer?»

Caminhamos rapidamente até à esplanada, sentamo-nos à sombra e pedimos dois *gins* com gelo e limão. Enquanto a minha mãe se levanta para ir lavar as mãos, olho para o telemóvel e vejo que tenho uma mensagem da Claire a dizer para não esperarmos por ela para jantar, pois vai ficar em casa de uma das amigas. Antes de ter tempo para responder, a minha mãe volta a sentar-se.

«Por agora é só uma ideia. Quando quiseres ver, posso mostrar-te mais detalhes. Fiz um ficheiro com as ideias que fui tendo, aquilo que me foi passando pela cabeça durante este tempo todo, nada de muito organizado.»

«Gostava de ver. Onde está?»

«Podemos ver quando chegarmos a casa, está no meu computador. Mas não te entusiasmes, é apenas um esboço... notas soltas.»

A ideia começa a germinar na minha mente. Conduzir uma Fundação. Aplicar dinheiro em projetos para promover a igualdade. Poder fazer campanhas, bolsas, subsídios, apoios..., talvez um pouco de tudo. A ideia é genial.

«Desculpa o meu silêncio», digo, finalmente. «Estou tão surpreendida e ao mesmo tempo tão fascinada, que não sei o que dizer.»

«Sem pressa. Pensa sobre o assunto. Vê se te imaginas à frente de um projeto com esta amplitude. O desafio é grande... mesmo para ti!», sorri, faz-me uma festa no rosto, como quando eu era pequena, e conclui: «Mas eu sempre tive a convicção de que são os grandes desafios que nos dão as grandes recompensas. A Universidade foi esse desafio para ti durante estes anos todos, mas talvez agora precisas de um novo.»

«Agora o “desafio” é mais do tipo não ser despedida», respondo com uma gargalhada. De repente, os assuntos parecem assumir uma nova configuração, um novo peso relativo.

«Isso não vai acontecer, e tu sabes. Mas, a última coisa que quero é que penses na Fundação como uma “fuga”. Se um dia aceites, tem de ser porque é a coisa que mais queres fazer, e jamais uma segunda escolha, ouviste? É demasiado importante!»

Nos dias seguintes não voltámos a falar sobre a Fundação. A minha mãe enviou-me o documento que tinha escrito e não fez mais nenhuma pergunta sobre o tema. Viajámos para Lisboa no dia 9, e a Claire partiu para Barcelona no dia seguinte, não sem antes me informar que a Elena não estaria lá quando chegasse. Tinham falado por telefone e, ao que parece, coincidentemente, ela estaria de férias em Portugal.

CAPÍTULO 26

9 de agosto — A festa

Elena

É agosto e tudo acontece num ritmo mais lento. Parada na fila, antes de conseguir passar as portas das chegadas, penso por instantes na Charlotte e no seu pavor de aviões. Como estará? Depois daquela ida lá a casa não voltou a tentar falar comigo, ainda bem.

Deixámos a bagagem no hotel e caminhamos pela rua. Está calor em Lisboa. Resolvemos aproveitar a sombra de uma esplanada para comer alguma coisa. Entre duas dentadas na tosta mista e um gole no sumo de laranja, não consigo deixar de perguntar: «Mercedes, já organizaste o que vamos fazer? Por mais que me queira deixar ir, preciso de planear, nem que seja só um bocadinho.»

«O avião para o Faial é dia 17, tinha pensado ficarmos por aqui estes dias. Mas, se quiseses, podemos ir a outro lado. A ideia é descansar muito, passear, desfrutar da comida maravilhosa... e de ti.»

Agarro na máquina e fotografo a sua expressão no exato momento em que coloca as mãos a cobrir o rosto.

«Temos viagem de regresso dos Açores a 23 e ficamos os últimos dias no Algarve. Sol e praia, para recuperar, antes de voltar à vida real.» Com ar de quem fechou o assunto, bebe quase metade do sumo. «Vai ser maravilhoso! Já estiveste no Algarve?», pergunta.

«Sim!» Recordo a casa, a Mariana, e as toalhas de riscas estendidas à beira da piscina. «A Charlotte, ou melhor a mãe dela, tem uma casa na Quinta do Lago. Houve uma altura em que íamos lá muitas vezes. Elas jogam golfe, eu até tentei aprender, mas não

consegui, é mesmo um desporto sem graça, andar quilómetros atrás de uma bola minúscula, com um taco de metal...»

«Se soubesse, tinha marcado um hotel na Quinta do Lago, mas não te preocupes ficamos perto, se quiseres matar saudades, seja lá do que for, é só dizeres», responde com ironia.

Os dias sucedem-se numa cadência deliciosa, numa mistura de cultura, história e diversão. É uma cidade de cores e contrastes, onde a azáfama dos turistas contrasta com a calma dos locais, que em tempo de férias, são cada vez menos.

«Já só temos mais dois dias em Lisboa», diz a Mercedes, quando nos preparamos para deitar.

«É verdade! Passou demasiado rápido», respondo, parando por instantes de escovar os dentes. «Queres fazer alguma coisa especial?», pergunto, percebendo que ficou qualquer coisa no ar, mas longe, muito longe, de antecipar o que ela tem em mente.

«Tinha pensado numa coisa, mas se não te apetecer não há problema.»

«Estás a deixar-me curiosa.» Saio da casa de banho para o quarto trazendo a escova de dentes na mão, e olho para ela, à espera do que vem aí.

«Lembras-te de te ter falado da Úrsula? Conhecia-a há muitos anos em Munique...»

«Claro! Achas que aquilo que me contaste, é uma coisa que se possa esquecer?!» Sento-me na borda da cama e fito-a, esperando, sem saber para onde irá a conversa.

«Bom, ela está em Lisboa e descobriu que eu estava cá...»

«A Úrsula está aqui, em Lisboa? A Úrsula de Munique?»

«Sim, “essa” Úrsula! Conheces outra?», indaga com uma gargalhada, sacudindo a cabeça. «Ontem enviou-me uma mensagem e convidou-nos para jantar.» Sem acrescentar mais nada, a Mercedes puxa a roupa de cama para trás e deita-se, como se estivéssemos a falar sobre um tema trivial.

Continuo sentada na mesma posição: «Convidou-nos?», pergunto, surpreendida. «No plural? Quer dizer... convidou-me a mim?»

«Sim!»

Não sendo propriamente bonita, a Úrsula, é uma mulher deveras

atraente. Assim que nos vê, avança a passos largos e cumprimenta-me como se nos conhecêssemos.

O jantar decorre de forma inesperadamente animada. Ela parece capaz de conversar sobre qualquer assunto, livros, política ou teorias psicanalistas, tudo com o mesmo grau de interesse. Despede-se já tarde, envolvendo-me num abraço apertado e dizendo: «Adorei o jantar, tenho a certeza de que nos veremos muito em breve.»

Já no quarto, comento: «Ela não é nada como a tinha imaginado, é muito simpática, muito à vontade, adorei.»

«Acho que ela também te adorou», diz a Mercedes, enfatizando a palavra «adorou».

«Que queres dizer com isso?»

«Bom, antes de sair, convidou-nos para uma festa amanhã à noite. Já tem tudo combinado, inclusivamente já reservou um quarto para nós no hotel onde vai ser a festa, para não termos de voltar de madrugada.»

«A Úrsula convidou-nos para uma festa amanhã?»

«É impressão minha ou, ultimamente, andas a repetir tudo o que eu digo?», pergunta a rir, aproximando-se para me dar um beijo. Agarra-me pela cintura, faz-me cócegas e acabamos por rebolar em cima da cama a rir até às lágrimas.

Entrámos no hotel e subimos para o último piso. A sala é enorme com vários sofás, uma mesa de bilhar ao fundo e uma varanda sobre a cidade. Estão cerca de vinte pessoas que conversam animadamente em pequenos grupos. Jovens empregados circulam, com bandejas de bebidas e aperitivos.

«Úrsula, como estás? Há quanto tempo!», brinca a Mercedes.

Atravessamos a sala e sentamo-nos nuns sofás de pele preta, dispostos num dos cantos. Connosco sentam-se mais duas mulheres. A Emma, velha conhecida da Mercedes, e a Francesca, uma mulher italiana, com mais de sessenta anos, e um fascínio perturbador. A Francesca e a Úrsula divertem-se com picardias e comentários sobre os últimos escândalos políticos da Europa.

Discretamente, aproveitando um momento em que todas se riem com uma resposta da Emma, a Mercedes murmura-me ao ouvido:

«A Francesca é diretora executiva de uma das maiores

companhias tecnológicas do mundo.»

«Queres vir até à varanda?» A Úrsula estende-me a mão enquanto se levanta. «A vista da cidade é espetacular.»

Tem razão, o Tejo reflete as luzes da cidade, e, se lhe somarmos a luz da Lua, parece que fomos transportadas para um mundo mágico.

«Lindo, não é?» Estamos sozinhas aqui fora. Ela aproxima-se e, inesperadamente, põe o braço em redor da minha cintura. Sinto o corpo estremecer, mas não me afasto. «Para mim, é uma das vistas mais bonitas do mundo!», exclama.

Não sei o que dizer, e por isso remeto-me ao silêncio. Não desvio o olhar das luzes de Lisboa, mas sinto a presença do braço dela. É um sentimento que tem tanto de estranho como de agradável.

Cortando o silêncio, a Úrsula volta a falar: «Não é o momento para pensar em trabalho, eu sei, mas também sei que temos de aproveitar as ocasiões. Tenho um projeto, um projeto profissional, bem entendido, que acho que te pode interessar. Alguma vez pensaste em deixar a clínica?»

«Não, eu gosto das minhas consultas. Porquê? Tens uma proposta de emprego para mim?», brinco.

«Por acaso até tenho. O que é que achavas de trabalhar no mercado bolsista? O *trading* é uma atividade de grande *stress*... e dava-nos jeito alguém que ajudasse os nossos profissionais a aplicar estratégias para controlo das emoções.»

«O quê? Estás a brincar?! Isso existe, mesmo?», pergunto, num riso nervoso, olhando finalmente para ela.

«És muito bonita!», comenta entredentes, sabendo que a consigo ouvir.

Finjo não ter percebido as últimas palavras e prossigo: «Não acho nada, porque não faço ideia nenhuma do que estás a dizer. Mas eu nunca digo que não a nada sem experimentar, por isso, quando quiseses, falamos melhor», acrescento.

«Isso aplica-se a tudo?», pergunta, mordazmente.

«Como assim?»

«O que acabaste de dizer, aplica-se a tudo?» Enquanto fala, sorri discretamente e abana a cabeça. Retira o braço e coloca a mão sobre a minha, ambas pousadas no rebordo do peitoril da varanda.

«Talvez...» Esta mulher provoca-me sensações estranhas. Não sei

se é ela, se é o ambiente, ou a mistura dos dois. Acende um cigarro, inala profundamente e, em seguida, coloca-o na minha boca, sem me perguntar nada. Sinto o sabor do seu batom quando o cigarro toca nos meus lábios, levanto a mão e agarro-o, escondendo-o atrás das costas.

«Vem buscar!», exclamo, com uma coragem que não sei de onde vem.

«Bravo!» Ela ignora o cigarro, volta a colocar os braços à minha volta, e deixa-se ficar imóvel, com o rosto a poucos centímetros do meu. Largo o cigarro, que cai no chão, quando ela finalmente percorre os últimos centímetros de ar entre nós para me dar um beijo. É um beijo carregado de sedução, os lábios entreabrem-se, as línguas tocam-se e as mãos deslizam.

A Mercedes deve ter entrado na varanda justamente quando a Úrsula me beijou. Quando reabro os olhos, dou de caras com os seus olhos fixos em nós, e, como tantas vezes faz, morde o lábio inferior. O meu coração quase sai disparado, não sei se pelo beijo se pela presença dela.

«Ora, ora, Úrsula, não perdes tempo. Não se pode deixar ninguém sozinho contigo!», exclama, sem desviar o olhar.

«Não, não se pode é estar com alguém como a Elena e acreditar que mais ninguém vai olhar!»

«Podem parar de falar de mim como se eu não estivesse aqui?» A Mercedes aproxima-se e beija-me impetuosamente. Depois, olha para a Úrsula e diz: «Tens alguma coisa para dizer? Não sei, talvez uma proposta?»

«Conheces-me demasiado bem!», responde, sorrindo. «Mas a Elena não.»

«Querem dizer-me o que se passa?»

A Mercedes continua a olhar-me fixamente: «Queres descer para o nosso quarto? Quem sabe se a Úrsula não gostaria de vir connosco?»

«Não sei... sim... quero dizer, acho que sim», a minha voz sai entrecortada.

A Úrsula entra no quarto assim que a Mercedes abre a porta. As luzes do teto permanecem apagadas e o espaço está iluminado

apenas pela fraca luminosidade de um candeeiro de pé. A Úrsula senta-se ao fundo, numa cadeira de braços, quase na penumbra. Por um lado, isso é bom, a sua presença aqui inibe-me, por outro lado, gostava de poder ver a sua expressão.

A Mercedes não me dá muito tempo para refletir sobre a presença da Úrsula, põe os braços à minha volta e puxa-me contra si. Cola os lábios nos meus e beija-me, deslizando a língua dentro da minha boca. As mãos conhecem o caminho, e, com gestos simples mas eficazes, desaperta o fecho, fazendo o meu vestido escorregar até ao chão.

Vinda do nada, ouve-se a voz da Úrsula, lembrando-me da sua presença: «A Elena é muito mais do que tudo o que descreveste! Despe-te tu também, quero ver-te nua! Há quanto tempo...» A Mercedes sorri e obedece. Vira-se na direção onde ela está sentada e, sem hesitar, desaperta primeiro a camisa e depois as calças. Com gestos precisos, tira o sutiã e as cuecas, ficando completamente nua. Olho de soslaio para a Úrsula e consigo distinguir, na obscuridade, que tem uma das mãos entre as pernas, mantendo o olhar fixo na Mercedes.

O tempo de contemplação esgota-se quando sinto o toque da sua língua na minha barriga, e, de imediato, o meu corpo desfaz-se em desejo. A Mercedes está nua, de joelhos à minha frente. Agarra-me fortemente com ambas as mãos e, aos poucos, vai descendo, mordendo e lambendo cada centímetro de pele, até encontrar a linha de pelos púbicos. Detém-se, põe-se de pé e, num gesto repentino, empurra-me, fazendo-me cair de costas sobre a cama, e ficando ela própria deitada sobre mim.

«Vou dar-te prazer como nunca sentiste!», sussurra no meu ouvido.

Aquelas palavras têm um poder indescritível, se antes eu achava que estava excitada, percebo, nesse instante, o quanto pode aumentar o meu nível de tesão. A respiração torna-se irregular, o sangue pulsa intensamente e os músculos ganham uma autonomia impossível de controlar. A pressão do corpo dela nu sobre o meu, faz-me querer cada vez mais. Imagino-a a possuir-me, e idealizo o rosto de Úrsula. A sua língua passa sobre os meus mamilos, ora num ora noutro... entre as pernas sinto uma torrente quente.

«Despe-a, Mercedes! Porque esperas?» Nunca, nem em sonhos, imaginei sentir-me assim. Espasmos de prazer percorrem o meu corpo sem nada nem ninguém dar conta disso.

A Mercedes despe-me as cuecas e, logo em seguida, penetra-me com a língua o mais fundo que consegue. Com dois dedos massaja-me, em gestos circulares. A sua língua mantém a cadência de vai e vem, preenchendo-me totalmente.

«Para! Por favor, para! Vou-me vir na tua boca.»

Ela ignora completamente as minhas palavras, e faz exatamente o oposto. Move a língua com força, num ímpeto que me invade tão fundo, tão profundamente...Estremeço e não contenho um grito.

Permaneço deitada de olhos fechados, inerte, mas ela não parece disposta a dar-me tréguas, nem tempo para recuperar, encosta a boca ao meu ouvido, sinto o seu sorriso e o calor da sua respiração. Num murmúrio que não se coaduna com a autoridade das ordens que profere, diz de forma muito direta como e onde me quer. Não consigo evitar um gemido. Os meus músculos contraem-se outra vez e o coração acelera. Faço exatamente o que ela me pede. Chego-me para o fundo da cama, ponho-me de barriga para baixo com as pernas abertas e os joelhos dobrados. Estou totalmente exposta, e sei que não é só para a Mercedes. Nesta posição, não consigo vê-la, apenas posso sentir as suas mãos nas minhas costas. Pelos movimentos, percebo que está de pé ou de joelhos junto à cama. Ouço a respiração acelerada da Úrsula que antecipa o que se vai passar. Tomada pela mesma antecipação, agarro o lençol com ambas as mãos.

«Que insolente! Atreves-te a roçar-te contra o colchão, como se não estivéssemos aqui?!» Não me tinha apercebido, mas movimento o corpo, procurando aliviar um pouco da tensão acumulada. «Agora que começaste não pares. Vamos, com mais força!»

A excitação é tal que não consigo pensar claramente. A Mercedes penetra-me e solto um grito de surpresa.

«Magoei-te?»

«Não, continua, por favor, continua!» O prazer é tão intenso. Os dedos deslizam com vigor, numa penetração mais e mais profunda. Seguro outra vez o lençol com toda a força que tenho, na tentativa de evitar um orgasmo. No interior das minhas coxas, os músculos

ficam rígidos: «Continua! Não pares. Com mais força!»

É como se o corpo não me pertencesse: «Vou-me vir outra vez!, Não posso... não consigo... não pares! Vai até ao fim...»

Um, outro e ainda outro orgasmo sucedem-se, fazendo-me gritar. É um êxtase partilhado.

Ficamos em silêncio, deixando que os corpos se acalmem. A Mercedes abraça-me, passa a mão pelo meu cabelo numa festa e, depois suavemente, pelo meu rosto, desenhando com um dedo o contorno dos meus olhos e da minha boca. A ternura do momento contrasta com a impetuosidade de há pouco.

Quebrando o silêncio, a Úrsula despede-se: «Obrigada! Adorei esta noite!» e sai, fechando a porta sem fazer barulho.

«Arrependida?», pergunta a Mercedes, levantando a cabeça e apoiando-a sobre o cotovelo.

«Foi uma das melhores noites da minha vida.»

«Repetimos?»

«É uma pergunta ou uma promessa?»

PARTE 3

CAPÍTULO 27

1 de setembro — Desculpas

Charlotte

Cheguei ontem à noite. A minha estada em aeroportos está a tornar-se tão frequente que começo a sentir-me mais à vontade. Quando me despedi da minha mãe, deixei a promessa de voltarmos a falar sobre a Fundação muito em breve.

A semana passada, já em Paris, jantámos com a Anne e discutimos a três. Ouvi-las falar, fez-me perceber que é tudo muito mais real do que imaginava.

«Não, não é necessário que a Charlotte trabalhe aqui, pode perfeitamente ficar em Barcelona.» A Anne argumentava com a minha mãe, que não parava de insistir que a sede da Fundação fosse em Paris, e de dizer que estava na altura de eu voltar. «Qual é o problema de ter a sede em Barcelona? Mas, se insistes tanto, podes manter a sede aqui e ela trabalhar lá?»

«Tens razão. Tens razão! Deixei-me levar pela vontade de ter a Charlotte aqui, outra vez», respondeu a minha mãe, encolhendo os ombros, como que aceitando a derrota.

A certa altura acabei por intervir na conversa: «Calma lá, vocês falam como se a Fundação já existisse e eu já tivesse aceitado o lugar. Não sei se sou a pessoa certa...»

«Ora, *chérie*, deixa-te de modéstias, não te fica bem. Tu sabes que tens as condições ideais. A minha única dúvida é se tens a motivação suficiente.» A minha mãe olhava para mim, enquanto ajeitava os óculos e organizava os papéis espalhados sobre a mesa.

A Anne, em vão, tentava forçar uma resposta: «Olha, Charlotte,

eu conheço-te desde criança e nunca te vi ter medo de um desafio.»

«Uma parte de mim quer dizer que sim. É como se já fosse a minha casa. Mas sinto que estou presa à Universidade. Eu sei, não devia, mas é como se fosse uma derrota.»

«Esperamos pelo resultado do inquérito. Talvez ajude.»

«Mãe, qualquer que seja a minha decisão, a Fundação tem de existir! Já sabes como é que se vai chamar?»

«Veremos...»

Hora de levantar. Espreguiço-me pela décima vez e, devagar, faço escorregar o meu corpo para fora da cama.

Ontem, enquanto estava à espera no aeroporto, aproveitei para ler *emails*. Há anos que não desligava literalmente do mundo durante tanto tempo, ontem achei que já era altura de saber o que se estava a passar. Entre dezenas de contactos, tinha uma mensagem, de há alguns dias, enviada diretamente por um dos diretores da Universidade, que perguntava se eu tinha disponibilidade para reunir dia 1 ou dia 2 de setembro pelas 14h. Respondi de imediato, confirmando a minha presença. Quanto mais depressa melhor.

Faltam cinco minutos para as duas da tarde, sentada num dos sofás da sala da direção, onde um simpático funcionário me convidou a esperar, vou folheando distraidamente uma das revistas que está em cima da mesa, sem prestar grande atenção ao conteúdo. O Jorge Fernandez, um dos diretores, professor do Departamento de Literatura, surge à porta, fazendo-me sinal para o acompanhar. Atravessamos o corredor e entramos juntos na sala, onde já estão os outros membros da direção. Estranhamente, não está ninguém do meu departamento, nem ninguém dos serviços jurídicos.

«Boa tarde, Professora Charlotte Grimaux», cumprimenta-me novamente o Jorge. A Margot Sanchez, a Presidente da Direção, inicia a reunião: «Se me permite, vou direta ao assunto.»

Respondo num tom formal: «Boa tarde. Claro, como acharem por bem.» Hoje de manhã, quando liguei aos advogados, o único conselho que me deram foi que falasse o menos possível: «Ouve e não fales. Não dês explicações, nem elabores sobre os assuntos. Não

te irrites.»

«Professora Charlotte Grimaux, em nome desta instituição, em nome da Direção e em meu próprio, quero pedir-lhe desculpas.»

Não posso acreditar no que estou a ouvir. O que se terá passado?

Ela prossegue: «A meio de agosto, recebemos uma longa carta escrita pela Alícia Souza. Na carta, ela dava conta de que queria abandonar o projeto aqui na Universidade, alegando razões pessoais que, segundo as suas palavras, a obrigavam a voltar de imediato a São Paulo.» Após uma pausa, retira várias páginas impressas de uma capa pousada sobre a mesa ao seu lado, e continua: «Charlotte, se me permitires, passaria a ler uma parte da carta que achamos importante que tenhas conhecimento.»

«Certo», respondo, meio atordoada.

«Pois bem, passo a ler: “A Professora Charlotte Grimaux é uma das pessoas mais incríveis que já conheci, não apenas pela sua inteligência e capacidade de trabalho, mas sobretudo pelas qualidades pessoais. Embora estas linhas possam parecer pouco profissionais, chegou o momento de esclarecer definitivamente o assunto. Desde o momento em que conheci a Charlotte, ela despertou em mim um sentimento tão intenso que nunca vou conseguir explicar. Talvez seja isso o ‘amor à primeira vista’. Embora eu tenha tentado evitar os meus sentimentos, a certa altura isso não foi possível. Aproximei-me dela, aproveitando um momento de fragilidade, e iniciámos um relacionamento amoroso. Os detalhes da nossa relação estão obviamente para lá do que posso explicar nesta carta, mas é importante deixar bem claro que, tudo o que aconteceu, foi consensual, e em nada interferiu com a nossa relação profissional. A Charlotte impôs regras muito claras a esse respeito, dando-me total liberdade para conduzir o meu projeto com outra pessoa. Pouco tempo depois de começarmos a nossa relação, fui abordada primeiro pela Professora Isabel Reyes e depois pelo Professor Arturo. Ambos tiveram longas conversas comigo sobre a importância do meu trabalho. Ao mesmo tempo, convenceram-me de que tudo o que se estava a passar violava o código de conduta da Universidade, pelo que eu poderia ser expulsa e perder a minha bolsa de estudos. Hoje, estou ciente de que eles se aproveitaram da minha ignorância. Ameaçaram denunciar-me se eu não acusasse a

Charlotte de assédio. Afirmavam ter provas, e mostraram-me várias fotografias nossas em situações íntimas. Tenho muita vergonha do que fiz, mas entrei em pânico. Concordei em enviar a carta de acusação, que eles próprios escreveram. Fiquei assustada com o ódio que eles têm...” Charlotte, a carta continua, mas creio que a parte mais relevante é a que acabo de ler.»

Fico no mais absoluto silêncio, incapaz de dizer o que quer que seja. Pego no copo de água à minha frente e levo-o à boca. Depois de voltar a pousar o copo, suspiro, levanto a cabeça e percebo que estão todos a olhar para mim, à espera que eu diga alguma coisa.

«Obrigada por partilharem esta informação comigo, não sabem como é importante», digo, finalmente. Quando me preparo para prosseguir, o Jorge interrompe-me: «Agora que esclarecemos a situação, esperamos que tudo possa voltar ao normal.»

Vejo diante dos meus olhos as caras dos advogados e ouço as suas palavras «não te irrites», mas é mais forte do que eu, muito mais forte. «Caríssimo..., estimado colega, lamento desiludi-lo, mas não vou compactuar com a vossa hipocrisia!» Sinto o calor no pescoço e sei que devo estar corada, mas não interessa, vão ouvir tudo o que tenho para dizer.

A Margot faz menção de dizer alguma coisa, mas acaba por não dizer nada.

«A situação não pode ser esquecida, dois professores ameaçaram uma aluna e forjaram uma acusação. Prejudicaram-me a mim e prejudicaram-na ainda mais a ela. Têm a oportunidade de agir. Se não o fizerem, faço eu, independentemente das consequências.»

«Calma, Charlotte», diz a Margot. «Tens razão no que dizes. Talvez este seja o momento...»

«O que é que queres dizer com isso, Margot?», intervém o Jorge. O seu rosto está escarlate e, por momentos, penso se irá ter um ataque. «Já falámos e já decidimos qual é a atitude da Universidade. Pedimos desculpa pelo sucedido, e é tudo!»

«Enganas-te, Jorge, não é tudo! A Charlotte tem razão, o silêncio é complacente com a discriminação. Eu vou apoiar um inquérito contra os professores envolvidos e um pedido público de desculpas à Charlotte. Quanto à Alícia Souza, estou de acordo que ela foi mais vítima do que culpada. Se a Charlotte não tiver nada a opor,

deixamos a Alícia prosseguir o seu caminho.»

«Professora Margot, não sabe como aprecio e agradeço a sua compreensão. Claro que devemos deixar a Alícia seguir a sua vida!»

A Margot volta a conduzir a reunião na sua voz agradável e pausada: «Muito bem, temos muito que fazer. Jorge, chama os serviços jurídicos para se juntarem a nós.» A frase é proferida sem margem para contestação. Ele levanta-se e sai da sala. Ela olha para mim: «Vamos fazer o que tem de ser feito e terminar o mais depressa possível.»

«Não posso concordar mais.»

De volta a casa, ainda me parece difícil acreditar no que acaba de acontecer. O processo acabou e eu ganhei o concurso para a direção do Departamento! A Margot bem tentou dar solenidade à comunicação, mas acabou por deixar cair as formalidades e dizer: «Parabéns, conseguiste! Não podia ser mais merecido!»

Queria a Elena aqui ao meu lado. Não voltámos a falar. As únicas notícias que tive foram através da Claire. Aparentemente, está ótima e bem acompanhada. Não posso pensar muito nisso, senão a minha felicidade vai esvair-se em menos de um instante. Vou até ao frigorífico, retiro uma garrafa de cerveja bem gelada e brindo comigo mesma.

Como é que cheguei até aqui? Onde foi que perdi os amigos, os companheiros de viagem? As lágrimas escorrem, sem as conseguir segurar, num vulcão de emoções. Passei tanto tempo preocupada em não perder, que não me dei conta que fui afastando tudo e todos.

Bebo a cerveja que tenho na mão, e mais duas. Não posso continuar aqui fechada a bater com a cabeça nas paredes e a beber, até porque no frigorífico só sobra uma garrafa... Agarro no telefone e marco o número da Mári Carmen. Deve ser a primeira vez que lhe telefono sem ser para falar com a Elena. Ao fim de quatro ou cinco toques, ela atende.

«Sou eu. Desculpa estar a ligar assim do nada e ainda por cima quase à hora do jantar...»

«Olá, Charlotte, que surpresa! Está tudo bem?»

«Sim! Quer dizer, não sei.»

«Aconteceu alguma coisa à Elena?»

«Não. Para dizer a verdade, há mais de dois meses que não falo com ela. Tivemos uma discussão feia. Depois disso, não voltámos a falar...»

«Queres dizer que invadiste a casa dela e lhe pregaste um susto de morte, não foi?»

«Pois... imagino que saibas todos os detalhes. Não o fiz com má intenção. Sei que tens todas as razões para não querer conversar comigo, mas, hoje... hoje preciso de um rosto amigo.»

«Charlotte, não te fica bem esse tom, não sei...»

«Não precisas de ser irónica. Eu sei que posso contar contigo. Podemos jantar?»

A casa da Mari Carmen é a quinze minutos a pé. Atravesso para a Rambla da Catalunya e vou caminhando no meio das muitas pessoas que estão na rua a esta hora. O fim de tarde está maravilhoso, sopra uma brisa fresca depois de um dia demasiado quente.

Quando nos sentamos a jantar, são quase dez horas. Os gémeos não quiseram ir para a cama antes de eu chegar e depois exigiram uma história. Nestes momentos sinto ainda mais a falta da Elena. Como seria a nossa vida hoje, se ela tivesse ficado grávida?

«Finalmente, sós!», diz a Mari Cármen antes de pôr na boca a primeira garfada.

Em jeito de resumo, conto-lhe tudo o que aconteceu, primeiro com a Alícia, depois com os advogados e, por fim, hoje, na Universidade. O resumo curto de uma história longa. Quando termino, ela intervém: «Que história rocambolesca. Parece saída de um romance, traição, mentiras, mais mentiras, e um final feliz. Devias estar contente. Foi uma dupla vitória, ganhas o departamento e livras-te da Isabel. Qual é a tua dúvida? Não percebo porque não estamos a beber champanhe!»

Já terminámos de comer quando lhe conto a proposta da minha mãe.

«É fenomenal, Charlotte. Não há como não aceites! É o desafio de uma vida, pensa na diferença que isso pode fazer.»

«Eu sei. Mas... não é o momento certo.»

«Não há momentos certos, apenas oportunidades. Umas aproveitamos, outras não!»

Sentadas nos sofás da sala, a conversa vai decorrendo à volta do tema da Fundação, até ela fazer uma brusca mudança de assunto:

«Porque é que te separaste da Elena?»

A pergunta apanha-me completamente desprevenida. Felizmente, ela parece não esperar uma resposta, pelo menos de imediato, e continua:

«Nunca te perguntei, também, eu seria a última pessoa com quem querias discutir esse tema, mas hoje... O que é que se passou, afinal? Apaixonaste-te pela Alícia?»

«Não!», respondo rapidamente.

«Então?»

«Apaixonei-me pela ideia de liberdade que ela me dava. Menos planos, menos controlo. Ou talvez apenas menos medo de perder...»

«Tens noção de que isso só existe na tua cabeça? A não ser que me estejas a dizer que preferes não ter para não perder.»

«Talvez tenhas razão», respondo, tentando perceber o que significa aquela afirmação. «Como é que ela está?»

«O que é que queres saber?»

«Tudo!»

CAPÍTULO 28

3 de setembro — Regresso a Barcelona

Elena

Com uma chávena fumegante na mão, dou conta das saudades que já tinha de um *cappuccino* na esplanada da Lola. Hoje é o primeiro dia de volta à rotina. De manhã, no ginásio, não consegui concentrar-me. Como vai longe o dia em que a vi pela primeira vez, a sauna, o pé torcido, o primeiro café..., de lá para cá tanta coisa mudou na minha vida. Só tenho consultas à tarde. Combinei almoçar aqui com a Mari Cármen.

Sou interrompida pelo toque do telefone. É o Pierre, não falo com ele desde antes de ir de férias. Tentei ligar-lhe várias vezes, mas acabei por nunca conseguir. Até liguei ao Jean-Luc, mas também sem sucesso. Devia ter insistido.

«Olá, desaparecido, como estás?», pergunto em tom de brincadeira.

«Bem. E tu?», responde num tom estranho, que não identifico.

«Tenho tantas novidades! Mas antes quero saber de ti, quando voltas?»

«Já estou em Paris...»

«O quê? Porquê? E a escola? Aconteceu alguma coisa?»

«O Jean-Luc está no hospital...»

«O Jean-Luc está no hospital? O que é que aconteceu?» Não estou mesmo a perceber o que é que se passa.

«Houve uma tentativa de ataque...»

«Ataque? Estás a falar de quê? Ele está bem?» Estou completamente atordoada. Era tudo o que não esperava ouvir, nem hoje, nem nunca.

«Não podes falar disto a ninguém, ninguém pode saber. Foi há dois dias. Lembras-te de te contar que ele estava a receber ameaças? A polícia ficou a investigar, mas não conseguiram descobrir nada, pelo menos não até agora. Afinal, a ameaça estava mesmo ao lado dele. O chefe de campanha, que trabalhava com ele diariamente, fazia parte de um grupo extremista. Anteontem à noite, acompanhou-o a casa e permitiu a aproximação de um homem que o esfaqueou.»

«Não estás a falar a sério!»

«Estou... só não foi pior porque, sem que ninguém soubesse, nem nós, os serviços secretos estavam a seguir o Jean-Luc desde maio. Do que percebi até agora, tinham suspeitas de que um grupo de extrema-direita estivesse a preparar um atentado. Não parece real, pois não?»

«Não!»

«Em menos de nada, estavam cercados e os tipos estavam presos. O homem ainda o conseguiu atingir, mas não acertou em nenhum órgão vital. Deve ter alta nos próximos dias.»

«Como é que essa história não saiu para as notícias?»

«A operação ainda não terminou. Acham que há mais gente envolvida. Abafaram tudo.»

«Queres que vá ter contigo? Quando é que voltaste?»

«Cheguei ontem. Pediram-nos para fazer uma vida “normal”. O Jean-Luc recusa-se a pôr a hipótese de desistir. Por isso, vou fazer o meu papel. Não o vou deixar sozinho nem um minuto. A partir de agora, sou o mais fiel membro da campanha.» O Pierre dá uma gargalhada nervosa. «Precisava de desabafar com alguém, desculpa!»

«Não peças desculpa, só queria poder fazer alguma coisa.»

«E podes, fala comigo. Fala de outras coisas, como é que estás? E a Charlotte?»

«Pergunta difícil... Estou bem. A Charlotte não sei, afastámo-nos nestes últimos tempos. Sei que a situação na Universidade tem estado complicada. A Charlotte pode ser muita coisa, mas assediar alguém... isso nunca.»

Sinto o toque de uma mão por cima do ombro e dou um salto na cadeira. A Mari Cármen olha-me com um sorriso surpreso, assustada

com a brusquidão do meu movimento:

«Desculpa, Pierre, chegou a Mari Cármén, terminamos a conversa noutra altura. Por favor, não me deixes sem notícias... Ela está a mandar-te beijos.»

O meu primeiro pensamento foi contar tudo à Mari Cármén, mas sei que não posso dizer nada. Abano a cabeça e respiro fundo, procurando desligar-me do assunto:

«Como te atreves a assustar-me assim?», a minha voz denota uma irritação fingida que logo dá lugar a um sorriso. «Tenho tantas, tantas saudades tuas...»

«Pois sim», responde, também ela fingindo uma ironia que logo se desfaz: «Vais de férias e esqueces os amigos. Nem um telefonema. Espero que tenha valido a pena.»

«Nem imaginas.»

«Minha cara, estou a precisar de histórias boas. A minha vida anda tão monótona, nada como um romance escaldante para me animar um pouco.»

«Tens tempo?», pergunto, em jeito de brincadeira.

«Todo o tempo do mundo!»

Começo pelo princípio e conto-lhe a minha ida a Portugal. Omito os detalhes mais escaldantes das noites na capital e descrevo pormenores da estadia nos Açores.

«Só de te ouvir, tenho vontade de estar lá...»

«Vê estas fotografias, vê a cor do mar», passo o telemóvel para as mãos dela, deixando-a mergulhar nas paisagens dos Açores.

Subitamente, ela para e fica com os olhos fixos no ecrã:

«Acho que tens mais coisas para me contar.» Vira o telemóvel na minha direção. É uma fotografia minha, em contraluz, apenas meio coberta com parte do lençol. Uma imagem que não mostra nada, mas deixa ver tudo.

Respiro fundo antes de falar:

«A Mercedes tirou essa fotografia, segundo ela, para “parar o tempo”.»

«Vais fazer *suspense*, ou tencionas contar-me? Pensei que não tínhamos segredos.»

«O que é que queres saber?»

«Tudo!»

«É difícil explicar-te “tudo”.» Vou contando um pouco do que se passou, deixando muito por dizer, até mudar o rumo da conversa. «Sabes alguma coisa da Charlotte?», pergunto.

«Por estranho que te possa parecer, ela telefonou-me anteontem e acabou por jantar lá em casa.»

«A sério? Porquê?»

«Acho que se sentiu sozinha. Eu era o mais próximo de uma amiga.»

«Não está bem? Já há novidades?»

«Não sei se ela está bem, sabes como é que ela é, mas as novidades não podiam ser melhores. O processo acabou. Vão fazer um pedido formal de desculpas, “E a Charlotte é a grande vencedora!”», conclui a Mari Cármen, com ironia. «Ah, já me esquecia, pelo meio informaram-na de que ganhou o concurso, ou seja, é a nova diretora do departamento.»

«Ela conseguiu! Sempre disse que chegaria lá.» Sorrio. «Só não percebo porque é que te foi contar isso tudo a ti... Desculpa, sem ofensa, mas tu e a Charlotte nunca foram propriamente grandes amigas.»

«Já te disse, acho que ela não tinha ninguém com quem dividir as novidades, eu era a escolha possível. Mas foi bom! Gostei de falar com ela. Quem sabe, não nos tornamos amigas. Queres surpreender-te ainda mais? E se eu te disser que ela foi amorosa com os gémeos, contou-lhes uma história, e foi pô-los na cama, e eles estavam encantados?»

«A Charlotte? Contou uma história aos miúdos? Tens a certeza de que estamos a falar da mesma pessoa?»

A Mari Cármen ri-se e continua:

«Verdade, as pessoas mudam! Em que dia foste para Lisboa?»

«Dia 9, porquê?»

«Então estiveram em Lisboa ao mesmo tempo, podiam ter-se cruzado.» A Mari Cármen solta uma gargalhada e eu acabo por rir também, imaginando-me a esbarrar com a Charlotte no meio da rua.

«Quando disseste que tinhas mais novidades, pensei que ias falar da relação dela com a Alcía, não te contou nada?»

«Hum, mais ou menos.»

«Mais ou menos, como? Ou falou ou não falou.»

«Não me fica bem estar aqui a contar detalhes sobre a vida íntima da Charlotte.» A Mari Cármen, ri com sarcasmo, encolhendo os ombros.

«Falaram sobre a vida íntima dela? Essa tua conversa com ela está cada vez mais difícil de imaginar.»

«Perguntei-lhe se se tinha apaixonado pela Alícia...»

«Não! Não perguntaste isso!»

«Perguntei.»

«E?»

CAPÍTULO 29

25 de setembro — Laura Esteves

Charlotte

Dou uma dentada no *montadito de solomillo con foie*, a carne desfaz-se na boca e o sabor é inebriante. Já é tarde, mas a sala está completamente cheia. Uma mesa ao fundo reúne uma família na festa de anos de um homem mais velho. Olhando para o seu rosto, diria que tem mais de oitenta anos. Sorri, num sorriso que o ilumina, fazendo desaparecer as inúmeras rugas do seu rosto. Uma mulher mais ou menos da mesma idade olha para ele, embevecida. Sou acometida de um sentimento de inveja. Hoje é 25 de setembro, faz dez anos que jantei aqui com a Elena.

Sinto o telefone vibrar no bolso. Jean-Luc!

«Como estás?», pergunto de imediato. «Que história mirabolante.»

«Bem! E tu?»

«Que pergunta é essa? Eu estou bem!»

«Tenho boa memória e sei bem que dia é hoje.»

«A sério?! Estou impressionada! Estou na Cervejaria Catalana.»

«Sozinha?»

«Infelizmente», digo a rir. «E tu? A sério, como é que estás?»

«Bem, só não posso rir nem tossir, de resto, já nem me lembro.»

«E a polícia?»

«Não lhe chames polícia, são serviços secretos. Estou rendido ao seu trabalho.»

«Podes contar?»

«Não vais pôr no jornal, pois não? Também foi por isso que te liguei. Esta manhã foram detidos vinte e dois elementos do grupo,

entre eles os que agrediram o Pierre. Estão convencidos de que desmantelaram a operação. Pelo menos, por agora... Já percebi que isto nunca acaba!»

«E a campanha?»

«De vento em popa! Ninguém sonha sequer... Melhor assim, dormem mais descansados.»

Quando desligo, olho através do espelho à minha frente e vejo um casal jovem, numa mesa distante. Não ouço nada e apenas posso adivinhar que estão a discutir pelos gestos e semblantes. É engraçado como a linguagem não verbal nos diz tanto e, no entanto, preocupamo-nos em demasia com as palavras. O rapaz coloca a cabeça entre as mãos, apoiando os cotovelos na mesa. Ela vai gesticulando com as mãos. Aproxima-se como que para um carinho, mas ele afasta-a bruscamente.

Não sei qual é a história, mas podia ser a minha. Porque é que eu traí a Elena? Não me sai da cabeça que podia ter sido diferente. Comecei a ficar de tal forma obcecada que, na semana passada, tive a noção de que só tinha duas soluções: ou ia atrás dela, o que seria no mínimo imprudente, ou arranjava ajuda profissional. Trespassada por um acesso de bom senso, optei pela segunda solução.

Contactei o meu antigo terapeuta. Escrevi-lhe um longo *email* e pedi-lhe ajuda para encontrar alguém aqui em Barcelona. Respondeu-me no dia seguinte, com uma série de recomendações práticas e um nome, Laura Esteves. Marquei consulta imediatamente e respirei fundo, com a sensação de que estava, finalmente, a fazer a coisa certa.

Depois de três lanços de escadas de madeira, abre-me a porta não identificada uma simpática rapariga que me conduz a uma minúscula sala de espera. Não passam nem cinco minutos até surgir na ombreira da porta uma cara que reconheço pelas fotografias, Laura Esteves.

«É difícil... aqui à sua frente, tudo me parece um tanto ridículo, não sei por onde começar.»

«Não importa por onde começa, vamos ter tempo para nos conhecermos e tenho a certeza de que acabará por partilhar tudo o

que for relevante. Se não hoje, para a semana ou para o mês que vem. Não se preocupe... O que é que a levou a marcar consulta?»

«Estou perdida entre escolhas difíceis. Não são difíceis por serem más, são difíceis porque são mudanças, e não estou certa de as querer... Sabe como é? Por um lado, quero coisas diferentes, mas, ao mesmo tempo, só queria que tudo ficasse igual...»

«Acho que todos nós, em alguma altura da vida, poderíamos dizer essas palavras. Que tipo de escolhas? Profissionais?»

«Mais ou menos. Sou professora universitária e foi o que sempre quis ser. O último ano foi particularmente complicado, com direito a processos, inquéritos...mentiras, meias-verdades, uma enorme confusão que me deixou de rastros. Tem graça, nunca tinha dito isto em voz alta, falei tanto sobre os meus dramas universitários e é a primeira vez que digo que fiquei mal.»

«Porquê? É penoso assumir que se sente mal?»

«Acho que sim. Cresci sob o lema de que somos mais fortes se não partilharmos fragilidades. A minha mãe nasceu no Senegal, foi para França muito jovem, e teve de lutar contra todos os preconceitos... Sempre achei que para ser como ela nunca poderia mostrar as minhas fraquezas.»

«E isso é bom?»

«Sou mesmo assim, umas vezes forte e agressiva, outras frágil, um alvo fácil de abater. Depois de muita tragédia, e alguma comédia, as coisas na Universidade acabaram por se resolver e ainda fui promovida. Só que, nas férias, a minha mãe propôs-me “mudar de vida”. Quer fazer uma Fundação... e quer que eu a dirija.»

«E...?»

«E, depois da surpresa inicial, pareceu-me fantástico, mas implica sair da Universidade e, quem sabe até, voltar para Paris.»

«Isso é mau?»

«Se me tivesse feito essa pergunta há uns meses, eu teria respondido que era totalmente impossível...»

«Porquê?»

«Porque estava bem, estava casada com a Elena, a considerar ter um filho...»

«E o que é que aconteceu?»

«Tive medo. Procurei uma saída... deixei que as coisas se confundissem, abri portas que deveriam estar fechadas e permiti que outra mulher avançasse.»

«Não acha que está a pôr demasiadas responsabilidades em si mesma?»

«Houve um momento em que tudo o que eu queria era não estar ali. Queria fugir, ser outra pessoa, e a Alícia foi a porta de passagem. Eu não a forcei a nada, mas usei-a. Quando me sinto ameaçada, não hesito em usar as pessoas, mesmo aquelas de quem gosto... isso faz de mim uma pessoa horrível, não faz?»

«Não, faz de si humana...»

«A única forma de romper com a Elena era encontrar outra pessoa, e foi isso que fiz. Houve dias em que achei mesmo que talvez fosse possível ter uma nova vida, mais despreocupada, mais livre, mas a Elena está presente todos os dias, em cada música, em cada sabor... Pode ser bom voltar para Paris...»

«E ela, como é que está?»

«Quem? A Elena? Não a vejo há muito tempo. Tentei falar com ela, fui lá a casa...»

«Como é que correu?»

«Mal, quer dizer, pior que mal. Ela está zangada e magoada, com toda a razão. E, segundo as suas palavras, não me quer voltar a ver a não ser para falar de divórcio.»

«E a Charlotte? Quer divorciar-se?»

Fico em silêncio, um candeeiro de pé ilumina o espaço, deixando uma luz amarelada. «Eu gosto dela, gosto muito. Mais do que queria, mais do que devia... é um gostar que me magoa e que a magoa a ela também. A única escolha sensata é afastarmo-nos.»

«Sensata para quem?»

Volto a não ser capaz de responder. Como para quem? Para todos! Para mim, para ela... Desta vez, a Laura interrompe o meu silêncio: «Charlotte, para quem é que essa decisão é sensata? A Charlotte fica melhor numa vida sem ela? Ela fica melhor numa vida sem si? Vai decidir isso sozinha?»

«A Elena seguiu a vida dela. Está com outra pessoa. Enviei-lhe alguns *emails*, tentei marcar um café, mas nunca me respondeu.» Sinto a minha mão pressionar o braço do sofá com uma força

desproporcionada, como se me segurasse a mim mesma. «Ela tem outra vida e eu não faço parte dela. A única escolha que depende de mim, agora, é aceitar ou não a proposta da minha mãe.»

«Acho que já tomou uma decisão sobre isso.»

«Como assim? Esse foi um dos motivos por que marquei a consulta.»

«Não, acho que não... a Charlotte tem vários dilemas, mas este não me parece ser um deles. Continuamos para a semana?»

Parada no meio da rua, continuo a ouvir aquelas palavras «Continuamos para a semana?». Como pôde terminar assim? E, ainda por cima, diz-me que já tomei uma decisão.

Volto a focar-me no jantar. A mulher solitária recompôs-se, bebeu o seu café e saiu há poucos minutos. A mesa da festa já se retirou e estamos apenas eu e mais três pessoas. Os empregados arrumam a sala, preparando-se, também eles, para o fim de um cansativo dia de trabalho. Não sou muito original na sobremesa, e peço um *Crema Catalana*. Planeio sempre pedir outra coisa, mas nunca cumpro.

Abro os olhos sonolenta e, sem saber bem onde estou, vejo a Torre Eiffel. Cheguei ontem, já muito tarde. A conversa foi breve e os abraços sentidos. É hora de decisões, embora no íntimo me sinta preparada para tudo menos para decidir.

A voz da minha mãe faz-se ouvir vinda da sala:

«Bom dia *chérie*, estás pronta? Vens tomar o pequeno-almoço?»

«Bom dia, mãe. Claire! Estás cá? Ontem não te vi...»

«Olá, Lottie, que saudades!» A Claire dá-me um abraço apertado, deixando-se ficar agarrada a mim. «Cheguei só há bocadinho, estive de urgência.» Talvez isso justifique a sua aparência. Está pálida e com olheiras, com o olhar embaçado, bem diferente das vezes que estivemos juntas no verão.

«E o Simon? E o Charles?»

«O Simon está bem, deve juntar-se a nós daqui a pouco. O Charles...»

«Nem perguntas!», responde a minha mãe.

«Não sei onde é que ele está, terminámos, e não quero voltar a ouvir falar dele!»

Olho à volta, a minha mãe espalha calmamente doce de morango num dos *croissants* e a Anne, que entretanto também se sentou à mesa, deita chá fumegante na sua chávena. Ambas sorriem, ante as palavras da Claire, não mostrando dar grande importância.

A minha mãe olha primeiro para ela e depois para mim:

«A mais velha das histórias, ele envolveu-se com a orientadora de internato. Um clássico de Hollywood, ela era casada com um cirurgião lá do hospital, têm três filhos, um ainda bebé. Apaixonaram-se, ela deixou o marido e o Charles deixou a tua irmã.»

«Olá, mana! Estás mais magra e mais jovem, o que é que andas a fazer?» A voz do Simon enche a sala e, sem me dar tempo para respirar ou responder, abraça-me, quase me fazendo cair da cadeira e engasgar com o pão que tenho na boca.

«É bom ver que há coisas que nunca mudam!»

Finalmente, estamos todos sentados, com um pequeno-almoço sublime. O cheiro da manteiga mistura-se com o do chá, numa combinação muito própria da minha infância. As janelas deixam ver as árvores quase sem folhas. A atmosfera de Paris é completamente diferente da de Barcelona, não sei dizer porquê, acho que é o ar que tem outra cor. A imagem da Elena cruza-me a mente. Os pensamentos não têm fronteiras, nem viajam de avião, vêm connosco, e não há como fugir.

«Que tal Fundação Eloise Hubert?»

Num momento, a sala fica em silêncio. A minha mãe levanta a cabeça e posso ver lágrimas nos seus olhos, enquanto os lábios desenhavam um sorriso. «Charlotte, querida, obrigada! É uma ideia bonita, mas não posso aceitar. A Fundação é de todos.»

«Por isso mesmo! Não é um nome escolhido ao acaso, nem por seres minha mãe. O nome da Fundação deve evocar alguém que personifica a sua missão. Por isso, mãe, não estou a propor o nome da “minha mãe” para a Fundação, estou a propor o nome da mulher, da pianista, Eloise Hubert.»

«Lottie, acertaste na *mouche*. Está decidido!» O Simon e a Anne juntam-se à Claire e começam a bater palmas. Passado o furor do momento, volto a sentir os olhos pousados em mim, continuam à espera da minha resposta.

CAPÍTULO 30

3 de outubro — Consentimento

Elena

A sala de espera é grande, os sofás distribuem-se formando pequenas ilhas que dão uma sensação de privacidade. Ao fundo, um homem e uma mulher folheiam uma revista, tecendo comentários que não consigo ouvir. Mais perto, estão sentadas duas mulheres bastante mais jovens do que eu. Não dizem nada e, pelo semblante, diria que estão nervosas. Qual será a história destas pessoas?

Não consigo deixar de sentir pena de mim própria por estar aqui sentada sozinha. Apesar de me debater com sentimentos contraditórios, gostava que a Charlotte estivesse aqui.

A Mari Cármen insistiu muito em vir comigo, quase para lá do razoável, mas eu não quis. Esta é uma decisão que tenho de levar a cabo sozinha. Preciso de ter consciência plena de cada passo, para poder construir a certeza de que este é o caminho certo, aliás, o único possível.

«Senhora Elena Roig», chama-me uma das enfermeiras.

Sigo-a como um autómato.

Olho para a agulha e depois para o fiozinho de sangue que enche cada um dos tubos. A constatação dos factos torna o momento real. Saio da sala de colheitas e a mesma enfermeira acompanha-me até ao gabinete da ecografia. Deito-me na marquesa, antecipando o desconforto que este exame me provoca. Tento não pensar muito nisso, até porque hoje ainda me espera a observação ginecológica e quem sabe o que mais. São as contingências inerentes ao processo.

De volta à sala de espera, sou invadida por um cansaço profundo. Não sei se é do *stress* acumulado, se é por não ter conseguido dormir

quase nada a noite passada. Tento ver as notícias que passam na televisão quando me voltam a chamar, desta vez para o gabinete de consulta.

«Olá, Elena», cumprimenta-me o Dr. Joep Guinot, o nosso médico de sempre. «Como estás? E a Charlotte?» Enquanto fala, vai olhando para a ficha clínica, como que para se certificar do que vai dizer a seguir: «Estiveram cá há cerca de um ano...»

«Sim, foi há um ano... Achámos que agora poderia ser o momento ideal para fazermos uma nova tentativa», digo, não o encarando.

«Da minha parte, nada a opor, fico contente que não tenham desistido. E a Charlotte? Está tudo bem? Porque é que ela não veio?»

«Ela está fora, mas está ótima. Aliás, vai estar fora algumas semanas. Tem tido uns dias difíceis na Universidade. Mas ela está tão entusiasmada como eu», minto.

«Não é necessário que ela esteja cá para avançarmos, pois não?», pergunto, a medo.

«Não. Quer dizer, se fosse a primeira vez seria, mas assim não é grave ela não estar. Aliás, quando ela fez a doação dos óvulos, assinou logo o consentimento para seres tu a utilizá-los. Só precisamos da assinatura dela para confirmar que está de acordo com esta inseminação.» Ele detém-se e eu sinto-me gelar. «Não te preocupes com isso agora, avançamos, e ela assina quando voltar.» O Josep não dá mais importância ao tema e prossegue: «Presumo que queiram usar os dois embriões que temos congelados, certo?»

«Sim.»

«Ótimo. Vou observar-te e ver a ecografia. As análises só estão prontas amanhã.»

Já na rua, afasto-me em passo rápido, sem sequer notar que, entretanto, o céu escureceu e caem grossas gotas de chuva. Suficientes para deixar tudo molhado. Uns quarteirões adiante, entro num café e sento-me na primeira mesa vazia. O meu coração bate depressa e tenho dificuldade em respirar. O que é que estou a fazer?

Queria ter a Mercedes aqui. Mas como é que a posso envolver nisto? A nossa relação é baseada na liberdade total e eu estou

prestes a entrar numa situação que significa exatamente o oposto. Pego no telefone e ligo-lhe. Quando é que me tornei tão egoísta?

Meia hora depois, está sentada ao meu lado com uma chávena de café na mão.

Explico-lhe o que se está a passar e a sua expressão traduz a incredibilidade que sente: «Porque é que não me disseste nada antes?»

A presença dela deixa-me mais tranquila, é um porto seguro.

«Não fui capaz. Tentei, mas tive medo. Tive medo que me julgasses, que tentasses demover-me. Tive medo de perder aquilo que temos.» Cai-me uma lágrima. «Não te quero perder... mas quero ter um filho.»

«Não sejas dramática. Eu sei que queres, sei que é importante, mas é importante ao ponto de fazeres isto? Tens noção do que se pode passar?» A Mercedes pousa a mão sobre a minha perna, num gesto de carinho. «Não tenhas medo de me perder, nem agora, nem nunca. Devias saber que estou ao teu lado para o que precisares. Mas também tenho de te avisar que vou tentar impedir-te de cometer loucuras. Porque é que não falas com a Charlotte? Ela tem de saber. Foste dizer ao médico que ela concordava... é quase como falsificar a assinatura dela.»

«Não posso! Ela não quer!»

«Pior, estás a dar-me razão. Vais aproveitar-te da situação.»

Deitada no sofá, consigo por fim relaxar um pouco. A Mercedes pediu comida e um cheiro intenso a caril invade a sala. Ela surge com dois copos de vinho, e estende-me um.

«Anda, vamos comer. Aproveita para beber um último copo, enquanto podes», diz com um sorriso.

O jantar está ótimo ou, então, sou eu que tenho tanta fome, que me parece divino. Prevejo que depois de comermos nos aguarda uma conversa difícil.

«Desculpa não te ter contado antes.»

«Não tens de pedir desculpa. Não tens de me contar nada que não queiras.»

«Mas eu quero, eu preciso de ti.»

«Não, tu não precisas de mim, não dessa forma. Precisas de mim

como amiga, como amante, mas não precisas de ninguém para tomares as decisões da tua vida.»

«Não te entendo, o que é que tu queres?»

«Liberdade, Elena.»

«Liberdade... e isso deixa-nos onde? O que é que queres de mim?»

«Tudo! E nada! Quero tudo o que queiras dividir comigo. És uma amante fantástica e uma amiga extraordinária. Não quero nada que te faça sentir presa, culpada. Queres honestidade? Hoje é o dia das conversas sérias?»

«Depois de tudo o que fiz hoje, acho que o mínimo é sermos honestas.»

Mudo de posição no sofá e fico mais próxima dela. Com a mão ajeito o seu cabelo, puxando uma madeixa para trás da orelha. Aproximo-me e deposito-lhe um beijo nos lábios. Ela agarra as minhas mãos entre as suas, acaricia-as, e retoma a conversa:

«Seduziste e deixaste-te seduzir, sabendo precisamente o que estávamos a fazer. Não antecipei que podia ser tão intenso, acho que nem tu, mas isso não muda o facto de seres apaixonada pela Charlotte.»

«Não, isso não é verdade... Eu amo-te!» A minha voz denota desespero. Onde nos leva esta conversa? É uma rotura?

«Não ponho em causa que me ames, eu também te amo. Há muitas formas de amar.»

«E tu?» É uma pergunta retórica, eu sei.

«Eu... eu sou apaixonada por uma lembrança, por uma história que podia ter sido, mas nunca foi.»

Ela inclina-se e toma-me num beijo profundo. A sua língua explora a minha boca com a exaltação dos amantes, temperada pela calma da intimidade partilhada. Sinto na boca o doce sabor a mel dos beijos da Mercedes e deixo-me levar.

«Eu amo-te, e tu és a minha melhor amiga. Sabes mais sobre mim do que qualquer outra pessoa. Sabes mais sobre mim do que eu própria.» As palavras dela saem acompanhadas de um suspiro, pelo seu rosto corre uma lágrima. «No dia em que uma psiquiatra gritou ao mundo que era médica e que cuidaria de um pé torcido, ganhou o meu coração.» A Mercedes ri e deixa as lágrimas misturarem-se

com as gargalhadas, fazendo-me rir também com a recordação daquele momento.

«Tu ganhaste o meu coração quando ficaste em silêncio, nua, deitada na sauna. A poderosa Mercedes Ferrà.»

A memória desse dia toma conta de mim, fazendo reacender o mesmo desejo. Ela parece compreender e toma-me nos braços, beija-me a boca, o pescoço, lambe-me a orelha e brinca com o meu brinco. Somos tomadas pela urgência, pela ânsia do prazer. A conversa inacabada permanecerá inacabada, pelo menos esta noite.

CAPÍTULO 31

8 de outubro — Convites

Charlotte

«Ainda bem que vieram! É bom tê-los aos dois aqui em casa, são e salvos. Que história!»

Nas eleições do dia 3, a grande vencedora foi Louise Laurent, com uma expressiva vitória na primeira volta. O Jean-Luc telefonou-me, desiludido, mas ao mesmo tempo aliviado, com o sentimento de missão cumprida.

«A nós! Que todos os sonhos que terminam deem lugar a novos projetos e que nada, nem ninguém, nos impeça de sonhar.» Brindamos e bebemos.

«Ainda bem que já acabou», digo em tom de desabafo. «Desculpa, mas estou contente por te ter de volta... foi demasiado intenso.»

«Eu que o diga!», responde o Pierre, com um sorriso amarelo.

«Estavas à espera? Nunca se percebe bem nos vossos discursos se foi uma surpresa ou pelo contrário.»

«Já sabíamos que não tínhamos hipótese, a Louise é uma candidata, bom agora já não é candidata é presidente, fortíssima. Se eu não fosse candidato, tinha votado nela.» O Jean-Luc interrompe o que está a dizer e coloca uma garfada de carne na boca. «Está maravilhoso! Estou cheio de fome! Ontem o jantar também estava delicioso», quando profere estas últimas palavras, cala-se subitamente, comprometido, levanta a cabeça e olha para mim.

«Jantámos com a Elena», diz o Pierre, vindo em seu socorro.

«Não precisas de ter medo, como é que ela está?», pergunto, fazendo de conta que o tema não me incomoda.

«Ótima! Linda! Estivemos lá em casa... foi tão estranho, parecia

que ias entrar pela porta a qualquer momento. Está tudo tão igual.»

«Não vou lá há muito tempo. Não temos falado. Ela tem uma nova companheira, parecem estar muito bem.»

O Jean-Luc sorri, volta a olhar para mim, abana a cabeça e encolhe os ombros em jeito de resignação: «Se queres saber novidades, pergunta. Nenhum de nós vai tomar partidos nesta história, mas, que eu saiba, a Elena não está com ninguém, pelo menos ninguém a quem eu chamasse de “companheira”. Ontem jantámos só os três. É verdade que nos falou bastante sobre a Mercedes.»

«Pois, imagino que sim... Passaram as férias juntas, não foi? Pelo menos, foi o que ouvi dizer. Fico contente que esteja bem.» As frases saem um tanto entrecortadas. A Mari Cármen falou-me dela e eu fui ver tudo o que consegui na Internet. Aproveito e levanto-me para ir até à cozinha, com o pretexto de ir buscar outra garrafa de vinho. Quando volto, eles continuam a trocar impressões sobre a dita Mercedes.

O Pierre olha para o Jean-Luc com o garfo suspenso na mão: «A Elena estava fabulosa, tinha um brilho especial, qualquer coisa...»

«Não sei, tu é que a conheces melhor, eu achei que ela estava com um ar feliz. Não sei se era por causa da Mercedes ou outra coisa qualquer, mas estava bem.»

«E tu, Charlotte, como é que estás? As coisas na Universidade, tudo definitivamente arrumado?», pergunta o Pierre.

«Estou bem! Deixou marcas, mas teve um lado bom, fez-me pôr a vida em perspetiva. Sabes, tenho pensado muito sobre o que é que eu quero, afinal», suspiro e levo o copo à boca.

«Continuas apaixonada por ela?», intervém o Jean-Luc, mais como uma constatação do que como uma pergunta.

«É difícil responder.»

«Desculpa», diz, um tanto atrapalhado.

«Não, não peças desculpa. Eu gostava de responder, mas não sei, não sei qual é a resposta certa... Queremos coisas tão diferentes da vida. Ela vê o mundo cor-de-rosa, acredita que o amanhã será sempre melhor...»

«... E tu aprendeste que o amanhã pode ser devastador», completa o Jean-Luc. Não são precisas palavras para saber que,

também ele, pensa no Leo.

«Mas... voltei a fazer terapia! Nota-se, não nota?! Vamos falar de coisas mais alegres.»

O Jean-Luc não está pronto para me deixar mudar de assunto: «Acho que ela sente a tua falta. Não mudou nada lá em casa. Isso é um sinal. Quando ele foi para Nova Iorque, achei que ia morrer, e vê, agora estamos aqui.»

«Falando em Nova Iorque, Pierre, quais são teus os planos?», pelo menos agora vou conseguir mudar de tema.

Antes que ele consiga falar, o Jean-Luc dá a resposta: «Acho que vamos passar algum tempo na cidade que *nunca dorme...*», afirma e, com um sorriso de orelha a orelha, olha para o Pierre que se mostra surpreso.

«Há alguma coisa que eu não saiba?»

«Não foste convidado para fazer os cursos de verão?»

«Fui, mas não te preocupes...»

«Não estou preocupado, só pensei que agora que perdi as eleições, talvez me fizesse bem mudar de ares.»

O Pierre pousa os talheres e inclina-se para dar um beijo ao Jean-Luc.

«Se soubesse que esta decisão dava direito a beijos destes, já a tinha tomado antes», comenta a rir.

É a minha deixa, vou arriscar, penso:

«Meninos, tenho uma proposta, quase indecente, para vos fazer...», profiro também eu a rir.

«Como assim, indecente?», diz o Pierre. «Vais seduzir o meu marido?»

«Vou tentar!»

«Estás a deixar-me curioso, o que estás a magiciar?», pergunta o Jean-Luc.

«Aceitei o convite da minha mãe. Há duas semanas estive em Paris e apresentei-lhe um plano. Propus que a Fundação se dedicasse a fomentar projetos liderados por mulheres.»

«Parabéns, Charlotte! Parabéns!», felicita-me o Pierre.

«Quero que muitas meninas joguem futebol, para que este possa ser reconhecido e apreciado. Porque isso só vai acontecer quando todos nos sentarmos para ver as equipas femininas com o mesmo

entusiasmo com que vemos a equipa masculina do Barça. Quero ver mulheres, mulheres negras, mulheres lésbicas, dos quatro cantos do mundo, na presidência das grandes empresas e das novas *start-up*, a escrever, a pintar... Só chegaremos lá quando tivermos paridade nos Prémios Nobel.» Finalmente, paro de falar e olho para eles. Estão ambos atónitos, fixos no meu longo discurso.

O Jean-Luc vem junto a mim, debruça-se sobre o sofá e dá-me um abraço: «É simplesmente genial!»

O Pierre aplaude e sorri: «Concordo inteiramente, Charlotte, é o desafio de uma vida e o sonho de muitas mais. Tenho a certeza de que és a pessoa certa no lugar certo.»

«Ainda bem que gostaram da ideia, porque queria convidar-vos, a ambos, para entrarem comigo nesta aventura... e, Pierre, antes de dizeres alguma coisa, claro que é conciliável com o projeto que tens em Nova Iorque. Até podem trabalhar uma parte do ano em França e outra nos Estados Unidos.»

«Eu não tenho dúvidas que aceito...» O Pierre recupera a compostura e fala num tom até solene: «Obrigado! Obrigado, mesmo!»

O Jean-Luc, depois de andar de um lado para o outro, acabou por se sentar no tapete de pernas cruzadas, encostado à parede: «E tu, não dizes nada?»

«Não consigo», murmura.

«Pensa! Não tens de decidir nada hoje. Já decidi que fico até ao fim do semestre para não perturbar as aulas, mas depois quero sair. Acho que vou voltar para Paris, não há razão para continuar a viver aqui», digo, sabendo exatamente o que isso significa.

CAPÍTULO 32

10 de outubro — «Felizes para sempre»

Elena

Hoje é o dia D. Deixo-me ficar deitada na marquesa muito quieta, como se mexer-me pudesse alterar o curso dos acontecimentos. Olho fixamente o teto e tento controlar o pensamento, focar-me em coisas boas e não deixar que a ansiedade tome conta de mim. Quando ontem recebi o telefonema, o meu coração quase parou. Já eram oito da noite quando o telefone vibrou. As notícias não podiam ser melhores. Os embriões estavam em perfeito estado e as análises tinham mostrado que o momento era agora, por isso, a proposta era simples e direta: «Fazemos a inseminação amanhã pelas 11 horas.»

A Charlotte não desconfia de nada. Não é que isso me deixe tranquila, a agonia inicial deu lugar a um sentimento de traição. Tenho de ser capaz de viver com isso. É demasiado importante, demasiado vital, para deixar de o fazer.

A Mercedes tem estado comigo quase todos os dias. Tem sido a amiga e a confidente, fazendo-me encarar os meus medos, as minhas dúvidas. Não se podia pedir maior entrega, teria dado uma ótima psiquiatra.

Há dois dias, depois de jantarmos em casa dela, bebíamos café sentadas na sala, seguindo sem atenção o noticiário que passava na televisão, quando tomei coragem para uma pergunta que me tem ocorrido vezes sem conta: «Não tens vontade de procurar a Rosa?»

«Porquê isso agora?»

«Porque não? Não tens nada a perder. Talvez esteja na hora de assumir quem és, já puseste essa hipótese?»

«Um milhão de vezes... Simulei conversas com a minha mãe, com a minha irmã, até com alguns colegas de trabalho.»

«Ouve, Mercedes, a tua mãe já não está entre nós, não lhe debes nada. Já não tens de lidar com a sua aprovação ou com a sua rejeição, deixou de ser assunto. A tua irmã, os teus colegas, claro que vão aceitar, até porque, para eles, isto não tem, nem de perto, o peso que tem para ti. Como todas as novidades, merecerá um momento de surpresa, uma ou duas conversas e mais nada, a vida segue.»

«Estás assim tão segura?»

Aproximei-me, tomei as suas mãos nas minhas e acariciei-as: «Pensa, és sempre tão pragmática e, quando se fala de ti, da tua intimidade, ficas toldada, deixas-te levar pela irracionalidade. Tenta ser prática, tu seres lésbica muda o quê, por exemplo, na vida da tua irmã?»

«Muda tudo! Muda a forma como ela me vê... não sei, muda...»

«Vês, não sabes! Não sabes, porque não muda nada. E no trabalho, o que é que pode acontecer? Nada!»

Ela depositou-me um beijo nos lábios e murmurou-me ao ouvido: «És fantástica, sabes?»

«Estou só a tentar ser a voz da tua consciência. Achas mesmo que um mundo que sobreviveu a uma pandemia, não vai sobreviver à notícia de que Mercedes Ferrà é lésbica?», disse, com sarcasmo, soltando uma gargalhada.

«Não sabes como conhecer-te mudou a minha vida.»

Fiquei emocionada com as suas palavras e, evitando as lágrimas, enchi-a de beijos, afundando a cara no seu cabelo e deixando que o seu perfume tomasse conta dos meus sentidos.

No dia seguinte, voltámos a jantar, desta vez em minha casa. Ela apareceu, esfuziante. Abraçou-me e arrastou-me numa espécie de dança pela cozinha, fazendo-me rodopiar.

«Passei a tarde com a minha irmã.»

«A sério? Como é que correu? Como é que ela está?»

«Ótima! Está grávida... Supercontente! Tomei coragem e contei-lhe. Ainda bem que não viste, eu parecia parva, parecia uma adolescente, as palavras saíam-me cortadas, gaguejava, enfim, ainda bem que não há registos, foi confrangedor.»

«E o que é que ela disse?»

«Quando percebeu do que se tratava, riu à gargalhada e disse-me que já sabia há anos. Como eu nunca tinha falado no assunto, tinha optado por também não falar. Depois de tanta coisa, o assunto não durou nem dez minutos, durante o resto da tarde só se falou de nomes de bebés, maternidades. De repente, este tema invadiu a minha vida!»

O Dr. Guinot entra na sala: «Preparada Elena? Está tudo pronto, podemos começar?»

O meu coração bate descompassadamente, sinto as mãos a suar e vejo tudo a andar à roda... «Elena, Elena! Está tudo bem?», ele segura-me na mão e coloca os dedos em torno do meu pulso.

«Estou tonta, acho que vou desmaiar», respondo, sentindo dificuldade em manter os olhos abertos.

«Está tudo bem, é só a ansiedade do momento. Respira fundo! Relaxa. É normal que estejas nervosa, esperamos o tempo que for necessário», o Dr. Guinot puxa o pequeno banco com rodas para o pé da marquesa e fica sentado ao meu lado. «É pena a Charlotte estar fora, tenho a certeza de que se ela estivesse aqui tu estavas mais tranquila.»

Não respondo, porque não há nada que possa dizer que faça sentido. Uns minutos depois, digo-lhe que podemos prosseguir. É tempo de seguir em frente. Ele chama o enfermeiro que o assiste e a bióloga responsável pelos embriões. Aqui vamos nós. A posição é do mais incómodo — pernas abertas, suspensas no ar, a antecipação do desconforto... Sinto o frio do gel da sonda da ecografia na minha barriga, fecho os olhos e cerro os punhos, tentando controlar o medo.

«Respira fundo, por favor», pede, enquanto insere o pequeno espéculo de plástico. É uma manobra simples, mas que sempre me causa dor. Procuro ficar quieta. Ouço-o pedir à bióloga o cateter que contém os embriões, embora não sinta quando o introduz. Poucos segundos depois, retira o espéculo.

«Já está! Agora é só esperar. Vais ficar aqui durante meia hora, procura relaxar. Depois, podes fazer a tua vida normal. Evita esforços e não tenhas relações sexuais nos próximos dias. Vamos

esperar que pelo menos um desses se desenvolva. Tudo o que precisares, já sabes, é só ligar. Vou marcar consulta e análises para dentro de duas semanas.»

Saio da clínica com a estranha sensação de a minha vida ter mudado, é mesmo irreal. A Mercedes espera-me no carro. Seguimos para minha casa, ela vai lá ficar a dormir estes dias.

«Passaram doze dias, sentes alguma coisa?», estamos a jantar num pequeno restaurante italiano na Barceloneta, quando a Mercedes me faz esta pergunta.

«Na realidade, sim, sinto falta de um bom vinho e de... de uma boa noite de sexo.»

«Vá lá, não estou a brincar. Eu não percebo nada disto, por isso diz lá, sentes alguma coisa? É suposto sentir alguma coisa?»

«Não sinto nada, mas também não é suposto sentir nada.»

Enquanto conversamos, vamos comendo as pizzas que encomendámos. Ela bebe um copo de vinho tinto e eu contento-me com um chá gelado. A convivência destes dias aproximou-nos como nunca pensei que pudesse acontecer. Na impossibilidade de terminar cada noite num orgasmo, explorámos outros caminhos. É uma amizade, improvável, entre duas mulheres adultas que se conheceram e se aproximaram de forma fortuita. A Mercedes entrou na minha vida e foi-se instalando, tomou-me pelo mais íntimo e foi descobrindo as várias camadas, a exposição total, a nudez do corpo facilita a nudez da alma.

A voz dela traz-me de volta ao presente, no restaurante, agora com mais gente, reina o barulho das conversas embalado por uma antiga música italiana. «Não vais falar com ela?»

«Com quem? Não... Eu contei-te que há umas semanas ela me enviou um *email* a perguntar se eu queria tomar um café. Era um texto longo, muito ao seu estilo. Bem escrito, eloquente, mas que, na realidade, não dizia nada além de que se queria encontrar comigo. Não explicava porquê, nem pedia desculpa pelo que se passou. Ignorei. Anteontem, enviou-me outro *email*. Diz que precisamos de falar...»

«Em algum momento, vais ter de a enfrentar.»

«Talvez, mas não agora.»

«Não te entendo! Qual é o plano? Se não ficares grávida, a Charlotte provavelmente nunca vai descobrir o que se passou, mas, e se ficares? Vais esconder-te? Como? Quanto tempo?»

Não tenho resposta para nenhuma das perguntas. O plano é deixar o tempo passar e ir agindo em função dos acontecimentos. Sei que é um plano perigoso, mas é o único que tenho neste momento.

Mudo de assunto para não ter de me debater mais: «Tens pensado na Charlotte e eu tenho pensado na Rosa, não tens vontade de saber notícias dela?», pergunto, com alguma ironia.

«Há dias em que me apetece muito saber, até falar com ela. Outros, em que penso que nunca mais quero ouvir o seu nome.»

«Percebo, mas qual é o sentimento mais forte? Há sempre um que ganha.»

«O que é que tu achas?», pergunta-me, franzindo a testa.

«Acho que ela seguiu a sua vida e está num ponto já tão distante que vais perceber que não há nada em comum, mas isso é importante para tu poderes seguir em frente», respondo, enquanto lhe acaricio o braço com uma festa.

«Achas? Tu tentavas encontrá-la?»

«Acho que sim.»

«E onde é que isso nos deixa?», quando faz esta pergunta, a Mercedes olha para mim daquele modo que só ela consegue.

«No exato mesmo sítio.»

«Que queres dizer com isso?»

«Eu adoro-te, mas tu e eu sabemos que esta não é uma relação de “viveram felizes para sempre”. Sinto por ti o que nunca senti por ninguém, mas...»

«... Mas amas a Charlotte.» Mais uma vez, as palavras saem da boca dela com uma tranquilidade inesperada. É o reconhecimento de uma verdade absoluta que não há como contestar.

«Acho que sim... é difícil saber o que significa “amar”. Tenho a certeza de que também não nos imaginas a viver juntas.» Por momentos, sou assaltada por uma sensação de pânico, e se não fiz a leitura certa dos sentimentos dela? Felizmente, ela responde quase

de imediato.

«Eu não sou pessoa de dividir apartamento. Gosto demasiado da minha liberdade, dos meus momentos de solidão. E, no entanto, tu invadiste sítios onde nunca ninguém tinha sequer chegado perto.» Desvia o olhar e fixa o tampo da mesa coberto por uma toalha de quadrados vermelhos e brancos.

Seguro-lhe na mão: «Não te preocupes, aconteça o que acontecer, vamos sempre encontrar forma de preservar aquilo que temos. De uma coisa podes ter a certeza, é tão importante para mim como para ti.»

Passaram dezasseis dias desde a inseminação. Não sinto rigorosamente nada. Nem mal-estar, nem qualquer outra coisa, para lá de uma sensação de que o estômago me vai sair pela boca, se o coração não sair primeiro. Estou sentada exatamente na mesma cadeira de couro preto, onde esperei há duas semanas. De manhã estive cá, com a Mercedes, para fazer uma colheita de sangue. Não há como escapar, ou estou grávida ou não estou. Ela ofereceu-se para vir comigo agora, mas desta vez sinto que tenho de estar sozinha.

«Elena Roig», o meu nome faz-se ouvir. Levanto-me lentamente, como se não quisesse que o momento chegasse. Sem pressa, entro no gabinete do Dr. Guinot, que me recebe à porta.

«Como estás, Elena? Com toda a confusão que tem sido o dia de hoje, ainda não abri o teu processo para ver os resultados. Imagino que estejas ansiosa.» Enquanto ele fala, fico cada vez mais nervosa. Finalmente, o ecrã ilumina-se e surgem os resultados.

CAPÍTULO 33

30 de outubro — Os anos de Mari Cármén

Charlotte

A Mari Cármén convidou-me para a sua festa de aniversário e não tive como recusar. Nos últimos tempos aproximámo-nos, admito que é uma pessoa muito mais interessante do que a imagem que tinha dela.

A sala está cheia. Não conheço a maioria das pessoas que, pelas conversas, deduzo que sejam médicos. Entre eles está a Pilar, que ri alto, num grupo que fala animadamente junto à porta da varanda. Parece estar acompanhada por uma rapariga que não conheço. É uma mulher mais jovem, muito loura, parece estrangeira. Que bom seria se ela se interessasse a sério por alguém... quem sabe eu deixaria de sentir o que sinto sempre que a vejo. Ciúmes! Irrita-me admitir, mas são ciúmes... Nunca deixei de pensar em todos os anos que passou ao lado da Elena e nunca fui capaz de não me comparar... Se bem que agora nada disso interesse, a Elena não está aqui.

Afasto-me e vou até à cozinha com o pretexto de ir buscar água. Estão todos na sala, o que me dá a possibilidade de ficar sozinha durante uns minutos. A semana passada estive em Paris. É oficial, a Fundação Eloise Hubert já existe e eu sou a mais nova diretora executiva.

A minha mãe organizou uma pequena festa para comemorar, levando-nos a recordar outros tempos, outras festas no apartamento de Paris.

No final da noite, a Anne e a minha mãe reuniram-nos na sala e, depois de muitos preliminares que nos foram deixando progressivamente mais curiosos, mostraram-nos as fotografias da nova sede da Fundação.

No dia seguinte, finalmente a sós comigo, a minha mãe deu voltas e mais voltas à conversa, acabando por me questionar diretamente sobre a minha ida para Paris. «Vais voltar, *chérie*? Sabes o quanto gostava de te ter aqui, mas não quero que penses que é uma obrigação. Eu sei que podes fazer o teu trabalho em Barcelona ou em qualquer sítio... Quando partiste, fui a primeira a apoiar-te, era bom mudares de ares e ficares longe de tudo, longe desta casa, mesmo que isso significasse que também ficavas longe de mim, mas agora... agora, não vejo razão para não voltares.»

«Estou convencida», respondi, sem deixar transparecer essa convicção na voz. Acima de qualquer outra coisa, para mim, voltar para Paris, significa assumir que desisto da relação com a Elena.

«Não pareces muito convencida. É por causa da Elena?»

«Eu amo a Elena! Mas eu não quero, eu não posso ter um filho... Tu não sabes, não viste, mas nos últimos anos as coisas ficaram tão complicadas! Não sei como é que ela não me deixou. Não consigo evitar, é mais forte do que eu.»

«Então, deixaste-a antes que ela te deixasse a ti. Charlotte, faz o que tem de ser feito! Ganha coragem e fala com ela. Sê direta, não deixes a Elena fora da tua vida só porque não tens coragem para lhe perguntar o que é que ela quer. Tens obrigação de lhe dar a opção de escolha... Não é só por ela, é também por ti.»

«Vou pensar nisso», sussurrei, sem nenhuma firmeza. «Quanto a Paris, a minha decisão está tomada, vou voltar. Vou procurar um apartamento aqui por perto. Achas que me podes ajudar?», perguntei, desta vez com determinação.

Mudando o semblante, a minha mãe começou a rir-se e chamou a Anne, pedindo-lhe qualquer coisa que não consegui perceber. Quando a Anne entrou, vinha com a Claire e uma série de papéis na mão. «Como te conhecemos bem, achámos que podia ser esta a tua decisão e fizemos algumas pesquisas.» A minha mãe continuou a rir, num coro de gargalhadas, acompanhada pela Claire e pela Anne.

Os papéis mais não eram do que fotografias e informações sobre

diversos apartamentos à venda no bairro. À primeira vista, todos me pareceram excelentes. «Acho que encontrei!», disse a certa altura, pegando na fotografia de um apartamento no último andar de um prédio clássico, com uma pequena piscina no terraço.

«Olá!» O meu corpo arrepiava-se, aguardo um momento antes de me virar. A Elena está parada na ombreira da porta a olhar para mim.

«Há quanto tempo estás aí?», pergunto, quando finalmente consigo falar.

«Há uns minutos. Estavas absorta em pensamentos, mas deviam ser bons, estavas a sorrir.»

Abandono a janela e aproximo-me dela. Cada vez que olho é como se a visse pela primeira vez. Tem umas calças largas cinzentas-escuras e uma blusa de seda azul-esverdeada, que combina na perfeição com os seus olhos. O decote aberto deixa expostos os ombros. Como é seu hábito, não tem qualquer adereço à exceção do relógio e de uns brincos de ouro, que não reconheço. Fico parada a pouca distância, como se um muro invisível me impedisse de chegar mais perto. «Não esperava ver-te aqui hoje, a Mari Cármen comentou que estavas fora.»

«É verdade, tive uma reunião de trabalho em Munique, mas terminou à hora do almoço, e aqui estou eu.»

Uma reunião de trabalho, penso, que estranho. O que terá ido fazer a Munique? Apesar da curiosidade, opto por não perguntar. «Como estás? A julgar pelo aspeto, maravilhosa!»

«Obrigada! Estou bem... algumas coisas novas... a verdade, é que estou muito bem.» Ela sorri, e volto a ver as covinhas de sempre.

Dá um passo na minha direção, fazendo com que a distância entre nós se dissipe e o seu perfume me invada. Aproxima-se, dá-me dois beijos na face e envolve-me num abraço.

«Não é por não estarmos juntas que vamos deixar de nos cumprimentar, certo?», diz, com a boca quase colada ao meu ouvido.

«Não, claro que não.»

«Vamos até à sala? Por muito que goste de conversar na cozinha, estou cansada e fazia-me bem sentar.» Dizendo isto, desvio-me para dar passagem à Charlotte e sigo-a. Sentamo-nos num canto onde, por acaso, os sofás estão todos vazios. «Conta-me sobre ti, sei que há muitas novidades, fui sabendo pela Mari Cármen e pela Claire, mas gostava muito de as ouvir da tua boca.»

Ela encosta-se no sofá e parece tensa. «Nem imaginas o que têm sido estes últimos meses, só acredito porque foi comigo, se alguém me contasse, pensava que era exagero.»

O António vem ter connosco, interrompendo a conversa. «Querem beber alguma coisa? Vou buscar para mim, se quiserem posso trazer para vocês.» A Charlotte aceita, pedindo-lhe um *gin* tónico, eu recuso, com um abanar de cabeça.

Já com o copo na mão, e depois de ele se ter afastado, ela continua: «Primeiro foi o processo na Universidade...»

A Charlotte prossegue e conta-me em detalhe o que aconteceu, as cartas de recomendação, a acusação de assédio e tudo o que se seguiu. Vou ouvindo atentamente, sem interromper. Que história mirabolante. «E a Alícia?»

A pergunta é feita de forma inocente, mas está longe de o ser. A Charlotte fica em silêncio por um instante e, em vez de responder, pergunta: «Não queres mesmo beber nada? Vou buscar mais um *gin*...» Recuso. Talvez ela precise de tempo para pensar.

Volta ao seu lugar e recomeça onde parámos, suspirando profundamente antes de falar: «Bem, a Alícia deixou a Universidade, mas antes teve a dignidade de esclarecer a situação. Se não fosse a carta dela, o processo podia ter acabado de outra forma. Acho que, na verdade, ela foi mais uma vítima. Já pensei e repensei, debati a situação com a Dra. Laura, mas não cheguei a nenhuma conclusão.»

«Dra. Laura, quem é a Dra. Laura?»

«Laura Estevez.»

«Voltaste a fazer terapia? Não sabia!»

«Foi há pouco tempo. Estava tão confusa, que achei que era a única solução sensata.»

«É uma ótima notícia, vai fazer-te bem!»

«Eu tenho gostado... ajuda-me a ver as coisas por outro prisma, tem sido bom. Não percebo a atitude da Alícia, até compreendo que estivesse zangada, e até tinha razão, mas daí a envolver-se nisto tudo, isso não entendo.»

«E sabes o que é que lhe aconteceu?»

«Escreveu-me um longo *email*... Tentou explicar o porquê do que tinha feito, não me cobrava nada, mas também não pedia desculpa. Está nos Estados Unidos a trabalhar com a professora da ONU que a tinha contactado.» A Charlotte não comenta mais nada sobre como a situação se resolveu de facto, mas, pelo que eu soube pela Mari Cármen, a Alícia continua furiosa com ela.

Ganho coragem e avanço no escuro: «Então e agora, que tal de amores?»

«Isso lá é pergunta que se faça?»

Coloco a questão num tom leve e ela responde-me no mesmo tom, não escondendo a sua surpresa.

«Se quiseses falamos de outra coisa. Mas, Charlotte, vá lá! Conheço-te há tempo suficiente para saber que não és mulher para ficar sozinha... Nos últimos meses, aprendi bastante sobre escolhas...» Por instantes, penso na Mercedes, como seria se ela conhecesse a Charlotte? Será que se dariam bem? Têm tantas coisas em comum e noutras não podiam ser mais diferentes.

«Nada de novos amores, não estou preparada para isso e a idade também pesa. Mas tenho grandes novidades! Se calhar, já sabes! A minha mãe ou, melhor, nós, fizemos uma Fundação, estás à frente da diretora executiva da Fundação Eloise Hubert.»

«É fantástico!», embora já soubesse da novidade, ouvi-la da boca dela tem outro sabor.

A Charlotte vai contando em pormenor o que está a pensar fazer. Está encantada por o Jean-Luc e o Pierre irem trabalhar no projeto. Ouço atentamente, tomando atenção a cada detalhe. Esqueço-me de que estamos separadas e sinto a cumplicidade de tantas outras conversas ao longo dos anos.

Somos interrompidas pelo som dos parabéns. Quando voltamos, depois de terem cortado o bolo, os grupos redistribuem-se e fico rodeada pela Mari Cármen, pela Pilar, pela sua acompanhante, Paloma, e pela Charlotte. A conversa segue, a Paloma também é

psiquiatra e começou a trabalhar no hospital no início deste mês. Estudou e viveu em Paris até há dois anos, embora seja catalã de gema.

Quando olho para o relógio já são quase três da manhã. Já só estamos nós e um grupo que conversa com a Mari Cármen e o marido. A Pilar e a Paloma, já de casacos vestidos, estão prontas para se despedir.

Saímos para a escada e ouço a Charlotte: «Paloma, foi um imenso prazer conhecer-te, espero que possamos continuar a conversa num outro momento.» Cruzo o olhar com a Pilar, o que poderá querer dizer esta despedida?

A Pilar e a Paloma afastam-se.

«Onde tens o carro?», pergunto, sozinha na rua com a Charlotte.

«Não tenho... vim de metro. Não te preocupes, eu chamo um Uber.»

«O meu carro está mesmo aqui, eu levo-te a casa», digo, fazendo um gesto e encaminhando-me para a porta.

Ela entra no carro e, mesmo no escuro, vejo que se recosta e fecha os olhos. Quando ligo o motor, ouve-se bem alto a voz da Elis Regina. De imediato, apago o som.

«Não, por favor, não desligues!»,

Volto a ligar a música, baixando o volume.

«Estou a ir para o Passeig de Gràcia, é isso, não é?», questiono.

«Claro, porque perguntas? Queres ir a outro sítio?», a pergunta parece ser meio a sério, meio a brincar.

«Não. Estava só a assegurar-me de que não tinhas mudado de casa.»

«Há bocado falámos muito, mas só falámos de mim... e tu? Ouvi dizer que tens... como é que dizias... “novos amores”?», diz, mostrando que quer desviar o assunto.

«Falas de quê? Da Mercedes?»

«Acho que sim, diz-me tu.»

De repente, relembro as discussões, os gritos e as lágrimas de outros tempos. «Tens a certeza de que queres falar sobre isso agora? A noite correu tão bem, conseguimos conversar, já não acontecia há séculos... Não quero mentir, mas não sei se estamos preparadas para falar sobre a Mercedes.»

«Podes falar à vontade, não te preocupes, não vou fazer nenhuma cena.» A Charlotte antecipa as minhas preocupações, mas prossegue: «É um bom teste para vermos se a terapia está mesmo a funcionar», diz, com uma gargalhada. «Avança, podes contar-me tudo o que quiseres, afinal, no mínimo, somos amigas, certo?»

«Não sei, Charlotte, não sei se as pessoas mudam assim tão de repente.»

A conversa segue sem de facto avançar e, entretanto, chegamos à porta do prédio. Uma das vantagens de circular a esta hora é que quase não há trânsito. Contra todas as expetativas, encontro um lugar para estacionar. A música continua a tocar, mesmo depois de ter desligado o motor.

«Ok, queres falar como amiga, sim, é verdade que tenho estado com a Mercedes. Quer dizer “tenho estado” não é propriamente uma boa expressão. Construímos uma amizade, uma intimidade, difícil de imaginar, mas...»

Calo-me, e olho para a Charlotte, à espera de sinais de reação às minhas palavras. Curiosamente, não a sinto ansiosa.

«Não te posso dizer que me seja indiferente, mas aceito o facto como inevitável. Afinal, eu também não estive sozinha», sorri. «Podes continuar, já te disse que gostava de ouvir. Quero mesmo poder voltar a falar contigo. Falar de verdade! Fazes-me falta!»

O que será que quer dizer com «fazes-me falta»? «A Mercedes é diferente de todas as relações que tive antes, e aquilo que sinto por ela também.»

«Estás apaixonada?», a voz da Charlotte denota algum temor.

«Não.» Ela aceita a minha resposta sem contestar. Dá-me um beijo na bochecha e, já com a mão na porta, diz: «Há pouco acho que não cheguei a comentar, mas no início do ano mudo-me para Paris.»

CAPÍTULO 34

13 de novembro — «Esfera»

Charlotte

Quem fez o contacto com a Francesca foi a minha mãe. Não sei como, mas conheciam-se de Itália. O facto é que a Francesca parece ter interesse em apoiar a Fundação e parece ser uma pessoa com influência. Não a conheço, mas a expectativa não podia ser maior. Combinámos almoçar num restaurante perto de Montjuïc.

Cheguei adiantada. Enquanto espero, olho distraidamente para as janelas que dão para um pequeno jardim de inverno, estilo japonês. A simplicidade aparente deste espaço iluminado contrasta com a semiobscuridade da sala onde impera a madeira e o veludo escuro.

Entra na sala uma mulher e não consigo desviar o olhar, tem um magnetismo impossível de ignorar. Não tenho dúvidas de que se trata da Francesca. Sem hesitar, dirige-se a mim como se me conhecesse e cumprimenta-me, sentando-se na cadeira ao meu lado.

Escolhemos ambas *risotto* de trufas e vamos falando de trivialidades até os pratos serem servidos. Enquanto comemos, é ela que aborda o tema: «Conta-me, o que é que vão fazer? Independentemente de como possa colaborar, queria perceber o projeto.»

Explico-lhe tudo, e ela ouve-me sem interromper.

«É ambicioso. A verdadeira igualdade passa por dar a todas as crianças a possibilidade de experimentar, não é só uma questão de acesso, é uma questão de opções.», começa, proferindo várias considerações sobre o assunto.

Fico impressionada, não só porque estou totalmente de acordo, mas sobretudo pelo facto de ela ter ideias tão estruturadas. As

propostas sucedem-se a uma velocidade perturbadora.

«Espetacular!» Não sei o que mais dizer. Claramente, está habituada a dominar as conversas. Percebo a insistência da minha mãe para que nos conhecêssemos.

Depois de um momento de reflexão, sinto necessidade de me justificar: «Há uma coisa que ainda não partilhei contigo, gostava que a Fundação tivesse um papel ativo no que toca à identidade de género e à orientação sexual.»

«Não precisas de te justificar. Estava a ouvir-te e lembrei-me de que está na cidade uma amiga minha que gostava que conhecesses. Achas que podias vir jantar connosco, hoje?»

Passo a tarde a pensar em quem será a amiga, e rapidamente já são horas de me vestir para jantar.

Quando chego, a Francesca cumprimenta-me e apresenta-me uma mulher que não conheço. «Esta é a Úrsula, a amiga de quem te falei.»

Jantamos ali mesmo no hotel. A refeição é deliciosa e a conversa desenrola-se como se nos conhecêssemos há anos. Não há constrangimentos, ou momentos mortos, cada uma de nós vai falando, ouvindo e rindo. Percebo que a Francesca já a pôs a par da Fundação. A Úrsula explica-me que trabalha na área financeira e que teria muito interesse em colaborar. Sugere bolsas de estudo e estágios. A noite não podia estar a correr melhor.

Já no final, a Úrsula dirige-me um sorriso enigmático e fala num tom solene: «Queria falar-te sobre a “*Esfera*”...», prossegue na sua explicação, e eu, atónita, bebo cada uma das suas palavras.

«A sério?!», é tudo o que consigo pronunciar.

«Devíamos falar com a Emma e com a Mercedes, não achas? Até porque, tanto quanto sei, estão ambas aqui em Barcelona.»

«Claro,» diz a Francesca, parecendo refletir. «A Emma faz anos e vai organizar a festa aqui.»

Não consigo dormir, por mais voltas que dê na cama não deixo de pensar no jantar desta noite. É demasiada informação para processar. E a minha mãe? O que é que ela sabe sobre tudo isto? Afinal, de onde é que ela conhece a Francesca? Quando lhe

perguntei, deu-me uma resposta vaga.

Abro a porta do táxi em frente ao hotel e, assim que atravesso o átrio, vejo a Úrsula, sozinha, junto ao balcão do bar, segurando um copo de champanhe. Está à minha espera.

«Como estás?», cumprimenta-me. «Queres um, antes de subirmos?»

Não ficamos mais do que quinze minutos, mas é o suficiente para descontrair e rir às gargalhadas. Descubro-lhe um sentido de humor que não antecipava.

Dentro da sala a música faz-se ouvir. A Francesca está sentada junto a uma das janelas. Por um instante, fico parada, deslumbrada com a vista sobre a cidade.

«Charlotte, estas são a Emma, a nossa aniversariante, a Mercedes e a Suzanne.»

Falam todas ao mesmo tempo. Percebo que põem em dia conversas antigas e partilham as últimas novidades. A Emma exhibe um relógio novo. A Mercedes entra na conversa e dá opiniões sobre como os relógios podem ser bons investimentos. À medida que vamos falando, vou-me sentindo cada vez mais à vontade, como se fizesse parte daquele grupo. Senti o mesmo durante o jantar, parece que nos conhecemos há anos.

A Úrsula levanta-se, com o pretexto de fumar um cigarro. A Mercedes faz o mesmo, não sem antes me convidar a acompanhá-la. Saímos as três para a varanda escondida numa das pontas da sala. Penso para mim que estas cadeiras não se coadunam com os trajes de noite. A Úrsula fica sentada ao meu lado, o que faz com que os nossos joelhos se toquem. Acende um cigarro e oferece-me. Recuso delicadamente.

A Mercedes, sentada ao nosso lado, enveredou a fundo na conversa sobre investimentos. Não sei quem ela é, quando chegámos, a Francesca disse apenas o seu nome. A Úrsula tenta pô-la a par da nossa conversa sobre a Fundação, explicando que me ofereceu ajuda. Por momentos, tenho a sensação de que a sua expressão se altera, como se tivesse pensado em alguma coisa que a perturbou.

A festa estava marcada para as dez, mas acabei por pedir à Mercedes que fosse andando, dizendo-lhe que iria lá ter diretamente, quando me despachasse.

Voltar a ver a Úrsula causa-me um frio na barriga. Para lá de todas as emoções, continua pendente a proposta de trabalho. Tenho adiado uma resposta, mas, quando fui a Munique, fiquei muito entusiasmada. Quero aceitar e, ao mesmo tempo, morro de medo. Trabalhar com pessoas que fazem do *stress* profissão e que não esperam nada menos do que a perfeição... será que consigo?

Recordo as últimas palavras da Charlotte «No início do ano, mudo-me para Paris».

Acabo de me pentear e olho para o espelho. Vesti um vestido preto, justo e comprido, que deixa os ombros de fora, num decote inclinado. Uma sombra nos olhos, um pouco de batom e está terminado. Nunca se sabe o que pode acontecer nestas festas!

Entro e a Emma corre a cumprimentar-me. «Feliz aniversário!», digo, sorrindo. «Desculpa chegar tão tarde, mas o dia hoje foi de loucos...»

«Sem problema, vem! Vem comer alguma coisa.»

A voz da Mercedes soa junto ao meu ouvido: «Aqui estás! Que tal o teu dia?», pergunta, beijando-me no pescoço e murmurando: «Deslumbrante! Quem vens seduzir?»

Sorrio e não respondo. «Já te tinha procurado. Como não te vi, achei por bem comer qualquer coisa antes de desfalecer. Onde estavas?»

«Lá fora, fui fumar um cigarro com a Úrsula.»

«Ainda não a vi...»

«Ficou lá fora, está muito bem acompanhada.»

«A sério?! Quem? Alguém que eu conheça?», digo, descomprometidamente, não podendo adivinhar o que me espera. «Quanto mistério!»

«Quem está lá fora com a Úrsula é a Charlotte!»

Não percebo: «Como assim a Charlotte, que Charlotte?»

«“A” Charlotte!»

«Não pode ser! O que é que ela está aqui a fazer?», paro um

instante para logo exclamar: «E tu?! Estavas lá fora com ela?»

«Estava, mas acho que ela não sabe quem eu sou. A Francesca vai colaborar com a Fundação, falou com a Úrsula e acabaram por convidar a Charlotte para a festa.»

«E agora?»

«Agora o quê? Agora, pões o teu melhor sorriso e vais lá fora cumprimentá-la.»

«Não sou capaz...»

«Porquê? Tens medo de quê?»

Respiro fundo e esvazio o copo de água que tenho na mão. Não consigo decidir o que fazer. A Mercedes, essa parece não ter dúvidas: «Faz o que tens de fazer! Eu adoro-te de qualquer maneira!», beija-me nos lábios e afasta-se, juntando-se a um grupo de mulheres que não conheço.

Avanço até à porta da varanda e paro imediatamente antes de a atravessar. A Charlotte fala animadamente com a Úrsula, que tem a mão pousada sobre o seu joelho.

«Boa noite», digo. As palavras são poucas, mas suficientes para a Charlotte saltar da cadeira. Não teria ficado mais espantada se na varanda tivesse aterrado um extraterrestre. A Úrsula levanta-se e dá-me um beijo.

«Já se conhecem?», pergunta, quebrando o silêncio momentâneo.

Sou a primeira a reagir: «Sim!» Não dou mais explicações, e beijo a Charlotte na face.

«Vou lá dentro buscar outra bebida», diz a Úrsula, dirigindo-se para a sala, deixando-nos sozinhas.

«Sem perguntas!», proponho.

«Certo, sem perguntas!», acede. «Queres sentar-te? Vê, esta vista é espetacular. Quase que se vê a nossa casa», diz, exagerando. Não deixo de notar que menciona a «nossa casa».

«Como estás? Como vai a Fundação?», pergunto, tentando fazer conversa.

Não me responde e diz: «Esse vestido... nunca passa de moda... parece que foi desenhado exclusivamente para ti!», ri das suas palavras. Ela sabe que, de facto, foi desenhado exclusivamente para mim. Foi o seu presente de aniversário de há uns anos.

As palavras da Mercedes vêm-me à cabeça, «faz o que tens de

fazer!».

CAPÍTULO 35

*30 de novembro — «Je t'aime plus
que je ne peux te dire»*

Charlotte

Peço uma cerveja enquanto espero. Afinal, fui eu que cheguei adiantada. Depois da noite de há duas semanas não voltámos a estar juntas. Eu fui a Paris e a Elena tem estado a fazer um curso. Entre uma coisa e outra, não sobrou tempo para muito mais. Finalmente, conseguimos combinar jantar.

Vejo e revejo na minha cabeça a noite da festa. Recordo a minha estupefação, a silhueta dela, o vestido, a conversa com a Mercedes. Tanta coisa se passou naquela noite.

Quando saímos do hotel fomos para casa. Nada mudou, ela não alterou nada. Convidou-me para um café e, sem dar conta da estranheza do ato, fui eu quem pôs a música a tocar. Inevitavelmente, a conversa foi parar à Mercedes. Tê-la conhecido sem saber quem ela era teve um efeito singular, permitiu-me simpatizar com ela antes de me corroer com ciúmes.

A Elena insistiu para que eu tocasse. Entre a teimosia dela e as saudades do piano, concordei. Sentada no banco, senti as suas mãos nas minhas costas. Levantei-me e ficámos frente a frente. O beijo era inevitável, os lábios tocaram-se devagar, para logo a sensação de urgência tomar conta de nós. Foi um beijo apaixonado, um beijo que carregava dentro de si as saudades de tantos e tantos meses. Parecia impossível descolarmos os lábios. As mãos dela atravessavam o meu corpo e as minhas tentavam em vão tocar a sua pele através do vestido.

«Porque é que a Úrsula tinha a mão no teu joelho? O que se passava, afinal, naquela varanda?»

Corei, nem tanto pelo que se passou, mas pelo que sei que se poderia ter passado. «Acho que nada, mas se queres a verdade, não sei.»

«Pois...», respondeu, como se soubesse coisas que desconheço.

Enquanto me desafiava com palavras e mantinha os olhos fixos nos meus, desapertou o fecho do vestido e, com um gesto simples, passou-o sobre a cabeça. De forma inesperada, ficou nua à minha frente, deitou-se no sofá e passou as mãos sobre o seu próprio corpo. Fiquei com a boca seca, sem saber como reagir. Não tive muito tempo para pensar antes de a ouvir dizer: «Despe-te!» Fiz o que me pedia, ficando apenas com a roupa interior. Quando me aproximei, ela levantou-se, abraçou-me e encostou-me contra o piano. Sem preâmbulos, sem pedir autorização, senti a sua mão penetrar-me, os seus dedos deslizavam, enquanto o seu olhar permanecia fixo no meu, observando cada expressão, cada movimento. O desejo era insano e a urgência aumentava a cada movimento. Não sei o que se passou, mas esta era uma faceta dela que não conhecia. Não consegui resistir e o meu corpo explodiu num orgasmo em poucos instantes. Queria dizer e fazer alguma coisa, mas fui incapaz. Os meus joelhos perderam a força e deixei-me cair sobre o tapete. Mais uma vez, tudo era surpreendentemente novo. Ela pegou na minha mão e colocou-a entre as suas pernas, colou a boca no meu ouvido e, numa voz provocadora disse-me: «Agora é contigo! Eu sou tua... *chérie*...» Não consegui esperar que terminasse o que ia dizer, as minhas mãos tocaram a sua pele, a sua boca, e, por fim, o sítio que sei ser o «certo», quase instantaneamente, ouvi o seu grito e senti o corpo vibrar numa onda de prazer.

Olho para o relógio e já passam vinte minutos da hora combinada. Não é que seja muito mas, habitualmente, a Elena não se atrasa. Olho outra vez para o telemóvel, procurando registo de uma chamada ou de uma mensagem. Nada. Recordo todas as vezes em que antecipei o pior. Hoje não vou deixar que isso aconteça. A terapia tem de servir para alguma coisa, penso. Peço outra cerveja e tento distrair-me.

Aproveito a espera e ligo ao Jean-Luc, interrompendo-lhe o jantar. Está particularmente bem disposto, liga a alta voz e o Pierre junta-se à conversa.

«Ainda bem que ligaste, hoje estive na tua nova casa. Está quase pronta. A próxima vez que vieres já podes lá dormir.» Ele tem trabalhado incessantemente e consegue contagiar-me com a sua energia.

«Fantástico! O próximo ano vai ser curto para tudo o que temos de fazer... E tu, Pierre, como é que estás?»

Ouçó outra vez o sinal que avisa que há uma chamada em espera. «Pierre, desculpa, vou desligar porque tenho outra chamada e pode ser a Elena, estou à espera dela, ela está atrasada.»

«Grandes novidades!», ouço ainda a voz do Jean-Luc, quando estou a desligar.

Pela terceira vez faz-se ouvir um número que não conheço, desta vez atendo de imediato. «Estou a falar com a Charlotte? Charlotte Grimaux?», o tom faz-me gelar. Aconteceu alguma coisa!

«Sim, é a própria, quem fala?»

«Sou a enfermeira Paola, do serviço de Urgência do Hospital del Mar...» Não digo nada, a minha respiração está acelerada, só quero saber o que está a acontecer.

«A senhora Elena Roig teve um acidente...» Sinto que vou vomitar, as minhas mãos suam frio, incapaz de lidar com as palavras que se seguem.

«Ela está bem e pediu-me para lhe ligar.» A sensação de alívio é tanta que suspiro profundamente várias vezes antes de conseguir falar.

«Está mesmo bem? O que é que aconteceu? Onde é que ela está?», as perguntas sucedem-se aos tropeções.

Quando chego ao hospital, a Elena já foi transferida e dizem-me que ficará em observação. A enfermeira do piso pede-me para esperar dentro do quarto, explicando-me que ela foi fazer alguns exames. Sento-me na cadeira ao lado da cama. A mala dela e um saco com a sua roupa estão pousados sobre a mesa. Ocorre-me que devia informar a Mari Cármen. Ligo-lhe, explicando a situação em breves palavras. Enquanto falamos, penso que a Elena deveria gostar que a Mercedes fosse avisada. A Mari Cármen oferece-se para

a contactar, não deixando de dizer que está surpreendida com o meu pedido. Quando desligo, entra no quarto uma médica que se dirige a mim.

«Boa noite, sou Luzia Fuentes. É a Charlotte, a mulher da Elena, certo?», pergunta, estendendo-me a mão.

«Sim, sou. Como é que ela está? O que é que se passou?»

«A Elena está bem. Foi lá acima à obstetrícia. Os aparelhos deles são melhores do que estes aqui. Deve voltar para baixo num instante. Não se preocupe, está tudo bem com ela e com a gravidez. Os fetos estão os dois bem, e não houve nenhuma perda de sangue. Por isso, parece que foi só o susto.»

«Os fetos?», é tudo o que consigo pronunciar.

«Sim, são gémeos, ainda não sabiam? Parabéns! Quanto ao acidente, tudo o que sei é que o carro que seguia à frente travou de repente e ela não teve tempo de parar. Perdeu os sentidos no local, mas, quando a ambulância chegou, já estava consciente. Vim mesmo só para a descansar e para lhe dizer que em breve ela estará aqui. Vamos mantê-la cá esta noite, mas, se estiver tudo bem, amanhã pode ir para casa.»

Depois de dar toda a informação de uma só vez, despede-se e sai, deixando-me sozinha. Não estou a conseguir processar. Grávida? A Elena está grávida? Grávida de gémeos?

Sou invadida por uma onda de pânico. Pego nas coisas, saio e sigo pelo corredor sem saber para onde vou. Cá fora, o movimento não é grande a esta hora. Atravesso até ao gradeamento e deixo-me ficar sentada num dos bancos de madeira. Não sei dizer quanto tempo passou, até ouvir o som do telemóvel. Não conheço o número, mas atendo.

«Charlotte, estás bem? Sou a Mercedes. A Elena deu-me o teu número, onde estás? Estás aqui no hospital?»

Inexplicavelmente, fico aliviada por ouvir a sua voz.

«Sim, quer dizer, não exatamente. Estou na rua. Estou sentada aqui num dos bancos no passeio.»

Ela não parece achar nada de estranho: «Posso ir ter contigo?»

Sem alternativa, explico-lhe onde estou.

A Mercedes senta-se ao meu lado, em silêncio.

Sem ser capaz de me conter, deixo correr as lágrimas. Ela

descalça as luvas e pouisa a mão sobre a minha perna. Fica simplesmente ali, ao meu lado, sem perguntas, sem palavras. Choro tudo o que tenho de chorar. Aos poucos, recomponho-me. «Obrigada! Obrigada por estares aqui.»

«A Elena está bem. Já está no quarto. Ficou com a Mari Cármen.»

«E tu? Não queres voltar para lá? Eu fico bem...»

«Não! Já lhe dei um beijo e já lhe desejei bons sonhos. Neste momento, a minha preocupação é contigo. Pode parecer-te estranho ou inapropriado, mas o que é que achas de sairmos daqui e irmos beber alguma coisa? Garanto-te que não te estou a tentar seduzir, pelo menos, não hoje!»

As palavras dela conseguem arrancar-me um sorriso. Sinto-me confortável na sua presença. «Tenho o carro no parque...»

«Deixa o carro aqui, amanhã levas o carro. Agora vamos no meu.»

Sentadas num pequeno bar, bebemos um *Irish Coffee*. Ela assume a conversa e vai direta ao assunto. «Nós não nos conhecemos, mas acho que sei porque é que estás assim...»

«A Elena está grávida... de gémeos...», as palavras escapam-se, sem eu as poder travar.

«Eu sei.» A Mercedes fala com uma tranquilidade que não deixa de ser contagiante. Dá mais um gole no copo, mexendo o líquido com a colher. Começo a perceber porque é que a Elena gosta tanto dela.

«Eu sei que a Elena está grávida e imagino que tenha sido um choque para ti. Quando cheguei ao quarto, a Dra. Luzia Fuentes estava precisamente a dizer-lhe que tinha falado contigo e que te tinha dito que estava tudo bem. Pobre Elena! Tenho a certeza de que ela não queria que tivesses sabido assim...»

«Quem mais sabe? A Mari Cármen? A Pilar?»

«Não, ninguém. Só eu.»

A minha cabeça roda a mil. Noutras alturas, com assuntos menores, estaria aos gritos a exigir explicações. Mas agora, não me sinto capaz nem de gritar nem de exigir o que quer que seja.

«Não quero ser eu a explicar-te, não mais do que o necessário, até poderes conversar com ela.» A Mercedes volta a tocar-me, desta vez agarrando na minha mão.

«Ajuda-me a perceber o que é que se passa. Ela está com alguém?»

«Não. A Elena não está com ninguém», diz, abanando a cabeça e afastando uma madeixa que lhe cai sobre os olhos.

«Então, não consigo perceber. Nós tentámos várias vezes, primeiro com inseminação artificial, depois com fertilização *in vitro*, mas ela não engravidou. Ainda temos dois embriões congelados...», detenho-me subitamente. «Ela usou os embriões?!», digo, quase aos gritos. As peças encaixam-se como num quebra-cabeças que se resolve.

A Mercedes olha-me, calada, enquanto termina a sua bebida. «Acho que não precisas que te explique nada, pois não?», pergunta, mantendo a voz inalterada.

«Não consigo acreditar! Como é que ela foi capaz! Logo ela...»

«Porquê “logo ela”?»

«Ela é das pessoas mais íntegras, mais honestas que conheço. Como é que ela me pôde fazer isto?»

«Estás a ver a situação do ângulo errado. Ela não “te” fez isto, ela fez “isto” a si própria. Perante os motivos certos, as pessoas são capazes de tudo. Do melhor e do pior. A única coisa que interessa é se o motivo é suficientemente forte. A Elena quer ter um filho mais do que consegue explicar. Provavelmente, mais do que deveria, se é que a palavra se pode aplicar neste contexto.»

Não é fácil seguir o discurso da Mercedes, embora perceba o que ela quer dizer. «E agora?»

«Agora, a vida segue. Esperemos que a gravidez corra pelo melhor e daqui a uns quantos meses nascerão dois bebés. A questão é o que é que tu queres fazer, perante as circunstâncias? Imagino que seja uma surpresa e tanto.»

Pela primeira vez, na minha cabeça, a palavra «gravidez» transforma-se em «bebé». Não posso deixar de sorrir, e vejo pelo olhar da Mercedes, que não lhe passa despercebido.

«O que é que eu quero? Não faço a menor ideia! Eu vou para Paris daqui a um mês, a Fundação está a começar e as coisas têm-se sucedido à velocidade da luz. Estava tudo bem planeado e parecia que finalmente estava a conseguir ter algum controlo sobre a minha vida.»

«Posso fazer-te uma pergunta?»

«Claro.»

«Ainda és apaixonada por ela?» A pergunta é exatamente igual à que me fez o Jean-Luc. Curioso que duas pessoas que nem se conhecem me façam a mesma pergunta. Antes que eu responda, ela continua: «Não precisas de responder, o teu olhar diz tudo. E se o “tudo” não fosse suficiente, acho que a noite que passaram juntas o comprovaria.»

Claro que a Elena lhe contou sobre a nossa noite.

«Ela é apaixonada por ti. Só tu e ela é que continuam a não querer ver o óbvio.»

«Não é assim tão simples... queremos coisas diferentes...»

«Já sei, já sei! Ela disse-me as mesmas exatas palavras, querem coisas diferentes, têm sonhos distintos, linhas paralelas, etcetera, etcetera... e no fim...? São apaixonadas uma pela outra! Pode ser que não consigas ver isso hoje, mas digo-te, para mim é tão transparente como a água.»

«É a minha vez de fazer uma pergunta, pode ser?»

«Força!»

«O que é que “tu” sentes por ela?»

«Eu adoro a Elena. Quando a conheci fiquei fascinada. Mas é um sentimento diferente. Eu não quero dividir o dia a dia com a Elena, nem com ninguém. Não me perguntes se a desejo, e menos ainda, por todas as noites que tivemos, sei que não ias gostar da resposta. Acho que percebes, percebes tanto que não sinto que tenhas ciúmes, e olha que eu sei que és ciumenta!», sorri e pisca-me o olho.

«Mais uma vez, não tenho a certeza de te conseguir acompanhar, mas numa coisa tens razão, eu não tenho ciúmes!» Quando ouço as minhas palavras, penso o quão singular é o que acabo de dizer. Singular, mas, nem por isso, menos verdadeiro.

Toco à campainha. Penso em usar a chave e entrar pela garagem, mas acabo por decidir não o fazer e usar a porta principal. A Elena abre e convida-me a entrar. Sentamo-nos, frente a frente e suficientemente afastadas para a conversa que se antecipa. Ela voltou hoje do hospital. Não me senti capaz de a ir buscar, e liguei-

lhe a combinar que viria cá ter diretamente. Não há como fugir, temos de falar sobre o que se passou. Ontem cheguei a casa já de madrugada e adormeci quase imediatamente. Hoje de manhã, enquanto tomava café, recordei a conversa com a Mercedes, e acabei por lhe telefonar a agradecer, é uma pessoa especial.

«Não há maneiras fáceis de te explicar o que se passou... eu sei que devia pedir desculpa, mas parece-me tão pouco, tão vazio, dadas a circunstâncias... não sei qual é a palavra certa, podia dizer que me arrependo, mas não é verdade. Queria que tivesse sido diferente. Queria que tu tivesses estado aqui comigo.» A Elena está visivelmente emocionada. A sua voz treme e percebo que se controla para não chorar. Não interrompo e ela continua, mantém os olhos baixos, e eu não consigo desviar os meus.

«Ter um filho tornou-se tão importante. Por mais que queira, não te consigo justificar. Quando te foste embora fiquei de rastos, passei dias, semanas, a tentar perceber o que é que tinha feito de errado. Não podia ser por sentires falta de amor, porque isso, eu dei-te de sobra, então o quê? Estive ao teu lado, tentei compreender coisas que, para mim, não faziam sentido nenhum... tentei não me irritar com as tuas “birras”, não ir atrás das tuas provocações. Nada fazia sentido. Sexo? Seria o sexo que não te agradava? Não sei, não tinha como comparar, e não te podia perguntar. Nunca falámos muito sobre isso. Funcionava e pronto. Não me questioneei se podia ser melhor, se querias outra coisa. Por mais que pensasse, até hoje, não consegui perceber o que se passou. A Mercedes fez-me sobreviver, mostrou-me outra realidade, limpou as minhas lágrimas todas as vezes em que precisei de chorar. Foi a amiga e, chamando as coisas pelos nomes, a amante, mas não será nunca...» Deixa a frase em suspenso e não conclui. «Tu és a mulher da minha vida, a minha mulher! É verdade, deixei que os médicos pensassem que sabias da inseminação. Decidi sozinha, sabendo que confiavas em mim.» Termina, por fim, e deixa cair a cabeça para a frente, escondendo a cara entre as mãos, com os cotovelos apoiados sobre os joelhos. Percebo tudo o que me disse, e gostava de me justificar, mas dizer o quê? Que fui cobarde? Que não sei como lidar com a ansiedade de ser mãe? Será que isso ainda importa? Ela está grávida!

«*Chérie...*» Há quanto tempo não a chamava assim? «Não sei o

que te dizer... mas uma coisa eu sei, vamos ter de descobrir uma solução. Está feito, e não tem volta!» Os meus sentimentos são contraditórios. «Vamos ter não um, mas dois bebés, e isso vai ter de prevalecer sobre tudo o resto. Não duvides nunca, eu vou ser... eu sou mãe destas crianças. Vamos ser as melhores mães do mundo!» Consigo roubar-lhe um sorriso, no meio das lágrimas que lhe correm pelo rosto. «Eu traí-te, mas não foi por ir para a cama com a Alícia. Não foi por me apaixonar por ela, eu traí-te porque não fui capaz de ser honesta contigo. Não fui capaz de partilhar os meus medos e as minhas angústias. Estava demasiado assustada para querer ter um filho e tu, tu querias isso mais do que qualquer coisa. Pensei que se nos afastássemos, podíamos seguir em frente.»

A Elena levanta finalmente a cabeça e olha-me nos olhos. «Não me deste opção de escolha, não me perguntaste o que é que eu queria, decidiste sozinha, e deixaste-me sem uma explicação.»

«Não fui capaz de fazer melhor... Se voltássemos atrás, queria pensar que faria diferente, mas nunca saberemos... Este ano foi difícil. Foi um dos piores e um dos melhores da minha vida.»

«Achas que algum dia vais ser capaz de me desculpar?»

«Devolvo-te a pergunta, e tu?»

«Já te perdoei há muito tempo...», parece que vai continuar a frase, mas acaba por engolir as palavras e não diz mais nada.

Levanto-me e aproximo-me do sofá onde ela está sentada. Cuidadosamente, ponho as mãos sobre os seus ombros e aproximo a boca da sua, antes de a beijar, murmuro: *«Je t'aime plus que je ne peux te dire.»*

EPÍLOGO

31 de dezembro — Passagem de Ano

Charlotte

A casa está cheia. Como eu gosto de festas! Lembro-me de pensar exatamente o mesmo há um ano.

«Olá, olá, porque estás aqui escondida? Em que pensas?» A Elena estende-me um copo de champanhe e traz na outra um enorme copo de água tônica com gelo.

Dou-lhe um beijo rápido antes de responder.

«Fazia um balanço do ano.»

«Que difícil!», diz, soltando uma gargalhada.

«Foi um ano e tanto», confirmo.

«Sofri como em poucos, e fui feliz como nunca. E tu? Estás feliz?»

Não quero estragar o momento, lembrando que dentro de uns dias estaremos em cidades diferentes, em países diferentes. Mudo de assunto.

«Há bocado fui à tua procura, estavas ao telefone, estavas tão embrenhada na conversa que nem me viste...Desculpa! Não estou a tentar controlar! Não mesmo!»

«Calma! Não precisas de te preocupar cada vez que me fazes uma pergunta, mas tenho de te confessar que essa tua preocupação me agrada. Estava a falar com a Mercedes. Ligou para saber como estava e para desejar Bom Ano. Perguntou por ti.»

«Como é que ela está?»

«Está bem. Está em Nova Iorque. Convidou-nos para ir até lá.»

«E mais? Não contou mais nada?»

«Contou...» A Elena sorri, fazendo aparecer as suas covinhas. Ao mesmo tempo, num esgar, faz transparecer a tristeza inerente à

dificuldade em gerir os sentimentos. «Achava que ela se tinha ido embora por causa da nossa reaproximação, mas descobri agora que a principal razão foi outra. Conversou com a Rosa. Fez-me apenas um resumo, mas percebi que, depois de elas perderem o contacto, a Rosa se separou do marido. Tentou dizer isso à Mercedes nas cartas que ela nunca abriu, mas acabou por desistir. Agora vive em Madrid e é casada com uma advogada. Uma história feita de desencontros.»

O Pierre interrompe a nossa conversa:

«Venham, temos uma coisa para vos contar.» Por certo são boas notícias.

«O que é que se passa?», pergunto, olhando para o Jean-Luc. «Estás com cara de quem vai anunciar um casamento, mas não podes porque já és casado. Vais candidatar-te outra vez?»

«Quase... Vamos candidatar-nos...»

«Vão candidatar-se a quê?»

O Jean-Luc faz um momento de pausa, para criar tensão e solenidade no momento.

«Vamos adotar uma criança. Já demos entrada ao pedido... Agora é esperar.»

Todos se movimentam na sala e, num primeiro momento, não percebo o que se passa. A minha mãe está sentada ao piano. Faz-se um silêncio absoluto e a música de Eloise Hubert enche a sala. A perfeição do momento é indescritível. A Elena tem a cabeça pousada no meu ombro e segue perdida em sonhos, sorrindo.

Meia-noite! O som das rolhas de champanhe mistura-se com o dos fogos que rebentam na rua. Beijo-a, num beijo prolongado, fecho os olhos e penso nos desejos para o próximo ano.

Elena

O quente do corpo dela deitado ao meu lado dá-me paz, é um bem-estar maior, como se tudo estivesse no sítio certo.

Quando penso que já adormeceu, ouço a sua voz:

«A noite foi quase perfeita, não foi?»

«Porquê “quase”? A mim pareceu-me perfeita!» Sei a que se refere, mas finjo ignorar.

«Na próxima semana vêm embalar as coisas. A casa de Paris está pronta e tenho de começar a trabalhar. Mas não paro de pensar... E nós?»

«Diz lá outra vez como é que é essa casa?», pergunto, como quem quer, simplesmente, aliviar o ambiente.

«É linda, vais adorar! Não contava ter duas crianças a correr pelos corredores, mas tudo se arranja», tenta em vão parecer animada, mas a sua voz não esconde a tristeza.

É fácil perceber que há uma pergunta que lhe queima a garganta, noutros tempos já a teria pressionado. Esta nova versão dela é estranha, não sei como atuar ou o que esperar. Boa, mas nem por isso menos singular.

«Há alguma coisa que me queiras dizer? Não sei, pareces angustiada...»

Ela desvia o olhar, e fita o teto. «Dentro de dias vou para Paris, e tu ficas aqui... Pensei que lá, talvez me sentisse melhor, talvez conseguisse seguir em frente... Agora não sei o que fazer, não posso simplesmente dizer que já não vou, mas não quero ir.»

«E se fôssemos juntas?», pergunto, no mais inocente dos tons.

A Charlotte levanta-se bruscamente, ficando sentada na cama: «Como assim? Vires comigo para Paris? E a clínica? E os teus pais? Falas a sério?»

Quando se detém por um momento para respirar, intervenho: «Tantas perguntas e nenhuma resposta. Queres que vá contigo para Paris?»

«Claro que sim! Isso seria mais que perfeito!»

«É a minha supressa de Ano Novo! Aceitei o convite para trabalhar com a equipa de *trading*. É uma missão quase impossível, manter aquelas pessoas mentalmente saudáveis.»

Ela continua sentada em cima da cama de pernas cruzadas, sorri, abre a boca, mas volta a fechá-la sem conseguir dizer uma única palavra.

«Não dizes nada, *chérie*?», pergunto. «Vais ter de me ensinar um pouco mais de francês.»

«*Je t'aime plus que je ne peux te dire.*»

SOBRE ESTE LIVRO

«Ela parece compreender, e toma-me nos braços, beija-me a boca, o pescoço, lambe-me a orelha, e brinca com o meu brinco. Somos tomadas pela urgência, pela ânsia do prazer. A conversa inacabada permanecerá inacabada, pelo menos esta noite.»



Entre festas glamorosas, vestidos brilhantes, mulheres poderosas e lobbies profissionais, Elena e Charlotte são o retrato de um casal perfeito, rodeadas de boa comida, boa bebida e amigos ricos como elas, com profissões importantes e preocupações políticas. A verdade, no entanto, é que nenhuma vida é perfeita.

A chegada de Alicia, uma nova aluna de doutoramento, à faculdade onde Charlotte ensina, irá abalar a vida de Elena de uma forma que ela nunca antecipou. A sua ciumenta mulher, sempre tão insegura, muda de repente, trocando-a por Alicia, jovem, livre e fascinada por Charlotte.

Neste arrebatador romance de estreia, A. M. MacAndrew aborda intimamente o amor profundo entre duas mulheres, a atração, o desejo e a fragilidade de todas as relações — mesmo quando há amor.

SOBRE A. M. MCANDREW

A. M. McAndrew é médica, doutorada pela Universidade Autónoma de Barcelona. Trabalhou durante mais de vinte anos na área da investigação científica, onde publicou vários livros técnico-científicos na área da investigação clínica e da identidade de género. Atualmente divide o seu tempo entre a Faculdade de Medicina, onde leciona, e a escrita de ficção pela qual se apaixonou.